

SILVANA BARBOSA

O^{UÇA} MEU *Coração*



SÉRIE LIBERTINOS • LIVRO 5



Ouçá meu coração

Silvana Barbosa

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

Capa e Artes gráficas editoriais: Néli Rúbia

Revisão: João Carlos Ferreira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com datas, fatos reais, pessoas vivas ou mortas, terá sido mera coincidência.

Este livro é protegido por direitos autorais, sua reprodução ou cópia só poderá ser feita mediante autorização expressa da autora.

Prólogo

O conde de Attwood sentou-se na mesa já ocupada por seus amigos, no melhor clube de cavalheiros que havia em Londres.

— Finalmente! — O marquês de Brighton fez um sinal a um criado que passava, indicando que queria uma nova rodada de bebidas. — E então, como foi?

Attwood bufou.

— Estive perto assim — ele fez um movimento com dois dedos, representando a porção mínima de alguma coisa, — de conseguir. Mas o maldito do Mortimer venceu! Ele ofereceu uma mina para o Heart, além dos valores esperados. Eu não sou dono de nenhum veio mineral como o dele, senão...

— Fala a sério que além do valor absurdo que ele pede, mais os eventuais pedaços de terra incluídos no acordo, você ainda lhe daria uma mina rentável, se a tivesse? — O duque de Tyrone tirou o charuto da boca, surpreso.

— É uma Sacred Heart, Tyrone, é claro que ele daria. Eu pagaria o que ele pedisse, se pudesse — afirmou Fallentin, embaralhando as cartas que recebera de um criado do clube.

— Ah, pelo amor de Deus, Fallentin! Até você? — Smith se remexeu na cadeira, abrindo para os amigos da mesa uma nova caixa dos charutos, que trazia sempre de suas tabacarias.

— Não perca seu tempo espantando-se ou tentando achar alguma lógica nesses homens e sua sede de procriação, Smith. — Brighton deu uma risada.

— Claro, fala isso porque tem três varões em casa, Brighton. — Fallentin fez uma careta. — Já eu ou Attwood não temos uma família favorecida por gerar números significativos de crianças do sexo masculino.

— Falou o engenheiro. Daqui a pouco vai fazer cálculos e desenhar projetos sobre a mesa para provar que está certo... — o duque provocou o amigo.

Todos riram, já de bom humor graças ao álcool que vinha sendo consumido com regularidade durante a conversa.

Fallentin sacudiu seu charuto no ar, fazendo círculos de fumaça que se

espalharam pelo salão.

— Para mim não é um caso tão grave, não tenho uma posição junto à coroa a zelar. Para vocês, *nobres*, deve ser muito preocupante não ter para quem deixar seu título...

Os homens silenciaram. De fato, não ter a quem passar seu título, e vê-lo encaminhar-se para a extinção, ou saber que após sua morte seguirá para um parente incompetente ou tolo, era muito frustrante.

— Mas cada homem aqui nesta mesa já gerou um sucessor. A situação não é desesperadora, ora. — O marquês serviu-se do uísque de seu copo, tomando um grande gole, depois continuou — Estão supondo que seus rebentos não terão filhos! Como podem saber que não?

— Não temos como saber, mas e se eles só tiverem meninas? E se eles morrerem antes que surja um herdeiro? Como ficarão suas filhas, como ficará a viúva? Vocês sabem o que os novos lordes fazem quando não são os sucessores diretos. Não quero pensar que minhas netas podem se tornar as parentes pobres de alguém, ou... governantas!

— Attwood, você é um esnobe. Qual o problema com os trabalhadores humildes, como eu?

O conde levantou o olhar para ver seu interlocutor, Cunningham, que se aproximara da mesa, e sorria, com os olhos de um verde muito claro brilhando astuciosamente.

— Você não é um trabalhador humilde, Cunningham. Nem Fallentin, antes que ele grite.

Cunningham puxou uma cadeira da mesa vizinha, sem esperar que o funcionário solícito, que havia se aproximado apressadamente, o ajudasse. Ele o dispensou com um gesto breve, e debruçou-se sobre a caixa de charutos, escolhendo um.

— Sempre eficiente, Smith.

— Obrigado, Cunningham.

— Como vejo que não está muito feliz, Attwood, suponho que sua negociação pela Sacred Heart não foi bem sucedida.

— Não, Cunningham, não foi. E não me olhe desse jeito, senhor advogado. Você e seus colegas são os criadores deste tipo de acordo.

— Eu aprovo e concordo com casamentos arranjados. Os contratos são um acordo justo para ambas as partes, caro conde, mas não gosto da forma com que Desmond conduz as coisas... As meninas Sacred Heart parecem mais uma mercadoria de luxo do que jovens damas que irão gerar os mais importantes

herdeiros do Reino Unido. Ou de outros reinos, já que algumas delas foram... *exportadas*.

— As parteiras ainda estão limpando as meninas enquanto o Heart já está fazendo seus cálculos e aceitando ofertas para os casamentos delas... — retrucou Brighton.

— Oh... Lá vem o defensor das normas e bons costumes, o marquês de Brighton!

— Cala a boca, Henry — respondeu o marquês, deixando o título de Attwood de lado, e chamando-o pelo nome de batismo. — Não sou e nunca fui santo, mas nem mesmo eu negociaria uma filha que mal saiu do ventre da mãe, muito menos sem me preocupar com os antecedentes do homem para qual ela será destinada assim que deixar a escola!

— Nisso ele está certo, Attwood.

— Pensei que estivesse do meu lado, Fallentin!

— Sejam os justos, Desmond Sacred Heart é um crápula. Casou com uma prima de segundo grau apenas para certificar-se que suas descendentes seriam duplamente abençoadas com o selo de excelentes procriadoras de herdeiros. A fama de gerarem *sempre* meninos antes de alguma menininha lhes fez virar as galinhas de ovos de ouro da família... Este inescrupuloso negocia as herdeiras sem importar-se com a índole de quem se candidata a noivo, contanto que lhe paguem o estipulado...

— O que ele fez, vendendo a sobrinha para um líder turco, num acordo que garante que receba de volta uma garota, caso nasça mais de uma daquela união, me deu ânsias de vômito! Ele lida com pessoas como se lidasse com gado — resmungou Smith. — Eu jamais permitiria que meu Tristan se casasse com uma Sacred e nos prendesse a um laço familiar com o bastardo do Desmond. Desculpe-me, Henry, mas é a verdade.

— Eu só quero que meu menino tenha chances melhores que eu! — Attwood esfregou a testa.

Gabriel Cunningham pôs a mão no ombro do amigo.

— Sabemos disso.

— Minha mulher perdeu três crianças. Lorde Tim é nosso milagre.

Os homens em volta da mesa assentiram. Todos eles já haviam se habituado a chamar o pequeno Timothy, visconde de Alvoy, de *Lorde Tim*, como o pai fazia, inicialmente em tom de brincadeira, por causa do gênio voluntarioso do pequeno herdeiro. O apelido composto havia pego e combinava com o garotinho.

— Lorde Tim vai crescer, se tornar um homem forte, e fazer muitos filhos com uma mulher ainda melhor que qualquer filha ou neta de Desmond, pode ter certeza.

— Você é um otimista, Gabriel. Mas também, sua esposa lhe deu com facilidade dois garotos... Em breve deverá estar planejando a chegada de mais um.

Gabriel Cunningham sorriu, sem conseguir evitar um pouco de orgulho por sua prole.

— Christian ainda tem poucos meses, não posso pensar em outro filho tão rapidamente.

— Apenas vá treinando, Gabe — provocou Lionel, marquês de Brighton.

Dawson Shakman, visconde de Faulkner, juntou-se ao grupo, enquanto pegava um charuto e aguardava que o criado do clube colocasse mais um copo à mesa.

— Do que estão falando, do novo imperador da França?

— Ah, Napoleão Bonaparte não merece nossa atenção, Shakman.

— Espero mesmo que não, mas pressinto que vamos ouvir falar dele muito mais do que apenas pela Revolução. — Shakman deu de ombros. — Então qual a pauta da noite?

— Treinamentos de alcova para agradar nossas mulheres de modo que deem vários filhos para nós!

Shakman deu uma risada alta.

— Oh... Então também preciso treinar! Não há um número específico para mim, mas aceitarei de bom grado quantos *ranhentos* Deus me enviar.

— Assim como nós! Ora, nossas esposas ainda são jovens, somos homens vigorosos, e cada um de nós ainda pode ter muitos filhos! Proponho um brinde à nossa saúde, que todos tenhamos vida longa, e que nossos herdeiros sejam cavalheiros de grande sucesso! — Herbert, o duque, ergueu seu copo, no que foi seguido por seus companheiros

— Ou libertinos de sucesso! — Attwood gritou.

— Que sejam libertinos, e que sejam felizes! — Brighton completou, entre risadas e gritos de algazarra.

— Que assim seja!

(Londres, 1804)

Capítulo 1

Índia, colônia inglesa, muitos anos após o final das Guerras Napoleônicas

Timothy Flanagan, atual conde de Attwood, também visconde de Alvoy e barão de Bryant, remexeu-se na cama, ouvindo as batidas na porta. As duas mulheres, uma de cada lado no leito, moveram-se junto com ele, abraçando-o e envolvendo-o com as pernas. Ia ser difícil levantar-se assim... Huuum... será que ao invés de levantar-se, ele apenas poderia...

Uma nova saraivada de golpes atrapalhou o curso de seus pensamentos, enquanto sua mão já tocava uma nádega desnuda e macia.

— Oh, merda! O que é? Entre logo, e pare com este barulho dos infernos, pelo amor de Deus! — Sua cabeça havia começado a doer, e as batidas altas e insistentes não ajudavam em nada. Pelo visto ia ter uma ressaca daquelas... outra vez.

Surpreendeu-se quando seu criado pessoal enfiou a cabeça pela fresta da porta.

— Sahib, bom dia. Ou boa tarde. Er... Perdoe-me interromper, mas chegou uma correspondência da Inglaterra, e... acredito firmemente que é de grande importância.

— É de Londres, de Robert? — Tim ainda estava um pouco confuso pelo sono, mas sua mente começava a clarear. Começou a erguer-se, afastando o lençol. Robert costumava escrever-lhe, embora sua correspondência estivesse um tanto rara ultimamente. Para complicar, as entregas eram falhas, e cada vez mais atrasadas, já que vindas de navio estavam sujeitas às intempéries e imprevistos.

O criado entrou no quarto, detendo-se bem distante da cama, aguardando o patrão, já com a missiva em punho. Em seu traje claro, com bordados indianos, Raj parecia adequado àquele ambiente alegre do quarto de bordel. Mas sua fisionomia austera traía a primeira impressão, indicando seriedade extrema.

Expressão rara no rosto habitualmente sorridente.

— Não, meu lorde. Vem de Rose Place.

A casa da condessa viúva, Anne, sua madrastra. Notícias da família? Isto requeria atenção especial. Timothy sacudiu brandamente as prostitutas que lhe faziam companhia no leito, e que o haviam entretido durante toda a noite.

— Vamos, senhoras, me deem licença, preciso de um pouco de privacidade aqui. — O conde levantou-se da cama, sem preocupar-se em cobrir sua nudez. Seu criado já o havia visto despido inúmeras vezes, e as duas mulheres no quarto não apenas o haviam visto nu, como desfrutaram dele até quase o amanhecer. Ele sorriu rapidamente, recordando-se da pequena confusão que causara na noite anterior ao anunciar que pernoitaria. As moças do bordel que ele estava começando a frequentar já haviam se dado conta da generosidade do nobre, em vários sentidos, e acabaram envolvendo-se em uma pequena disputa por suas atenções. Timothy havia optado então por fazer o pequeno *sacrifício* de levar duas das mais afoitas garotas para o quarto. Ele não se arrependera da escolha. Muito menos elas...

As mulheres se levantaram rapidamente, catando suas roupas com ligeireza, sem se dar ao trabalho de vesti-las.

— Obrigado, obrigado. — Lorde Tim deu tapinhas nos traseiros nus antes que elas saíssem, provocando risadinhas femininas.

Então voltou-se a seu criado, com um suspiro resignado.

— Más notícias, não é mesmo, Raj?

— Lamento muitíssimo, *sahib*— Raj estendeu a carta para o patrão.

Tim olhou para o envelope, e, então, decidiu vestir as calças antes de ver o que Anne havia escrito. Parecia tolo, já que ela não poderia vê-lo, mas era um ato simbólico que sinalizava deferência. Estimava a madrastra, e a respeitava. Embora não fosse tão mais velha que ele, quando casara com o velho conde tinha idade suficiente para confortar a um garoto, como ele era na época, ansioso por receber atenção materna. Ela cumprira esse papel de forma eficiente e carinhosa. E alguns anos depois ainda fizera uma gentileza maior ao conde Henry... Dera-lhe duas filhas, entre intervalos não muito longos. O bom homem havia ficado muito feliz! E Timothy também ficara. Durante tanto tempo fora filho único... A grande diferença de idade entre ele e suas irmãs não o impediu de sentir-se satisfeito por mais este elo familiar... Ainda por cima em uma família tão pequena como era a dos Flanagan, com alguns primos e tias perdidos aqui ou ali. Certo que nos últimos tempos mantivera-se distante, mas isto não significava que não guardara afeto para com todas elas. Jane e Emily deviam ter crescido muito no período em que estivera fora...

Sentou na cadeira frágil que completava o parco mobiliário do quarto de bordel. A madeira rangeu com seu peso. Tim considerou rapidamente que fora mesmo uma boa decisão não fazer nenhuma brincadeira sexual com suas acompanhantes usando aquela peça como apoio. A criatividade seria suplantada por um belo acidente, e quase certamente, por muita dor no rabo.

Sem adiar mais, abriu a carta.

O conteúdo foi ainda mais inesperado e doloroso do que supunha. Levou uma das mãos aos olhos, apertando-lhes intensa e rapidamente. Não podia, no entanto, dar-se ao luxo de remoer o que lera ou perder mais tempo. Sua presença no Reino Unidourgia. Levantou-se, recolhendo seu casaco e demais peças que lhe pertenciam, e como as moças antes, sem preocupar-se em vestir-se.

— Vamos, Raj, precisamos juntar todos os nossos pertences e fazer as malas imediatamente. Vá na frente e oriente aos outros criados a prepararem tudo o que for necessário para que Vitoria viaje comigo no maior conforto possível, e que nada que ela precise ou estime seja deixado para trás. Estamos voltando para casa.

Raj teve dificuldades para disfarçar seu alívio diante da decisão do conde. Alguns anos antes, quando o patrão anterior falecera, deixando-o em uma situação difícil, sem emprego e sem moradia, havia sido o *senhor Lorde Tim* que o salvara, dando-lhe uma oportunidade, ao contratá-lo. O homem havia chegado há pouco na Índia, sozinho, e com dinheiro o bastante para formar seu próprio séquito. Colocou a responsabilidade de preparar um novo lar nas mãos de Raj, tornando-o assim muito mais que um mero criado particular. Portanto, Raj Badour, filho de indianos, treinado para servir os ingleses que viviam na colônia, mostrou-se muito grato. Cumpriu o que foi pedido com louvor, tornando-se braço direito do novo patrão. Estranhou o nobre, inicialmente. Sua experiência com os ingleses que viviam ali era a de lidar com pessoas pomposas, exigentes ao extremo, muitas vezes antipáticas. O lorde possuía a arrogância de quem nascera em berço, e, sim, era exigente em muitas coisas... Mas, no geral era bem diferente da maioria, no trato e no comportamento. E mesmo sendo tão pouco afeito às convenções, sempre pré-disposto a usar linguagem chulo e respostas cínicas na maioria das situações, Raj afeiçoou-se a ele. Ficou feliz quando o homem casou-se, e observou, em agradável expectativa, o ventre da patroa crescer, trazendo dentro de si nova vida, entristecendo-se sobremaneira quando, em uma das ironias terríveis do destino, ela retirou-se do mundo, de forma

trágica.

O conde Timothy amargara a perda da forma como a maioria dos homens fazia: recolhendo-se em si mesmo, procurando eventualmente a companhia de um copo de uísque, e cuidando da filha, Vitoria, o presente que a esposa havia lhe deixado. Quando, previsível e gradualmente, o lorde voltara às suas atividades, Raj ficara alerta. O nobre ia às jogatinas, tavernas, bordéis, levando muito tempo fora de casa. Depois de algum tempo as horas foram estendendo-se e estendendo-se, cada vez mais, até transformarem-se em pernoites. Noites fora, e dias perdidos, não eram características boas num pai viúvo. Muito menos em um que vivia longe do restante da família, e que tinha a responsabilidade de criar uma menininha. A volta ao lar, e às suas incumbências como senhor de terras e tomador das decisões de um condado, poderiam fazer o homem recobrar o juízo que parecia começar a perder. O destino outra vez surpreendera, no entanto, como era de se esperar, já que a vida real nunca era fácil, mais uma vez de forma cruel.

Capítulo 2

A vida às vezes era uma feia e grande bosta.

Anne, sua madrasta e amiga, a mãe de suas duas irmãzinhas, havia morrido.

E, pelo que a carta dizia, já havia algum tempo.

Putá merda!

Suas irmãs estavam sozinhas com os criados nesse momento doloroso, e Timothy deveria compensar isto.

Por esta razão, viajara imediatamente.

A viagem de navio havia sido longa e cansativa. E viajar com uma criança pequena não era, de forma alguma, o passeio mais divertido de todos. Procurara fazer o possível para que Vitoria sofresse o mínimo dos maus estares na embarcação, mas, ainda assim, a filha padecera de enjoos e se ressentira da mudança de temperatura de uma região para outra. O resultado é que sua pequenina chegara ao Reino Unido exausta, e após o descanso de uma noite num hotel da cidade portuária, seguiram para Surrey, e para Rose Place, onde finalmente poderiam usufruir todo o conforto merecido. Tim estava agitado demais para descansar. Ansiava rever as irmãs, consolá-las pela perda abrupta de sua mãe; e relembra-las de que não estavam sós no mundo. Segundo o mordomo, que o conhecia desde menino, e que o recebera com alegria, as meninas estavam nas cercanias, brincando. Então arrancou a gravata — que, graças a algumas mudanças de hábito adquiridas na Índia — começava a incomodá-lo, retirou o casaco, abriu os botões do colete, arregaçou as mangas da camisa, e bastante à vontade, foi procurá-las, deixando Raj com a função de desempacotar a bagagem; e a filha, que ainda dormia, sob os cuidados da babá Shanti, uma senhora boa e paciente que viajara com eles, criada de confiança de Evangeline.

Evangeline.

Sua condessa e esposa.

Ela teria gostado de Rose Place.

Era uma residência ampla, antiga e tradicional, que erguia-se em uma colina de fácil acesso, envolta por grandes arbustos floridos, e muitas árvores frutíferas. Timothy nunca poderia deixar de admirar sua velha morada. Crescera no local, enquanto sua mãe era viva. Quando o pai, o conde Henry, enviuvara, fechara a mansão. Passaram a viver em Londres, então, apenas os dois e os criados, e de vez em quando revezavam viagens a outras casas que lhes pertenciam. Ao contrair novas bodas, o conde retornou ao lugar, e a alegria da jovem esposa, Anne, pareceu fazer florescer novamente a beleza de Rose Place. Tim passara algumas férias muito agradáveis ali. Mas os estudos, a adolescência, e depois a idade adulta, foram-no afastando cada vez mais de suas raízes. Admitia que era um bom lugar para criar filhos, e eventualmente voltava para alguma comemoração, festividades de Natal, ou apenas para visitar o pai, a madrastra ou as irmãs. Tudo cessou quando o conde morreu, havia quase cinco anos.

O acontecimento disparou em Timothy uma sucessão de sentimentos e sensações que o confundiram e angustiaram. Coincidindo com esta morte, seu melhor amigo, Robert, o marquês de Brighton, anunciou suas bodas. Robbie era um grande (*mau*) exemplo para os libertinos ingleses, e a sociedade jamais pensou que ele casaria. Tim, que conhecia o marquês desde a escola, imaginava que o dia aconteceria, já que o velho companheiro de farras parecia carente de laços familiares, porém mesmo ele surpreendeu-se com o modo rápido e inesperado em que o noivado e o casamento aconteceram. Foi algo mais a pensar, e um acréscimo à sensação de solidão que começou a dominar-lhe. Voltou sua atenção, naturalmente, às companhias femininas. Entre as mulheres à sua volta uma dama chamou-lhe mais atenção. Uma a qual conhecia de longa data, mas que estava prometida a outro: Luciane Hogarth. Timothy achou que estava apaixonado, declarou-se, e foi rechaçado. Tudo num espaço de tempo bem curto. Abatido, e com a percepção de perda agigantada por um coração partido, tomou a decisão de ir embora. Sem olhar para trás, e carregando o mínimo de pertences, o novo conde de Attwood embarcou para as Índias.

Lá chegando, com poucos conhecidos por perto, e muitas coisas a providenciar se pretendia de fato fixar residência ali, sua mente começou a ocupar-se de novos assuntos. Tim conheceu pessoas, criou novos hábitos, defrontou-se com outros costumes, e fez amizades naquela terra estranha, quente e colorida. Os habitantes da Índia pareciam ter um modo original de falar, pensar, agir. Uma reflexão distinta acerca da vida, nem melhor e nem pior que o modo inglês, porém muito interessante. Enquanto travava diferentes conhecimentos, teve tempo para conhecer melhor a si mesmo, e finalmente deu-

se conta que só precisava de tempo para pensar e organizar sua mente, a fim de compreender que o sentimento que pensava nutrir por Luciane nada mais era do que um reflexo da dor do luto, uma compensação que desejava obter por uma grande perda. Não a amava, mas desejava o amor, ser amado. Com o coração apaziguado, e o luto menos latente, Attwood pôde seguir em frente.

Entre os novos amigos e vizinhos havia Evangeline. Ela era inglesa, viúva de um missionário, e um pouco mais velha que Timothy. Sua tranquilidade, sabedoria e fino humor, eram pontos que logo fizeram o conde desejar estar cada vez mais em sua companhia. Ela era simples, e amorosa. Como Tim jamais havia sido simples ou amoroso, sentiu-se atraído e desejoso de mais, como seria de esperar. A amizade evoluiu para a atração, e tornaram-se amantes. Foi fácil para ele pedi-la em casamento quando ela anunciou uma gravidez inesperada. Empolgada pela perspectiva da chegada de um filho tão desejado, quando já não tinha mais esperanças de concebê-lo, Evangeline aceitou o pedido.

E mesmo sem que estivessem apaixonados, o casal viu seus dias ficarem mais luminosos. A convivência pacífica, aliada ao fato de haver muita atração sexual ligando-os, era o prenúncio de que o tempo poderia trazer o surgimento de um amor maduro e duradouro.

Mas não houve tempo para isso.

Logo perceberam que havia algo errado na gravidez.

Era um Flanagan, afinal, pensara Timothy, com amargura. Sua família nunca se destacara pela fecundidade. Ele próprio nasceu depois que a mãe sofrera vários abortos. Anne, sua madrastra, tivera as filhas posteriormente a diversas tentativas, e Tim ouvira dizer que as irmãs haviam vingado somente após o uso de muitos elixires e chás especiais, caros e milagrosos. Ele mesmo foi atrás de alguns preparados com ervas e raízes que dizia-se ajudar a manter uma gravidez até o final, tudo para salvar seu filho.

Conseguira que Evangeline mantivesse o bebê dentro dela. O médico local fez as devidas recomendações, mas nada pôde prometer. A medicina havia evoluído, porém alguns aspectos da natureza humana eram ainda uma incógnita.

E com o mal estar crescente, que evoluía conforme se passavam as semanas, lady Flanagan tornou-se refém do próprio leito, ficando ali a maior parte de seu tempo.

Em uma madrugada de grande tempestade Evangeline começou a sentir dores. O médico, ilhado em outra aldeia, não pode atendê-los, e a condessa teve ajuda de vizinhas e de uma parteira com pouca experiência em nascimentos difíceis.

O parto foi complicado, demorado, e doloroso.

A criança era grande, a mãe não parecia ter passagem para o bebê, e temia-se que a demora estivesse trazendo sofrimento e riscos a mais. Cada minuto era uma angústia para Tim, cada grito ouvido era como um soco em seu estômago, e se para ele a demora era um suplício, tinha certeza que para a esposa estava sendo muitas vezes pior.

Mas enfim a filha nasceu. Já haviam decidido que se fosse um menino seria Henry, se menina, Vitoria.

Ela foi colocada no colo do pai, que encantou-se logo no primeiro instante pelo bebê de cabelos escuros e olhar intenso. Por alguns minutos — ou segundos, não podia precisar quantos — tudo a volta parara, deixando-o apenas com aquele pequeno tesouro nas mãos, uma criatura tão frágil, que dependeria totalmente dele.

Porque ele sabia que ficaria sozinho com Vitoria.

Confirmando seu triste prognóstico, Evangeline morreu um dia depois, devido a complicações pós-parto.

E Timothy, viúvo, com uma filha recém-nascida, em um país distante, e sem seus melhores amigos, ou parentes que o confortassem, e o apoiassem, viu-se mais perdido do que nunca.

Afastando as lembranças torturantes, e procurando focar-se no presente, Tim seguiu em direção ao terreno irregular que havia além do córrego, sua área favorita quando criança, e também — ele sabia — a de suas irmãs.

O local permanecia como sempre, apesar de novos arbustos aqui e acolá. Pequenos declives, reentrâncias na encosta, e ladeiras naturais compunham a paisagem, cercada de árvores frondosas, rochas largas e até as ruínas de uma velha abadia mais além, que fora dada pela Coroa a seus ancestrais há séculos. Era um bom lugar para brincadeiras de combate, para pregar sustos, ou simplesmente se esconder. Sem querer estragar a sensação reconfortante que tal visão lhe trazia, Timothy caminhou em silêncio, sabendo que as risadinhas de Emily e Jane as denunciariam antes que surgissem à sua frente.

Enquanto contornava um dos pequenos barrancos que formavam o terreno, ouviu os sons de galhos pisados com força e rapidez. Alguém se aproximava, correndo entre as árvores e arbustos um pouco acima dele. Timothy voltou-se apenas a tempo de ver delicadas mãos abrindo espaço entre as folhas e saltando para baixo, para cair diretamente nos braços dele...

Catherine corria para ganhar distância das meninas que a perseguiam. Tentava conter o riso e manter-se silenciosa, aumentando suas chances de chegar ao ponto definido como entrada do castelo na brincadeira de guerra que haviam inventado. Ela era a guerreira inimiga, que tentava conquistar o Reino das Fadas, liderado pelas princesas Emily e Jane, e protegido pela general Hope e a capitã Faith. Estava feliz por perceber que, sozinha, iria dominar um reino mágico e levar a coroa encantada! Claro que era apenas um faz de conta, e que ela tinha mais que o dobro do tamanho, do peso, e da idade de suas adversárias, mas se elas não se importavam, porque Cat se importaria? Ah, o que não fazia por suas meninas? Riu baixinho, abrindo passagem entre as folhagens, já calculando o salto para alcançar o atalho que a levaria à vitória. Preparou-se para transpor a beira do morro estreito que se formava no terreno e continuar correndo. Era baixo o suficiente para que ela pulasse sem se machucar, se dobrasse as pernas na hora de saltar, e fincasse os pés com firmeza no solo abaixo.

Quando viu o homem exatamente no ponto em que ela aterrissaria, já era tarde demais, seu corpo estava em movimento. O segundo de hesitação foi o bastante para que o salto desse errado... E ela caísse, com um ofego assustado, e um baque surdo, bem em cima dele.

Sem conseguir evitar a queda, e batendo com as costas no chão de gramíneas, Timothy perdeu o ar apenas um instante. Olhou, ainda surpreendido, a face da mulher que o abalroara.

O rosto dela estava afogueado e os olhos brilhavam, mostrando que fosse qual a razão de sua correria, e de seu abrupto salto, devia ser algo divertido, e não assustador. Ele confirmou isto quando, ao invés de levantar-se, apavorada, e continuar fugindo, ela abriu um grande sorriso.

— O senhor me pegou!

Timothy viu-se sorrindo também, começando a achar interessante estar envolto pelos cabelos soltos e perfumados da moça, que desciam como um cortinado, fechando e aproximando suas fronteiras. Eram muito claros. Será que aquilo era o que se chamava louro escuro? Ou castanho claro? Nunca conseguira diferenciar muito estas coisas, e era um detalhe feminino que não lhe importava muito, embora para as mulheres parecesse importar... Bastava-lhe achá-los bonitos... e desejar tocá-los... Por que as damas da sociedade não podiam usar seus cabelos como as camponesas, livres e rebeldes, como essa fazia?

— Sim, eu a peguei!

— Muito obrigada! Acho que calculei mal o pulo. E se o senhor não estivesse aqui, provavelmente eu torceria o tornozelo!

Ela erguera-se parcialmente, com as mãos no chão e os braços esticados nas laterais do corpo de Tim, com o rosto ainda pairando sobre o dele. Falava muito rápido, mas o conde percebeu que não tinha o modo de falar habitual das garotas dos vilarejos próximos. Devia ser parente de algum comerciante mais abastado, que pôde proporcionar-lhe um pouco mais de estudo. O fato de não aparentar ser jovem demais também a deixava mais interessante...

Timothy respondeu num tom divertido:

— Foi um prazer amortecer-lhe a queda.

Ela deu uma risada. O riso sacudiu ambos, e o balanço começou a mexer com partes de Tim que deveriam ficar quietas se ele fosse um cavalheiro de verdade.

Se.

Mas lorde Tim nunca fez questão de ater-se às regras. Semicerrando os olhos, e ainda com as mãos em volta da cintura da mulher sobre ele, não perdeu tempo:

— Acho que seria justo receber uma compensação pelo meu ato de bravura e cavalheirismo, moça.

Ela moveu o rosto para o lado, observando-o. Mas um dos cantos da boca ergueu-se ligeiramente:

— Ora, ora... Não é tão cavalheiro assim, então.

Foi a vez dele rir e sacudir-lhes, movendo ventre contra ventre, e também um pouco mais abaixo. Ato contínuo, Tim ajeitou as pernas, conseguindo o melhor ângulo para tirar proveito do doce atrito.

— Suponho que não seja, senhorita. Mas a paga não seria tão cara quanto pode imaginar.

— Ah... Mas como pode saber o que estou imaginando? — ela ponderou, sem levantar-se.

Timothy acariciou a cintura delgada, subindo o dedos com cuidado, como a sondar até onde poderia ir sem ser repreendido.

— Bem, supus que todas as moças agraciadas com humor e beleza também o tenham sido com muita imaginação...

— Que galante! — A voz dela soou arrastada.

— E o que seria um inocente beijo em troca da segurança proporcionada por um colchão macio que suavizou seu tombo?

As sobancelhas dela ergueram-se ligeiramente. O conde não soube como pôde notá-las, atento como estava ao pequeno sinal acima do lábio bem desenhado. Se movesse o rosto para frente apenas mais um pouco, alcançá-lo-ia com a língua.

— Um inocente beijo, o senhor diz?

— Sim, um inocente beijo... — ele repetiu, quase salivando, antecipando o sabor do seu prêmio.

Catherine fitou o homem que a protegera de uma queda que poderia resultar desastrosa. Imagine se ela torcesse o pé ou quebrasse uma perna ao cair? Como ficariam as meninas? Ele, de fato, a salvara, com sua agilidade e seus músculos. E... ele era tão bonito... e parecia tão... tão... natural... tão... humano... tão... tentador...

Há quanto tempo não permitia que um homem se aproximasse dela? Quando fora tocada por mãos másculas sem que fosse por causa de alguma dança? E as daquele espécime pareciam grandes e poderosas — afinal a haviam contido e mantido, sem permitir que sequer um fio de cabelo seu resvalasse no solo.

Sim, seu salvador era forte. Sentia-lhe a solidez sob a pele... Oh! Como estava sendo atrevida ao não levantar-se de imediato... Mas não tinha vontade de levantar-se, admitiu, achando graça. Se a sua mãe ou a tia Margot pudessem vê-la nesta situação, certamente morreriam novamente, dessa vez, de desgosto! No entanto, apesar da posição comprometedoras em que estavam, e do *não cavalheiro* parecer muito moreno para ser considerado um homem fino, não mostrou-se um camponês aproveitador; e não fez nenhum movimento que pudesse ser considerado impróprio. Felizmente não era um dos odiosos nobres que corriam atrás dela para... Cat não queria pensar no passado, então afastou as lembranças ruins para o fundo da mente, e concentrou-se nos olhos que a encaravam com viva admiração. Ele não a conhecia, não imaginava quem ela era. E, muito possivelmente, era um secretário da nobreza, dado seus trajés simples, mas de boa qualidade. Devia estar passando por ali apenas para cumprir algum serviço a mando de um patrão hospedado nas cercanias... A possibilidade de voltar a encontrar o camponês lisonjeiro era tão ínfima, que considerou seriamente beijá-lo. Seria apenas um beijo. Um beijo curto, e rápido, e sem línguas se encontrando. Um beijo inocente, como ele mesmo propusera.

Por que não?

— Vamos, doçura, um beijo só... Não há ninguém por perto... Ninguém irá nos ver. — Ele a instigou, subindo as mãos por suas costas, e atraindo-a ao seu encontro.

Catherine não conseguia, e nem queria pensar, olhos fixos no rosto do homem, em seu nariz perfeito, nos cílios espessos e escuros. Deixou-se levar em direção a bela face masculina, desejando que a boca firme encontrasse a sua.

Os lábios começaram a roçar...

— Caaaaathie!!

O casal interrompeu o início do beijo, e seus olhos seguiram ao mesmo tempo na direção de onde vinha o chamado.

— Caaaatt!!

Timothy e Catherine se entreolharam, e ela começou a levantar, enquanto ele praguejava baixinho.

— Cathie é você, acredito. — Tim manteve-se no chão mais alguns segundos, esperando que sua ereção perdesse forma. Não pretendia escandalizar as donas dos gritos, que tornavam-se mais próximos.

— Sim, senhor. — Catherine bateu as mãos na roupa, alisando as saias desgrenhadas por ter ficado deitada no chão, entre as pernas de um total desconhecido... Agora, em pé, e afastada dele o suficiente para conseguir pensar, começou a envergonhar-se de seus modos e de ter sido levada pelo momento e por uma atração boba. Ele devia estar pensando que ela fazia coisas assim habitualmente: Beijar estranhos, como uma qualquer.

Quando um grupo de quatro meninas surgiu na clareira, o conde já estava de pé e recomposto em sua dignidade, sem terra ou folhas presas em seus trajes.

Elas estacaram por um minuto, analisando a cena, então duas delas deram gritos alegres e dispararam na direção de Timothy.

— Lorde Tim! Lorde Tim!

Ele abraçou as duas irmãs ao mesmo tempo, beijando o topo da cabeça de cada uma, divertindo-se com sua alegria contagiante.

Catherine parecia haver congelado, observando-os com a boca entreaberta. Balbuciou, incrédula:

— Conde de Attwood?

Timothy moveu a cabeça do modo ténue que os nobres faziam. A arrogância que vinha de gerações e gerações de Attwoods, Alvoys e Bryants havia lhe tomado a face quando a encarou, em uma advertência muda de que ele lhe era superior.

— Oh, você!! Você é o irmão desalmado! — Catherine acusou, irritada, sem intimidar-se com a expressão do irmão de Emily e Jane.

Timothy conteve o palavrão que ia dizer. Pelas crianças.

— De herói a vilão em apenas cinco minutos. É a história da minha vida

— resmungou Tim, voltando a atenção às suas irmãzinhas, sem dar mais do que um olhar à moça com quem havia estado deitado no chão pouco antes.

— Vocês estão enormes! Se continuarem assim, vão me ultrapassar em altura!

Emily e Jane soltaram risadinhas satisfeitas, ainda encantadas pela presença do conde. Catherine compreendia que as garotas deviam estar muito felizes e aliviadas ao ter o irmão mais velho em casa. Afinal, elas precisavam de alguém da família. Por mais que Catherine fosse querida, não era uma parenta de verdade, nem Hope ou Faith.

— Você veio para ficar dessa vez, não é, Tim? — perguntou Emily, fitando Attwood ansiosamente.

— Emily, mamãe diz que não podemos fazer cobranças a um par do Reino! — Jane repreendeu a irmã.

Timothy sentiu um peso no peito. Não gostaria de conversar com as irmãs tendo uma plateia, mas não poderia deixar de responder uma pergunta tão direta. Anne havia educado às filhas muito bem, e eram crescidas suficiente para saberem comportar-se, mas Emily parecia-se um tanto com ele, como a madrastra dizia... A garota era franca, falava antes de pensar, e não aceitava meias respostas. Como as características dela o agradavam, decidiu ignorar qualquer protocolo, e respondeu:

— Sim. Não voltarei para a Índia; a não ser por períodos curtos, e se assim for, levarei você e Jane comigo.

As meninas deram-se as mãos, e ele pôde perceber que os olhos delas ficaram úmidos. As pequenas Flanagan já dominavam bem a arte de esconder suas emoções, como a nobreza exigia, mas como possuíam apenas nove e onze anos, o ensinamento ainda não se arraigara tanto para conter os fluxos inesperados que um coração apertado provocava. Elas deviam estar sofrendo muito. E graças a uma carta, estavam agora protegidas da dor que o abandono causava.

Endireitando o corpo, Tim virou-se para a moça que o havia derrubado, e agora o olhava severamente, ao lado de duas meninas pequenas.

— Catherine Blake, presumo.

Anos de educação arraigada fizeram-na mover-se em uma medida.

— Sim, milorde.

— Agradeço por escrever-me.

Curvando-se um pouco, dirigiu seu olhar para as garotas pequenas que rodeavam Catherine.

— Estas são nossas amigas, as senhoritas Hope Broadrick e Faith Hall, que estão hospedadas conosco — Jane, a irmã mais velha, se apressou a apresentar —, e este é nosso irmão Timothy Flanagan, o conde de Attwood.

— Senhoritas.

As pequeninas curvaram-se graciosamente perante o conde.

Timothy devolveu um sorriso para as daminhas. *Sobrenomes diferentes...* —Então as garotinhas não eram filhas de Catherine Blake — Ela devia ser realmente apenas uma babá. Uma babá educada o bastante para saber como se expressar numa carta para um superior, dada a forma como a missiva começava, com o respeito devido de quem se endereça a um nobre, mas também atrevida o suficiente para dar o tom de recriminação à demora dele em comparecer a Rose Place. Timothy percebera com clareza que a desconhecida que lhe escrevia estava ralhando com ele. Devia julgá-lo um irresponsável, um insensível, ou, ainda mais provavelmente, as duas coisas. Ela não poderia saber que nenhuma outra maldita correspondência sobre Anne havia chegado às suas mãos. O administrador da propriedade, o grande bastardo, tinha que explicar muito bem porque não comunicara ao único Flanagan adulto sobre o falecimento da condessa. E seu advogado, Gabriel Cunningham, também devia desconhecer o fato trágico. Cunningham nunca teria deixado uma questão como esta correr solta por meses, sem uma ação devida. Timothy duvidava que sua mesa não estivesse entupida de mensagens de Londres, inclusive com algumas de Robert, marquês de Brighton, e seu melhor amigo, se as pessoas houvessem sido avisadas, como deveriam, do acontecido.

Voltou mais um olhar para a senhorita Blake. *A babá.* A babá de suas irmãs, uma pessoa que estava sob sua proteção. Foi melhor não tê-la beijado, disse a si mesmo. Se havia algo que seu pai lhe ensinara era a não envolver-se com nenhuma das suas criadas. E embora conhecesse vários nobres que não respeitavam a regra patrão-serviçal, ele não era o tipo de libertino que se aproveitava de sua posição para levar uma mulher para a cama. Podia ser um canalha em muitos aspectos, e não se importava de ser na maioria dos casos, mas não nesse.

O que, pensando bem, era uma pena, levando em conta o quão desejoso ficara de possuir a boca – e o que mais pudesse, ali, a céu aberto mesmo — de *Cathie*.

Ou *Cat*.¹

Apelido perfeito...

Conteve as ideias indevidas e concentrou-se no problema disciplinar que teria pela frente, em relação aos criados.

Tendo isso em mente, Tim voltou-se para suas irmãs, pôs uma mão nas costas de cada uma, e incitou-as a caminhar em direção a propriedade.

— Vamos para casa. Tomaremos chá enquanto vocês me contam o que tem feito ultimamente. E também, precisam conhecer Vitoria!

As garotas bateram palmas, alegres, e o grupo retornou para a mansão.

¹ *Cat significa gato em inglês*

Capítulo 3

Logo que entraram no jardim de rosas uma jovem de avental e touca veio na direção deles.

Ela fez uma ampla medida, e Jane apresentou-a a Timothy.

— Esta é a senhorita Taylor. Ela é nossa ama e preceptora.

Timothy ergueu as sobrancelhas ligeiramente, e não pôde evitar lançar um olhar interrogativo para Catherine.

Catherine, interpretando de modo incorreto o olhar do conde, deu um passo a frente, respondendo-o antes de ser questionada.

— Eu liberei a senhorita Taylor de ir conosco ao... Às brincadeiras. — Catherine irritou-se ao notar que se atrapalhava com as palavras e gaguejava. Mas que coisa... Não era de se inibir ao falar com alguém, porém aquele homem de olhar agora tão frio a estava enervando. E pensar que apenas alguns minutos antes aqueles mesmos olhos haviam lhe aquecido a pele tão intensamente... — A senhorita Taylor teve um pequeno acidente há poucos dias e não convinha que andasse demais.

— Ou corresse — complementou Hope, com vivacidade.

Timothy deixou que um silêncio constrangedor se estendesse, e quando já estava satisfeito o bastante com o desconforto de Catherine Blake, pronunciou-se.

— Espero que já esteja melhor de saúde para cuidar de minhas irmãs, senhorita — Attwood dirigiu-se a Olivia, sem dignar uma resposta a Catherine.

— Sim, milorde. E farei o meu melhor, milorde. — A moça inclinou-se numa reverência exagerada.

Tim assentiu, sem sorrir, e voltou a caminhar.

Olivia olhou, preocupada, para Catherine, enquanto ambas seguiam atrás do conde, junto com as crianças.

Afinal, quem essa tal de Catherine Blake achava que era? Agora que sabia que a moça não era uma de suas criadas, indagava-se porque ela, e não a governanta da casa, tomara para si o dever de escrever-lhe pedindo que voltasse ao lar por causa do falecimento de Anne. O que tinha ela com isso, sendo nada mais que uma acompanhante para outras crianças? E além do mais, que história era essa de uma ama-seca mandando em outra? Ela pensava que podia dar ordens aos outros criados, e decidir o que era melhor para as irmãs dele? Certamente correr e saltar em locais perigosos não era a brincadeira mais segura para as filhas de uma condessa! E se fosse Emily ou Jane caindo de uma ribanceira? E se não houvesse ninguém para aparar-lhes a queda, como ele próprio havia aparado *Cathie*? Ainda bem que estava ali, na hora certa.

Ele diria à senhorita Blake para não mais meter seu narizinho em questões que não lhe diziam respeito. E só não falaria com sua dureza habitual que ela deveria tomar conta de sua própria vida, em respeito à consideração que a babá tivera ao escrever-lhe.

E, também, porque... Ora, porque ela não era *sua criada*, afinal. Não iria fechar totalmente aquela porta...

Enquanto as meninas tomavam a dianteira para a mansão, e a senhorita Taylor adiantava-se para acompanhá-las, Tim estacou, bloqueando o caminho de Catherine, que vinha alguns passos atrás.

— Senhorita Blake, sou-lhe grato por sua generosidade quanto à situação de minhas irmãs, escrevendo-me para que eu regressasse, mas de agora em diante mantenha-se como babá de suas próprias garotas, e deixe minhas irmãs sob supervisão da senhorita Taylor. Estou certo que se Anne a escolheu é porque a moça está apta para fazer isto sem que decida por ela o que pode ou não fazer. E ficarei satisfeito de saber que não se meterá mais em assuntos que não são de sua alçada. O dono da casa está aqui, como pode ver, e sentir, não é mesmo? As decisões acerca de Emily e Jane são minhas, não da criada de outro nobre.

Lorde Tim, sem esperar resposta, girou nos calcanhares, dando-lhe as costas e continuando a caminhar.

Catherine abriu a boca, e nenhum som saiu.

Mas o espanto durou pouco.

— Espere aí, senhor conde!

Ele parou ao ouvir o chamado em tom imperioso. E tão pouco respeitoso. Catherine correu e pôs-se diante dele.

— Em primeiro lugar quem indicou Olivia para este cargo fui eu. Eu a

conheço, sei que é apta, sim, mas sei também que ela torceu o pé faz pouco tempo e ainda sente dores, portanto não deve ser exposta desnecessariamente. Em segundo lugar, se o senhor está tão certo que sabe o que é melhor para suas irmãs, por que não veio cuidar delas antes? Em terceiro, não sou criada e nem babá de ninguém! Hope e Faith são minhas sobrinhas! E estou aqui por amor a Emily e Jane! Estive com elas todos os anos em que o senhor esteve fora, fazendo sabe-se lá o que! Eu estava aqui, eu! Eu sou a melhor amiga de Anne! — Cathie titubeou ao perceber que gesticulava, e o que o nobre a olhava com olhos arregalados — Eu... era a melhor amiga de sua madrasta. Eu... só...

Catherine levou a mão ao peito, e descobriu subitamente que lhe faltava o fôlego. Havia passado dos limites, explodira com o conde, comportando-se como uma impertinente e sem modos. Culpa da situação que vivia, sempre à beira de um ataque de nervos. Constrangida, começou a afastar-se.

Timothy a segurou pelo braço.

— Espere, senhorita.

— Eu... — Ela sacudiu a cabeça. — Isto foi tão desnecessário da minha parte. Não devia... Eu realmente não...

— Acredito que de minha parte também foi. Não imaginava que fosse amiga de minha madrasta. Lamento o que disse ainda há pouco.

— Não, milorde estava certo. Não sou da família, certamente o senhor saberá o que é melhor para suas irmãs. — Catherine ergueu o queixo, encarando o conde. Ele era mais alto, e ela precisava quase jogar a cabeça para trás ao olhá-lo no rosto. E devia ser por isto que seu coração começara a bater mais depressa e a respiração também descompassara...

Attwood não soltara-lhe o braço, e ao invés disso escorregara a mão até seu pulso.

— Eu não recebi nenhuma correspondência antes da sua contando-me sobre o mal súbito de Anne, e seu falecimento.

Catherine não escondeu a surpresa.

— Não?

Tim sacudiu a cabeça, os olhos negros brilhando intensamente.

— Não. Nada mesmo. Pode imaginar meu pesar, e minha fúria com esta situação? Eu deveria estar aqui quando minhas irmãs precisaram de mim, mas estava a um oceano de distância. Sinto muito que eu tenha sido rude, principalmente com alguém tão amiga da família. Conhecia Anne havia muito tempo, então?

Catherine começou a acalmar-se, embora sentisse a respiração ainda um

tanto acelerada.

— Sim, havia alguns anos. Sei que pode parecer estranho, por ela ser mais velha, mas... Sua madrasta era maravilhosa, uma amiga leal, e eu a adorava.

Timothy sorriu, concordando e chegando mais perto de Cathie.

— Sim, ela era uma pessoa especial, compreendo perfeitamente sua estima. Também deve, como nós, estar sofrendo esta perda.

— O senhor não tem ideia de quanto.

— Pode me contar — ele respondeu, com sua voz soando num timbre baixo e íntimo — abra-se comigo...

Catherine percebeu que o polegar de lorde Flanagan acariciava bem devagar sua veia pulsante, enquanto aproximava seus corpos mais do que o necessário. Sentiu a boca ressecar. Olhando-o agora, ambos em pé, percebia que os cabelos escuros dele, num tom marrom bem fechado, fartos e lisos, ondulavam nas pontas, caindo rebeldes sobre a testa, encobrendo-lhe parcialmente os olhos, e dando-lhe um ar levemente selvagem sobre a tez bronzeada. Aquele homem era perigoso... Julgara-o inofensivo, simples e dócil quando ele a protegera de uma queda dolorosa, mas estava muito enganada em suas suposições. Não havia nada de simples e dócil ali, muito menos inofensivo. Ele também não parecia com o que sua falecida amiga descrevia. *Ah, os olhos de Anne sobre lorde Tim eram como de uma mãe, e sendo assim, dificilmente falaria mal do filho...* Mas Cathie sabia, pressentia, com todos os sentidos alertas agora, que ele era um risco real, do qual deveria afastar-se o mais que pudesse.

— Sim, claro. Mas agora seria melhor nos juntarmos às meninas, elas devem estar esperando por nós.

O sorriso dele aumentou, como se percebesse a súbita percepção de Catherine.

— Está certa. Mas não faltará oportunidade para entabularmos uma boa conversa, já que é minha hóspede...

Ele finalmente soltou o pulso de Catherine e ela afastou-se o mais rápido que pôde, tomando o cuidado de não correr, e nem olhar para trás, para que não parecesse estar fugindo de algum lobo, ou dar a confiança necessária a ele. E teve impressão de ouvir uma risadinha masculina, e um tantinho diabólica, enquanto seus pés avançavam em marcha acelerada.

Timothy assistiu, divertido, a senhorita Blake fugir tão rápido como um raio. Não deveria brincar com ela. Mas quando a viu tão irritada, gesticulando e apontando-lhe o dedo... E logo em seguida, parecendo desnorteada... Precisou distraí-la de suas angústias, antes que rompesse em lágrimas e o deixasse

realmente sem saber o que fazer. Agora, ao invés de sentir a dor de perder uma amiga, Catherine se preocuparia em manter as mãos dele bem longe dela. Tim torceu os lábios, observando com atenção os quadris largos moverem-se numa provocação natural. Oh, sim, a dama era quente, e muito desejável... Talvez assustá-la não tivesse sido seu melhor plano... Afinal, saber que ela não era uma serviçal abria um leque de possibilidades prazerosas para ambos... A começar com aquele beijo não concretizado. Mas Tim não se preocupou muito... Uma presa que mostrava-se arisca fazia parte da caçada... E atiçava mais o caçador.

O conde de Attwood manteve a decisão de Anne em permitir que as crianças pequenas se unissem aos adultos para o chá. Com isso tiveram uma refeição divertida e barulhenta. Emily e Jane contaram todas as novidades da região para o lorde, brigas com outros pequeninos da vizinhança, e até fofocas envolvendo pessoas a quem Timothy sequer conhecia. Ele ouvia tudo atentamente, fazendo perguntas, indignando-se, expressando “*ahs*” e “*ohs*” cada vez que não sabia o que dizer sobre uma situação, e rindo na maioria das vezes. O ponto alto à mesa foi a chegada da filha do nobre, a pequena Vitoria, trazida pela babá Shanti, uma senhora que trajava um colorido sari, e usava pulseiras brilhantes que tilintavam enquanto caminhava. A menina, já descansada e alimentada mostrou-se alegre e amorosa, para deleite das garotas maiores, passando do colo do pai para os das jovens tias, sem cerimônia alguma.

A maior alegria para Catherine foi perceber que Hope e Faith haviam sido integradas à conversa pelo lorde. Ele conversou com elas, arriscou — e acertou — suas idades, seis e oito anos, e ouviu-as, parecendo sinceramente interessado, narrar suas peripécias ao lado das irmãs Flanagan.

O homem era uma surpresa, pensou Catherine, sem, contudo, deixar-se enganar pela sua afabilidade com as crianças. Mesmo que não tivesse contato com ele antes, levando em conta o tempo em que vivera reclusa, uma das odiosas exigências paternas, e depois no exílio voluntário na casa de tia Devina, ao chegar a Surrey, sua tia-avó Margot tratou de contar-lhe sobre os libertinos espalhados a toda volta, principalmente em Londres, onde ela esteve algumas vezes após receber sua parte na herança por tia Dev. E, mais ainda, conhecera alguns desses nobres arrogantes que pensavam poder conquistar qualquer mulher, e convencê-las a ceder a suas vontades. Cathie lamentava que alguns deles houvessem se aproximado dela incentivados por seu próprio pai... Analisando o conde de Attwood, cercado por meninas, perguntou-se se ele

poderia ser como o pai dela era. Manipulador? Ambicioso? Mesquinho? A maioria dos homens era assim.

Timothy virou a cabeça diretamente na direção dela, e sorriu-lhe mansamente. Cathie voltou a atenção para seu prato, e os sanduíches postos nele, mas sabia que o lorde havia percebido sua expressão ressentida. Ela nunca soubera dominar muito bem a arte de ocultar seus sentimentos, mesmo tendo sido treinada para isso desde pequena, como qualquer membro de uma família abastada inglesa. Sua mãe reclamara disso muitas vezes, temendo que esta característica estragasse o casamento a qual estava destinada.

Ah... Era engraçado pensar nisso agora. Os sonhos de grandeza do pai incluíam planejar para a filha um casamento com um algum imperador, ou vizir, ou um duque... Ele quase conseguira alcançar seu intento. Uma pena o primeiro noivo ter morrido envenenado, e o segundo...

Cathie sacudiu a cabeça. Não, não pensaria mais nisso. Decidira olhar para frente e era o que faria. O agora é que importava. E o agora era Hope e Faith, que precisavam dela, de sua atenção e cuidado.

Tornou a olhar para Vitoria, que estava entretida com os cabelos cacheados de Faith, ao seu lado. Bateu as mãos uma na outra e ofereceu-as à pequenina, que lançou-se imediatamente para elas. Catherine abraçou-a, carinhosamente, sentindo os bracinhos rechonchudos envolverem seu pescoço. Logo em seguida Vitoria deu-lhe um beijo estalado e doce no rosto, fazendo um adorável biquinho com os lábios que pareciam um moranguinho bem maduro. Ela era tão linda! Os olhos negros do pai, e o cabelo muito escuro, em contraste com a pele clara e imaculada, certamente fazia pensar numa princesinha de contos de fadas.

— Olá, Vitoria!

Vitoria balbuciou uma resposta, olhando Catherine fixamente.

— Ela ainda não consegue dar respostas inteligíveis — avisou o conde, do outro lado da mesa — fala poucas palavras.

Catherine sorriu para a criança em seu colo. Ela devia ter pouco mais que um ano. Aproximando o rosto do topo da cabecinha, encostou nos cabelos macios e alvoraçados. Oh, era um cheirinho tão gostoso...

Timothy teve uma estranha sensação ao observar Catherine Blake com Vitoria no colo. Ela aninhara a filhinha dele com todo carinho, e então curvara-se com cuidado sobre o bebê, fechando os olhos e aspirando-lhe o aroma suave, deixado pelo sabão com que Shanti a ensaboava. Por um segundo, ou talvez somente por uma fração dele, Tim pôde ter o vislumbre de como seria sua menina nos braços da mãe, a que nunca teve de verdade. Uma dor o atingiu,

apertando-lhe o peito, oprimindo-o até nausear-lhe.

A culpa era dele se a filha não tinha mãe.

A culpa era dele se Evangeline estava morta.

Ele atrevera-se a achar que seria diferente de todos os Flanagan, e que teria sucesso imediato em sua trajetória como marido e pai. Logo ele, tão pecador, receberia uma dádiva divina como esta, assim, facilmente? Grande tolo! Esquecera do passado de gerações e gerações de Flanagan incompetentes para procriar? Eram tão pouco fecundos que, diferentemente da maioria dos nobres, sempre agregavam e protegiam seus bastardos como se herdeiros diretos fossem. Nenhuma criança da linhagem dos Attwood, não importando qual pouco nobre fosse sua origem materna, vivia em dificuldades, ou sem cultura e refinamento. Sim, eles cuidavam bem dos seus, pois se não o fizessem, não haveria membros suficientes para levar adiante os títulos acumulados ainda no período medieval.

Era uma triste verdade.

Que por algum tempo ele esquecera.

Ou fingira esquecer.

Não mais.

Seus olhos procuraram mais uma vez a senhorita Blake e Vitoria. A mulher trocara as roupas, prendera os cabelos rebeldes num coque frouxo, e vestira um traje discreto, fechado até o pescoço. Ela já não era uma debutante, e assim vestida parecia a personificação exata de uma dama digna e responsável, e a criança com ela completava a imagem de pacífica madona ninando sua prole.

Timothy levantou-se bruscamente, perturbado com o que a cena evocava. Pedindo licença às damas de diferentes idades que o cercavam na sala, afastou-se, alegando cansaço, sem conseguir aproximar-se da filha para um breve beijo de despedida. Ele a veria depois, quando estivesse instalada no quarto destinado às crianças, já controlado, e contido.

Capítulo 4

Ao invés de recolher-se, Tim decidiu usar sua agitação de melhor forma, indo confrontar o administrador da propriedade onde residia a condessa viúva. Levou Raj e convocou mais dois criados robustos para acompanhá-los.

Roger Cooper havia sido o responsável pela administração durante muitos anos, e tinha o filho como aprendiz. Aproximadamente dois anos antes, Anne havia escrito a Attwood, comunicando-o que Dave, o filho de Roger, assumira as funções do pai, com idade avançada demais para continuar atuando eficazmente.

Timothy nunca tivera muito contato com os Cooper, mas imaginara que eram corretos, dadas as exigências de seu pai para com a propriedade predileta da esposa, onde fixaram morada. No entanto, não poderia deixar passar o fato de que o atual capataz havia cometido uma grande falta e imensa irregularidade ao não notificar a família e os advogados do conde sobre o falecimento de Anne Flanagan. Esperava que o homem pudesse lhe dar uma explicação extremamente convincente para tal coisa, e que não fosse necessário usar a força bruta para colocá-lo para fora de suas terras, caso a resposta não fosse demasiadamente boa.

Na verdade os homens que Tim levava consigo eram mais para garantir a segurança de Cooper que a dele próprio. Mais de uma vez em sua vida a raiva de que sentia atingira níveis quase incontroláveis, e sabia que nesses casos era difícil contê-lo. E ele tivera muito tempo durante o percurso da Índia até Rose Place para colocar sua ira no ponto exato para ebulição, ofuscando até mesmo o choque e a dor que sentira com a notícia inesperada da morte de uma mulher que fora para ele a segunda figura materna, emprestando-lhe tranquilidade, afeto e consideração quando precisou.

Porém Cooper não foi eloquente o bastante para apaziguá-lo.

Suas respostas soaram hesitantes, embora parecessem verdadeiras. Ou bem decoradas...

As afirmações de que havia enviado cartas para a Índia e para o

advogado em Londres não o convenceram, ainda mais quando a impressão de surpresa ante a presença de Attwood à sua porta não fora tão bem disfarçada.

E quando Raj adiantara-se para pressioná-lo, impondo sua presença escura e altiva dentro da casa do funcionário, Dave encolhera-se e gaguejara, confirmando sua culpa.

Timothy então explodira.

A tristeza e o ressentimento por ter perdido mais uma pessoa de sua estima, e ter sido privado do momento de despedir-se dela, agravado pela preocupação por ter deixado as irmãs sozinhas, e precisado fazer uma viagem às pressas, com a filha pequena, juntou-se e cresceu rapidamente dentro dele, fervilhando, ardendo, e transformando-se em uma energia violenta e vingativa, direcionada de forma furiosa para o administrador.

Tim voou para cima de Cooper, segurando-o pela gola da camisa e o sacudindo com tanta força que chegou a erguê-lo do chão. Quando Raj e os outros criados foram separá-los, Timothy apertou o pescoço do funcionário com ainda mais força.

— Sahib! Largue-o, largue-o! — Raj apertou os pulsos do conde até conseguir fazê-lo soltar do outro homem, que desabou no chão, revirando os olhos.

Raj olhou para o patrão, de cara feia.

— Se sahib planejava matar Cooper por que trouxe a mim e aos outros? Eu poderia ter ficado na mansão, resolvendo outras coisas.

— Não me encha a paciência, Raj. — Voltando sua atenção para o administrador estatelado no chão, que voltava à consciência com dificuldade, tossindo e esfregando o pescoço, cutucou-o com a ponta da bota. — Assim que estiver em condições de levantar-se entregue os livros contábeis para Lewis e Jackson, junte suas coisas e saia desta casa. Este lugar pertence ao administrador da propriedade e este papel não lhe pertence mais. Mas fique por perto e deixe com os rapazes o endereço onde ficará, pois quero localizá-lo com rapidez caso tenha roubado meus cofres. Se tiver feito isto, devolverá cada tostão, Cooper. E nem pense em fugir, ou porei a lei atrás de você e o catarei nem que seja no inferno.

Lorde Tim virou-se para Jackson e Lewis, os criados que o acompanhavam.

— Cuidem disso, rapazes.

— Sim, milorde — responderam numa só voz, e afastaram-se quando o conde passou por eles, mantendo uma distância entre eles e o patrão irado. Era

melhor não arriscar nem um esbarrão...

Raj voltou a abrir seu grande sorriso como cumprimento para os outros dois homens e afastou-se também, como se o acontecido não tivesse importância alguma.

Pelo caminho Tim foi resmungando impropérios e palavras pouco lisonjeiras sobre Cooper, a progenitora de Cooper, e toda a sua ascendência. Parando à porta de sua casa, calou-se, respirando fundo. As crianças não precisavam ter uma demonstração pública de seus maus modos e palavreado chulo, mesmo que estivesse coberto de razão para proferir tais xingamentos. E adorar desfiá-los.

Ciente de que seu humor não seria agradável para ninguém, rumou para o quarto. Não para o quarto destinado ao conde, onde Raj deixara seus pertences, e arrumara todas as suas vestimentas, mas seu antigo aposento, buscando resquícios do tempo em que não precisava preocupar-se com nada, quando a dor e sofrimento pareciam coisas reservadas apenas às outras pessoas.

Voltando para a casa, assumindo enfim seu lugar como conde de Attwood e senhor de muitas terras e propriedades, precisava assumir também a responsabilidade de gerir, suprir, e auxiliar todos que dependiam dele. E havia muita gente. Precisaria ver livros contábeis, visitar todos os seus domínios, conversar com seus administradores e advogados, e principalmente, com os moradores de suas terras. Reassumir seu lugar na Câmara dos Lordes, levar adiante seus planos de fundar uma sociedade de auxílio à Medicina, retomar seu apoio às causas sociais de Robbie, e ficar de olho nas mudanças que o novo reinado traria sobre a sociedade e a economia. Tudo isso ainda tendo que tomar conta de três menininhas sem mãe.

Muito fácil!

Jogou o casaco sobre a velha escrivaninha, e sentou-se numa das cadeiras acolchoadas que compunham o mobiliário, arrancando as botas, e lançando-as longe. Depois foi a vez de tirar a gravata, agressivamente, e deixá-la no chão.

Se Evangeline ainda estivesse viva, o ajudaria na empreitada de supervisionar as crianças e as principais propriedades. Mais do que isso, as garotas teriam o apoio feminino necessário para crescerem com graça e doçura, sem basear-se no exemplo de um libertino desregrado, boca-suja, e bebedor como ele. Mas ela não estava viva. E por que? Porque se envolvera com um homem de sangue ruim chamado Timothy Flanagan, apenas por isso.

Aborrecido consigo mesmo, Timothy fugiu da maciez do assento em que estava, e sentou-se no tapete, apoiando as costas na madeira dura da cama.

Nada como um desconfortozinho para lembrar-lhe que a vida era dura e

mesmo sendo um conde muito rico, não era nada diante das artimanhas do destino, e do deus impiedoso que as devia reger.

Raj entrou, olhando rapidamente em volta, com ar de desaprovação. Entregou ao conde o copo de uísque que ele havia solicitado.

— Deixe a garrafa e saia — resmungou o lorde.

O criado hesitou.

— Deixe a porra da garrafa e saia daqui!

O rugido fez Raj decidir-se rapidamente. Entregou a garrafa ao patrão e saiu do aposento.

Era melhor ficar sozinho mesmo, pensou Timothy, virando o copo de uma vez e sentindo a bebida queimar-lhe a garganta. Um tempo em silêncio, com uma boa garrafa de bebida, era o que precisava para se recompor e transformar a raiva que sentia em mera ressaca.

Isto é, se ele fosse um homem fácil de embebedar-se.

Não era.

Precisaria de muito mais que aquilo para perder a consciência do modo como desejava.

Mas não iria arriscar-se a beber demais, estando sob o mesmo teto em que a filha. Já havia decidido sobre isto fazia tempo: ficar bêbado até tornar as memórias borrões, era apenas para dias e locais específicos, com planejamento adequado e com retorno para o lar só no dia seguinte.

Nada de grandes porres dentro de casa, nada de arriscar que sua pequenina o visse no estado imprestável da embriaguez. E estando ele em casa sempre poderia haver uma emergência em que ele precisasse estar sóbrio. Vitoria era seu bem mais precioso, nunca poria em risco o bem estar e a segurança dela apenas para afogar-se num copo, nem mesmo se estivesse se corroendo de angústia ou culpa. E a pior parte já havia passado, não? Perdera mãe, pai, esposa e madrastra, e estava ali, firme. E precisava estar. Não havia quem o fizesse por ele. Então, se precisava fechar-se em si mesmo de vez em quando, para garantir sua sanidade, apresentar uma fachada sólida e segura, e aguentar o que mais viesse pelo caminho, ele o faria.

E como agora havia mais duas pequeninas sob seu amparo, noites de esbórnia tendiam a se tornar cada vez mais escassas.

Com um suspiro, pôs o copo de lado, pegou a garrafa de líquido amarelado, e emborcou-a.

Capítulo 5

Tim despertou com um ruído no quarto vizinho. Havia dispensado o jantar e aceitado a sugestão do criado, de que era melhor não continuar dormindo no chão duro para não amanhecer com dores nas costas e ter seu trabalho contábil do dia seguinte prejudicado. Apenas por isso arrastou-se até a cama e desabou no colchão macio, observando vagamente Raj arrumar tudo o que estava espalhado e recolher a garrafa vazia. Acordara algum tempo depois, com os sons da movimentação ao lado.

Aproximando-se do painel que ocultava a passagem secreta que ligava os cômodos — algum Flanagan esperançoso acreditava que teria vários filhos, e que seria interessante se as crianças pudessem circular pelos quartos dos irmãos sem precisar passar pelo corredor — puxou apenas o que bastava para deixar uma pequena fresta e ver quem estava se movimentando ali, àquela hora da noite.

A senhorita Blake estava sentada a uma penteadeira, escovando os cabelos claros e brilhantes, que caíam-lhe às costas. Tim ainda recordava-se do aroma que eles emanavam. Era bom. Continuou observando, em reverente sigilo, de pé, na escuridão, enquanto Catherine alisava as madeixas calmamente, diante do espelho, sob a luz bruxuleante de um castiçal. As sombras lançadas a volta pareciam tornar mais fascinante a cena, enquanto a mulher inclinava a face num movimento encantadoramente lânguido, sentindo um prazer óbvio na massagem que a escova fazia, da nuca até as pontas dos fios.

Quando ela terminou, levantou-se, e num movimento quase felino espreguiçou-se, para depois abrir o robe que vestia, deixando escorregar o tecido pelos braços, num gesto fluído. Antes que a veste caísse totalmente no chão ela suspendeu-a, e mesmo nesse simples ato foi feminina ao extremo.

Tim percebeu que esquecera de respirar.

Cathie usava uma camisola branca, larga, de algodão grosso e mangas compridas, longa o bastante para cobrir-lhe os pés, e fechada até em cima, encobrindo-lhe o colo. Havia somente rosto e mãos expostos, nem um milímetro

de pele a mais.

Timothy nunca vira nada mais sensual.

E mesmo algum tempo depois dela ter ido deitar-se, puxando as cobertas até as orelhas, e logo adormecendo, o conde de Attwood continuava em pé no escuro, atrás da porta entreaberta, completamente extasiado.

Catherine sentou-se à sombra de um grande carvalho, cansada. As meninas já haviam brincado bastante, e agora distraíam-se observando as flores e escutando, fascinadas, Shanti, com seu sotaque acentuado, contar-lhes curiosidades sobre as plantas que floresciam em seu país.

Olivia acompanhava-as, silenciosa, mas tão curiosa sobre os mistérios da Índia quanto as crianças.

Voltou o olhar para a casa, não muito longe. O conde e seu servo indiano, ou secretário particular, como o quisesse chamar, estavam desde bem cedo fechados no escritório, debruçados sobre livros contábeis, segundo dissera a senhora Harris, a governanta. Não o havia visto desde a tarde anterior. Mas sua forte presença dominara a propriedade, mudando a ordem das coisas, mexendo com ambiente e pessoas, pairando no ar quase de modo palpável. Cathie juraria que mesmo o ar cheirava diferente. Um odor másculo e inebriante, que tomara de assalto o lugar, e agitava a criadagem. Os cavaleiros escovavam os cavalos ainda mais vigorosamente, o mordomo polia a prata já reluzente, os serviçais apressavam-se em tirar poeira e qualquer fio de teia de aranha, real ou imaginário. Já se espalhara a notícia que o patrão, insatisfeito com o administrador, quase o matara. Nenhum outro queria ser a próxima vítima de um quase estrangulamento por deficiência em seu serviço. As criadas, menos alarmadas, agilizavam seu trabalho, sorridentes e com uniformes impecavelmente limpos, esperançosas de serem notadas pelo conde, ou até mesmo pelo secretário dele, que sorria de modo galante, exibindo belas covinhas no rosto moreno.

Se seu caráter fosse parecido apenas um pouco com o de seu mestre, todas as moças de Rose Place estavam perdidas.

Oh, sim, ela já sabia quem, ou o que, era o conde de Attwood. Ou *Lorde Tim*, como o chamavam Emily, Jane e quem mais lhe fosse íntimo. E nem precisou que alguém lhe contasse. Ele era um daqueles sobre quem sua mãe e suas tias haviam lhe alertado, e que deveria afastar-se o máximo possível.

Ele era a epítome do libertino, o cafajeste de sorriso manso que conseguia aparentar inocência e generosidade, transmitindo segurança a sua presa apenas para garantir que poderia dar o bote sem muita dificuldade. Depois de abatida, sua caça já podia conhecer a verdadeira face da fera que a enganara.

Como ela não o reconhecera de imediato, já que vira o retrato dele antes? Na verdade tinha resposta a esta pergunta... A pintura não lhe fazia jus. Mostrava um rapazola com olhar insolente, não o homem impressionante que se tornara. Assim não se preocupara de admirar por muito tempo a imagem na tela.

E quase fizera uma grande tolice...

Mas isto não tinha importância. Em breve ela partiria com Hope e Faith, para a segurança do Solar das Margaridas, longe de homens bonitos e envolventes.

Como se atraído pelos pensamentos dela, o conde surgiu ao seu lado.

— Senhorita Blake, boa tarde.

Ela pestanejou antes de responder-lhe, um pouco desconcertada quando ele sentou-se ao lado, estendendo as longas pernas sobre a toalha que ela havia esticado no solo, e recostando-se na larga árvore que lhes garantia frescor.

— Está um belo dia hoje. Não vai tentar aproveitar para conquistar o Reino das Fadas?

Ele falou tão naturalmente que pegou-a desprevenida, e Catherine riu.

— Oh, eu já tentei, mas Hope conseguiu chegar até a bandeira antes, e salvar o Reino mais uma vez. Não compreendo como uma criança tão pequena consegue ser tão rápida.

— Que vergonha, senhorita Blake! Vencida por uma guerreira de seis anos de idade quando é uma amazona adulta e bem treinada!

Ela soltou uma exclamação ultrajada.

— Não viu como Hope corre! O exército dela a preparou muito bem.

— Sem desculpas. Não está levando a sério seus deveres como líder conquistadora.

Ela bufou.

— Isto vindo de um representante sedentário da velha monarquia...

Tim virou-se rapidamente, abrindo a boca e fingindo horror:

— Como se atreve?

— O senhor me chamou de molenga.

— Não — um sorriso lento começou a formar-se no rosto dele, — atestei ontem que a senhorita não é molenga, na verdade é macia e penso que

deveríamos...

Antes que o diálogo continuasse as crianças vieram correndo em sua direção, felizes pela presença do nobre, e seguidas pelas criadas.

— Lorde Tim! Lorde Tim!

Ele riu do entusiasmo delas.

— Boa tarde, damas, princesas, soldados ou fadas, seja lá o que forem hoje!

As meninas riram enquanto lhe respondiam o cumprimento.

— Meninas, o conde de Attwood acabava de me falar em como ficaria feliz de brincar com vocês de Batalha. Ele garante que pode conquistar o território das Fadas, tomando-lhes a bandeira.

Gritos e ofegos de ultraje espalharam-se rapidamente.

— Um menino no Reino das Fadas?? — Hope não ocultou sua descrença.

Timothy olhava Catherine, e ela percebeu que o maxilar quadrado tremia ligeiramente. Ele estava rilhando os dentes? Isto era muito, muito bom! Prosseguiu, mais animada ainda:

— Um duende, ou melhor, um ogro, acredito, não um menino. E sim, ele disse que superaria qualquer menina, princesa ou fada, em rapidez e perícia e que o Reino das Fadas mudaria para Reino dos Elfos.

Um som de engasgo pareceu escapar da garganta do nobre. Catherine continuou, enquanto as garotas agitavam-se cada vez mais.

— E ele quer começar o ataque hoje.

— Hoje? — várias vozes ergueram-se, surpresas. A de Attwood, inclusive.

Shanti, com Vitoria no colo, virou o rosto para ocultar seu sorriso. A preceptora Olivia tinha a boca coberta com as pontas dos dedos.

As garotas recuperaram-se mais rapidamente que lorde Tim, e começaram a pular, puxando-o pelas mãos, animadíssimas com a perspectiva de brincar de combate mais uma vez, com alguém que poderia saber muito sobre a arte da guerra.

— Esperem um minuto! — Tim virou-se para Catherine — A senhorita não vem?

— Sinto muito. Um exército de cada vez. Já fiz minha tentativa de hoje. Perdi, lembra-se que o disse?

Timothy estreitou os olhos. Sem ter uma resposta rápida para dar, ou chance de fugir, foi arrastado pelo pelotão das Fadas.

Derrotado.

Por quatro meninas.

Meninas pequenas.

Elas o haviam vencido com facilidade.

Se fossem silvícolas, ele teria sido escalpelado.

Se fossem bárbaras, esquartejado.

Se fossem vikings... teria sobrado apenas cinzas dele.

Sentia como se estivesse sido moído, esmagado. Estava exausto.

Espalhou-lhe no canapé da sala de chá, tentando não se lembrar do sorrisinho sarcástico de *Cat* Blake quando ele entrou em casa, cercado por pequenas e exultantes fadinhas que proclamavam alegremente o triunfo sobre o inimigo ogro.

Ogro!

Até Vitoria e Shanti pareciam estar se divertindo com sua derrocada.

Traidoras.

Porém não havia maior traidora ali que a senhorita Blake.

Ele havia passado a manhã enfurnado no escritório, olhando números e listas intermináveis, enquanto decifrava despesas e contas, tendo como companhia um indiano concentrado que falava ainda menos que ele, absorto também em livros contábeis, comparando cifras e recibos.

Engolira torradas com geleia no lugar do almoço, tinha o pescoço dolorido e a vista cansada. E quando fora buscar um pouco de ar puro e descansar a mente embaixo do velho carvalho perto da fonte, Catherine Blake atiçara pequenos demônios com vestidos cor de rosa para cima dele.

Fora obrigado a correr, esconder-se, ficar de cócoras, sentar no chão duro, úmido e frio, e pior de tudo, pensar, quando desejava apenas uma conversa amena com a bela mulher que movimentara seu sono na noite anterior, desfrutando de uns instantes de tranquilidade ao ar livre antes de voltar a pensar em responsabilidades, obrigações, libras e pences.

Cathie, aquela gata perversa...

Timothy não se considerava um homem vingativo.

Mas Catherine não ficaria sem troco.

O jantar foi uma animada confraternização, com as crianças ainda energizadas pela vitória da tarde. E embora houvesse perdido o jogo, Timothy estava satisfeito. Recuperava rapidamente a intimidade esperada entre irmãos, Emily e Jane mostravam-se animadas com sua presença, e o estranhamento que esperava acontecer entre eles, após anos de afastamento, não ocorrera. Claro que não se iludia, pensando que tudo ia perfeitamente bem graças exclusivamente a ele. Com a presença de outras crianças, e, verdade fosse dita, com Catherine Blake fazendo as vezes de “madrinha”, a adaptação se dava com mais facilidade do que se estivessem sozinhas desde o falecimento de Anne. Anne também preparara terreno para sua volta, certamente, falando às garotas sobre o irmão, lendo as cartas recebidas da Índia, e não permitindo que sua imagem se apagasse por completo, ao manter a pintura que o retratava vários anos mais jovem sobre a lareira do salão azul, o recinto íntimo dos Flanagan. Para suas irmãzinhas não devia ter mudado muito.

Ele sabia bem que mudara, mais por dentro do que por fora.

Mas não se permitiria pensar muito nesta mudança, nem no passado. As garotinhas à mesa exigiam atenção no presente e cuidado no futuro, e era a isto que o conde iria se ater. Sem tempo para melancolia.

Capítulo 6

— Brincar de conquistar o Reino das Fadas... Com o conde?

Catherine não se importava de brincar com as meninas, mas sua última incursão na brincadeira de guerra tendo o conde por perto havia acabado de modo que ainda lhe causava certo constrangimento. E o olhar do lorde a fazia lembrar disso muitas vezes. Muito embora, para mérito dele, nenhuma outra investida houvesse sido feita. Eles jantaram todos juntos na noite anterior, seguiram para a sala de estar, e assim que percebeu que Vitoria apresentava sinais de cansaço, o lorde decidira colocar ele mesmo a filha para dormir. Catherine ainda ouvia o homem cantarolando para a menina enquanto se afastava e subia as escadas com ela no colo.

E que voz ele tinha...

Devia ser algo no timbre... Encantava e apascentava ao mesmo tempo.

Enquanto seu canto, belo, melodioso, e suave, pôde ser ouvido, Emily, Jane, Hope e Faith mantiveram-se em silêncio, enlevadas.

Hope, que mal completara seis anos, erguera-se então. A ânsia em seus olhos era óbvia, e Cathie pôde compreendê-la. Era pequena, ficara órfã muito cedo, e nunca conhecera a sensação de ter um pai que a mimasse, e a colocasse para dormir com cantigas de ninar ou histórias de fadas... Intuitivamente soube que Vitoria também teria o privilégio de ouvir a voz do pai narrando-lhe aventuras, e desventuras, de princesas e príncipes em reinos imaginários, e um suspiro escapuliu-lhe sem que o pudesse conter. Ela própria nunca recebera nada disso. Mas não podia sentir falta de algo que nunca tivera, e só foi descobrir que pais e mães podiam ser carinhosos quando libertara-se dos seus.

Porém não era isto que vinha ao caso no momento.

Queriam brincar. Garantiram que o conde desejava unir-se a elas na brincadeira mais uma vez.

— Não fazemos parte do mesmo exército, sabem? Eu sou a guerreira inimiga de um reino mágico, e ele é apenas um ogro malvado...

— Nós sabemos! Vocês não vão se juntar para nos derrotar, é cada um

por si! E as fadas contra ambos — explicou Jane, a mais velha entre as meninas.

— Por favor, tia Cathie... — pediu Hope, com seus olhinhos azuis brilhantes.

Ainda enternecida pela ansiedade no rosto da menina, na outra noite, Catherine decidiu aceitar.

— Está bem.

Seguiram para o ponto onde devia estar o estandarte do Reino das Fadas, e Catherine percebeu, surpreendida, que havia uma novidade ali.

Antes a bandeira ficava num suporte improvisado, um velho cabo de vassoura, preso entre pedras, e ao alcance da mão. Mas desta vez, não.

Havia agora uma base de madeira imitando uma torre, e no alto dela erguia-se o mastro, lixado e bem encerado, com a flâmula tremulante a mais de dois metros de altura.

Cathie aproximou-se e esticou o braço, tentando alcançar a bandeira, sem sucesso.

— Está alto demais!

— Estava fácil demais antes.

Catherine voltou-se, observando lorde Flanagan aproximar-se. Ela devia saber que ele estava por trás daquela mudança.

— Tão fácil que milorde não conseguiu pegar a bandeira.

— Eu estava despreparado. Fiz uma incursão não planejada, mas agora tenho uma estratégia montada.

Catherine observava o conde, desconfiada.

— E diga-me como eu ou as meninas vamos conseguir alcançar a bandeira?

— Eu consigo — garantiu Hope.

— Dá para escalar a torre — explicou Emily. — Nós já experimentamos.

Então era assim que haviam passado a manhã, após o desjejum? Criando uma torre de tábuas e treinando escalada, com o respaldo do conde?

Catherine aproximou-se da construção rústica. Ela jamais arriscaria colocar seu peso naquilo. A estrutura podia suportar as meninas, se fossem uma de cada vez, mas não aguentaria um adulto. Ia dizer isto, mas o sorriso debochado de lorde Flanagan a fez desistir do comentário. Não daria a ele a chance de acusá-la de medrosa. Quando chegasse ao ponto de tomar posse do estandarte das Fadas, ela saltaria, subiria em alguma pedra, faria o que fosse preciso para pegar o objeto, e estaria tudo resolvido. Dessa vez venceria. Não permitiria outra caçoada por perder para uma criança, e muito menos perderia

para um ogro.

— Está bem.

Enquanto as garotas pulavam e batiam palmas, felizes por colocar em uso a fortaleza criada pelo conde e os criados da estrebária, lorde Tim sorria olhando para sua adversária principal: A gatinha arisca Blake.

Conseguira enfim chegar à clareira, e sem as garotas em seu encalço! Dessa vez ela ganharia das Fadas e seria a rainha vencedora!

Cathie estava com o coração disparado quando abriu caminho entre os arbustos e ficou diante da torre de madeira.

Então sua alegria murchou. Parado bem próximo à estrutura montada estava o conde de Attwood. Tranquilo, observando um passarinho que cantava no galho de uma árvore. Assim que percebeu a chegada de Cathie, abriu um grande sorriso.

— Senhorita Blake! Que prazer revê-la!

Catherine ergueu os olhos para o mastro onde a flâmula bordada pela governanta balançava ao sabor do vento.

— Estava esperando a senhorita chegar. Para que me visse pegar a bandeira.

Catherine correu até a torre ao mesmo tempo em que o lorde.

Alcançaram a torre juntos, empurrando-se.

O conde riu alto, percebendo o quanto era competitiva a senhorita Blake.

Catherine deu um pulo, tocando com as pontas dos dedos a vareta da bandeira.

Timothy então prendeu-a pela cintura, evitando que tentasse novo salto.

— Largue-me! Vou pegar a bandeira e não poderá dizer novamente que sou molenga!

Tim apenas esticou um braço para cima, enquanto mantinha sua inimiga cativa, agarrada a ele. Num só puxão arrancou o estandarte.

Enquanto Catherine gritava “*não!*” o lorde soltava um brado exultante de vitória.

Apertando com mais firmeza a cintura dela, Timothy sacudiu a cabeça.

— De novo esta queixa? Nunca diria que é molenga! Aqui é muito firme... — Olhando a junção dos seios de Catherine ao seu peito, continuou —

aqui é macio...

Deslizou o braço, espalmando a mão nas costas de Catherine, e abrindo os dedos, enquanto os descia bem devagar...

— Vejamos aqui embaixo se é macio ou firme...

— Não ouse!

Lorde Tim não continuou o exame. Apenas deu de ombros.

— Considerarei que tem um traseiro macio e firme ao mesmo tempo.

Catherine torceu os lábios, dobrou o joelho ligeiramente, e subiu-o com força exatamente na parte da anatomia masculina que servia para procriação.

O palavrão que ele berrou enquanto contorcia-se reverberou por todo o campo.

Hope, que chegava correndo naquele instante, estacou, petrificada.

— O que é caralh...

— Não repita! —exclamaram Timothy e Catherine.

A menina ficou ainda mais confusa.

— Por quê?

— Porque é uma palavra muito feia — explicou Catherine, olhando severamente para o conde, que embora dobrando-se de agonia, e com uma das mãos na virilha, não largara a bandeira.

Hope encarou o lorde, esperando que ele dissesse algo.

— Sim... A senhorita Blake... está certa. É uma palavra... feia... — Ele conseguiu balbuciar.

— Então porque o senhor disse? E... o senhor está bem?

Catherine tinha a expressão feliz de uma gata que comeu um rato.

O rato era ele, pensou Tim, contrariado.

— Sim, estou... bem. E falei aquilo... er... antes... por acidente. Peço perdão, senhorita Broadrick.

Hope deu uma risadinha tímida diante da demonstração de cavalheirismo do conde. Então notou a bandeira na mão dele.

— Oh! O senhor conseguiu a bandeira!

Lutando contra a dor, Tim balançou a bandeira bem debaixo do nariz da senhorita Blake.

— Sim, eu consegui... Venci! E agora... Sou o novo rei.

Emily, Jane, e Faith apareceram, apressadas, e ao verem a bandeira com o conde, emitiram sons de pesar.

— E nós somos suas escravas — Hope suspirou.

Catherine estremeceu:

— O que?

— Somos escravas do novo rei — explicou Jane, resignada.

— Como assim, são escravas?

— São as novas regras. — Emily sentou-se numa pedra.

— Novas regras?

— Sim. E a senhora também é escrava dele, tia Cathie — avisou Faith.

— Oh... Nããão...

Catherine virou-se para Timothy, que já voltara a sua postura normal, e agora sorria:

— Oh, siiiiim...

Pelo resto do dia as pequenas escravas de lorde Tim se revezaram em paparicá-lo, atendendo prontamente todos os seus pedidos, passando geleia em suas torradas e servindo-lhe na boca, trazendo-lhe refrescos variados, penteando seus cabelos, massageando-lhe os pés e — Catherine teve que rir disso — abanando-lhe com vários leques quando ele queixou-se do calor.

Parecia um paxá!

Ele estava adorando tudo aquilo.

A surpresa era que as crianças também estavam!

Quando Vitoria entrou na sala e viu o pai refastelado na chaise longue, correu para ele, animada:

— Papaaaaa!!!

Timothy a suspendeu, jogando-a para o alto e pegando-a de volta, apenas para repetir a brincadeira. Ela soltou gritos de alegria. Mas quando voltou ao chão, após beijá-lo no rosto fazendo biquinhos lindos, pegou as mãos de Hope e Emily e começou a puxá-las, para que largassem o que estavam fazendo.

— Brincá!

As meninas voltaram o olhar para Timothy, em expectativa.

— Muito bem, declaro livres as minhas pequenas escravas. — Fez um gesto amplo com a mão, imitando um soberano magnânimo e pomposo.

Catherine sorriu quando o grupo barulhento correu para fora da sala, acompanhado de perto pela discreta Shanti. Esperou que o conde voltasse sua atenção a ela outra vez para que continuasse sua incumbência. Ele lhe ditava

cartas.

Outra surpresa.

Imaginou que o homem tripudiaria, tentaria colocá-la em alguma situação desagradável ou até humilhante, principalmente pelo que havia acontecido antes das crianças chegarem, mas não. Ele apenas perguntara se ela escreveria algumas cartas que ele precisava expedir. Claro que havia acrescentado a palavra “escrava” à pergunta, mas ela não esperaria menos dele. Talvez fizesse a mesma provocação estando em seu lugar. Era difícil resistir quando se saía vitorioso de um confronto...

Então decidira ser boa perdedora, e sentara-se de boa vontade diante de papel e tinta, para atender ao conde. Ou seu rei, como Hope insistira em dizer.

E ainda havia o fato de ser um tanto fascinante conhecer um pouco mais do homem através do que dizia aos amigos. Não havia nada de muito íntimo nas missivas, mas o bastante para saber que o conde valorizava aqueles que se importavam com ele a ponto de escrever-lhe regularmente durante os anos em que estivera fora... Basicamente dizia, em cada carta, que ocorrera uma fatalidade com sua madrastra Anne e, portanto, ele regressara ao Reino Unido. Iria até Londres em breve, e visitaria a cada um deles assim que pudesse. Nomes de peso como Smith, Shakman, Fallentin, Bennet e Bethlem fulguravam em envelopes sobre a mesa. E os muito famosos marquês de Brighton e duque de Tyrone, também.

— Bem, senhorita Blake... Continuemos... A próxima carta é para o senhor Gabriel Cunningham.

A mão de Cathie tremeu quando o conde ditou o nome do causídico, fazendo com que espirrasse tinta escura no papel e as manchas se abrissem em diversos borrões.

— Oh...

Timothy aproximou-se por trás de Catherine, inclinando-se para ver o que havia acontecido.

— Algum problema?

— Não... Eu... Manchei o papel... Vou consertar com o mata-borrão...

Timothy estalou a língua, vendo o tamanho do estrago.

— Não conseguirá consertar isto. Use outra folha.

Catherine assentiu, tensa pela presença dele tão próxima. Timothy não mudou a postura rapidamente. Ao invés disso, com o rosto alinhado ao dela, encarou-a bem de perto.

— Olhos violeta... — ele murmurou, tão baixinho que Cathie quase não o

ouviu.

— Sim, eles são violeta... — a voz dela também soou muito baixa.

— Magníficos — Timothy afirmou, ainda usando entonação sussurrante.

Então o conde finalmente aprumou-se, e voltou a usar sua voz normal:

— Prezado senhor Gabriel Cunningham...

Catherine escrevia, mas sua cabeça estava em torvelinho. Tanto pelo modo como seu coração disparou ante a aproximação do conde, quanto pelo trabalho que ela estava efetuando.

Indagava-se como o lorde podia ser tão gentil em alguns momentos e tão desagradável em outros... E como podia irritá-la em um segundo, e desarmá-la totalmente pouco depois...

E como ele podia estar mostrando a ela, ainda que involuntariamente, a solução para todos os seus problemas, na pessoa do advogado mais competente e famoso de Londres!

Capítulo 7

Em poucos dias se tornara muito familiar o ritual de seguirem, todos, para a aconchegante sala verde, logo após o jantar. Na maioria das vezes lorde Tim se recolhia na biblioteca, ou seguia com Raj para o escritório, para jogar cartas, mas nunca sem antes dedicar um pouco de tempo a sua família. Conversando, escutando, mostrando-se sinceramente atencioso. Isto encantava cada vez mais as meninas. Todas elas. E, Catherine precisava admitir, a ela também.

Quando ele estava tão próximo, e distraído em atenções às meninas, podia observá-lo melhor. Admirá-lo. Não era sempre que se podia estar na presença de um homem tão atraente... e em momentos como este, em que era tão encantador com as pequenas, e que não a estava incomodando com suas provocações... Cathie quase podia gostar dele! E mais, pensava como deveria ser seu beijo... como deveria ser receber suas carícias... Oh, pensava em coisas tão impróprias... sentiu-se acalorada, e abanou o leque no rosto, enquanto fechava as coxas firmemente, mesmo sabendo que ninguém poderia ver por baixo de suas saias. Forçosamente olhou em direção às janelas, procurando concentrar-se em outras coisas. Qualquer coisa. Deveria pensar, antes de mais nada, em como resolver seus problemas fora de Rose Place, ao invés de imaginar indecências com um libertino. Suas divagações foram interrompidas quando a Shanti entrou com lady Vitoria.

Vitoria pulara para o colo do pai assim que a babá a colocara no chão, para dar-lhe boa noite antes de dormir. Puxando as bochechas do lorde para que tivesse sua atenção total, e aproximando-o para ficar cara a cara, pediu-lhe:

— Conta toia?

— Contar-lhe história, Vitoria?

— Sim, toia!

Timothy riu, vendo-lhe a dificuldade de repetir a palavra.

— Conto história — frisou mais uma vez — se você colaborar com Shanti e deixá-la pentear seus cabelos e trocar sua roupa, sem fugir dela. Você será uma boa menina?

— Vai ser. — Vitoria sacudiu a cabeça, veemente.

— *Vou ser.* — Tim corrigiu a filha, com brandura.

— Vou ser.

— Ótimo. — Beijou-a na testa, colocando-a no chão.

Assim que Vitoria saiu com a babá, Emily aproximou-se do irmão.

— Tim, você pode contar uma história para mim e para Jane também?

A expressão de Timothy foi de surpresa, mas ele imediatamente concordou.

— Claro que sim. Então preparem-se para dormir, passarei no quarto que vocês ocupam já, já.

Jane e Emily saíram da sala correndo, a felicidade estampada em seus rostos.

Com um suspiro bastante teatral o conde virou-se para Hope e Faith.

— Suponho que as senhoritas também queiram ouvir uma história...

— Sim!! — responderam ao mesmo tempo, sacudindo as cabeças com vigor.

— Bem, e o que estão esperando? Marchem para o quarto, e troquem-se para dormir. Passarei por lá em breve.

Assim como Jane e Emily, a outra dupla também saiu em disparada, transbordando alegria.

Então Hope voltou.

Passou os bracinhos em volta do pescoço do lorde. E depositou um beijo estalado na fronte dele, cochichando-lhe com sua vozinha infantil, daquele modo supostamente segredado, mas que na verdade todos em volta podiam ouvir:

— Eu estou muito feliz.

Catherine sentiu-se a mulher mais idiota do mundo quando seus olhos arderam e sua garganta fechou.

E mais idiota ainda quando o conde de Attwood pediu licença e levantou-se, para cumprir seu papel de contador de histórias, e ela o fitou embevecida, como se estivesse diante de próprio Charles Perrault. Não pôde evitar.

E não conseguiu que sua voz soasse firme ao agradecer-lhe a gentileza que estava fazendo às suas sobrinhas.

Quando o conde apenas abanou a mão, minimizando a situação, e retirou-se, Catherine ainda manteve o sorriso bobo no rosto. Só depois que ouviu os passos dele na escada é que permitiu-se lágrimas de emoção, recriminando-se por ser tão emotiva.

E, principalmente, por seus pensamentos, cada vez mais conflitantes.

Ela estava agitada. Tanto quanto ele. Ele a ouvira andar de um lado para o outro, e finalmente sair do quarto, batendo a porta sem muito cuidado. A senhorita Blake não devia se preocupar com barulho mesmo, julgava estar sozinha naquela ala, já que os quartos ocupados pelas crianças não ficavam próximos, e ela não podia imaginar que Timothy estivesse ocupando seu velho aposento, e não o do conde. Mas em breve ela iria saber, pois Tim já estava farto de apenas observar sua hóspede. E de ser observado por ela.

Àquela noite o olhar de Catherine estava mais cálido, e ele ficou satisfeito com isto. Fora paciente e aguardara um sinal dela, em consideração à amizade que tivera com Anne, e em respeito a própria senhorita, já que não se tratava de uma qualquer. Mas o tempo de espera era findo. Eram adultos e independentes, ela aparentava experiência, mesmo que não muita, o que ele também achava bom, e certamente não precisavam de uma longa corte para fazerem o que tinham vontade. Ah, como gostava de mulheres adultas e independentes! E livres!

Abriu a porta e partiu atrás de Cathie.

— Sem sono?

Catherine já sabia que ele estava no corredor antes mesmo que falasse, mas isto não evitou seu sobressalto. Havia sentido os pelos da nuca eriçarem-se, e o peito tensionar. Sem falar do aperto no estômago, e a reação esquisita lá embaixo, entre as pernas. Havia sentido subitamente tudo quente, e parecia-lhe, úmido. Voltou-se bem lentamente.

Lá estava o conde, grande, magnífico, os olhos negros olhando-a fixamente. Tinha o corpo encostado displicentemente em uma das paredes, e fechava a passagem com seu tamanho exagerado. Catherine tragou a saliva com dificuldade, desviando o olhar.

— Ia buscar um livro. Na biblioteca. — Sentiu-se ridícula pela última frase. Claro que era na biblioteca, onde mais seria, na cozinha?

— Vou acompanhá-la. Talvez possa ajudar.

A voz dele soou lânguida, e Catherine o encarou, sobressaltada, apenas

para encontrar o par de olhos semicerrados dele, ainda fitando-a. Parecia um grande felino espreitando a presa, decidindo qual o melhor momento de pular-lhe em cima.

— Não se faz necessário — ela prontamente respondeu, tentando afastar-se sem dar-lhe as costas. Já não era a primeira vez que fazia isto. Era tolice, sim, mas tinha impressão de que se lhe dava as costas, a fera atacava. E não sabia se podia, ou mesmo se queria, defender-se do tipo de ataque que se ameaçava.

— Está com medo de mim, senhorita Blake? Estou surpreso... afinal, em nenhum momento em que nos encontramos antes passou-me essa impressão... — Deu a mesma quantidade de passos que ela, seguindo na direção de Catherine.

Catherine sentiu a boca seca. Havia uma razão para não temê-lo antes, mas agora, bem... Ainda não o havia encontrado sozinha à noite, num canto pouco iluminado, depois de pegar-se com pensamentos pouco decentes a respeito do conde, muito menos. Principalmente nas últimas horas... Não haveria de dizer-lhe que temia mais seus próprios modos e reações do que a presença dele em si. Se lorde Flanagan soubesse qual era o tipo de medo que a afligia, o risco seria real.

— Claro que não, milorde. Só não quero dar-lhe trabalho.

— Trabalho algum. Quem sabe tem algo lá para mim também?

Catherine resignou-se, enfim dando-lhe as costas. Não atreveu-se a perguntar se também estava sem sono. Quanto menos conversassem, melhor.

Ele a seguiu, muito de perto, até a biblioteca. Catherine pegou o primeiro livro em que seus olhos bateram, e virou-se logo para sair, somente para deparar-se com um muro de músculos bem trajados à sua frente. Trombou seu corpo no de Timothy Flanagan e pulou para trás de imediato, como se lhe queimasse a pele.

— Desculpe-me, doçura — murmurou o lorde, — julguei que levaria mais tempo na escolha, e aproximei-me para ajudá-la, caso precisasse de uma opinião.

— Esse está ótimo! — Ela sacudiu um livro diante do nariz dele.

Timothy segurou-lhe o braço para ler o título. A corrente de energia que desceu pelo corpo de Catherine a partir do ponto onde ele a tocara foi impressionante.

— “*A arte da Guerra*”? — Olhou-a, surpreso. — Sério, realmente?

Estava claro que ele conseguiu ler sua expressão apreensiva, e pior, ruborizada.

— Quero ficar com sono — ela respondeu, apressada. — Nada como um

livro que não nos interessa para fazer isso.

“*A arte da guerra*”? Catherine, você é mesmo uma idiota! — ela repreendeu-se, aliviada por ao menos ter espírito para uma resposta satisfatória. Conseguiu escapular novamente para o corredor, e um segundo depois o nobre estava novamente ao seu lado. Observou-o discretamente, e percebeu que não carregava nenhum livro.

— O senhor não pegou nenhum livro.

— Eu não disse que pegaria um livro — respondeu ele, sorrindo.

— Mas disse que na biblioteca poderia ter algo... — a voz foi morrendo, ao dar novo significado àquelas palavras.

— Esperava que pudesse haver algo para mim... — ele repetiu por ela a frase dúbia.

Catherine estacou, alerta, quando ele lhe barrou a passagem.

— Estava aguardando uma oportunidade de falar-lhe a sós, senhorita Blake — disse Timothy, baixando o tom da voz.

— Não creio que tenhamos algo a conversar nesse momento.

— Discordo.

— Devíamos estar na cama uma hora dessas! — Ela franziu o cenho. Então deu-se conta da má escolha de palavras que fizera.

— Nisso sim estou de acordo. Devíamos, não é? — ele respondeu, com um sorriso zombeteiro.

Ela sustentou-lhe o olhar, com os lábios apertados.

Tim alternava seu olhar da pinta no canto da boca até os olhos violeta de Catherine. Agitou-se por dentro, e aproximou-se mais dela. Cada vez que a reencontrava, a moça se desenhava mais bonita e desejável. Não podia negar que a queria, e muito. E o conde estava acostumado a ir atrás do que desejava.

— Quero agradecer-lhe pelo cuidado com minhas irmãs, mais uma vez.

— Estimava sua madrastra, e estimo as meninas. O mínimo que podia fazer era manter-me presente enquanto necessário.

— Aprecio sua presença aqui.

— Não pareceu-me — Encarou-o. Grande erro.

— Então enganou-se, meu bem...

Timothy mostrava os dentes brancos num sorriso predatório, belo e perigoso, potencializado pela luz bruxuleante das velas presas nos castiçais dependurados do teto.

— Gosto muito de sua presença, muito mesmo, Catherine...

Timothy pôs as mãos sobre os ombros de Cathie, e ela não teve forças para afastar-se. Suas pernas pareciam pesar toneladas.

— Posso lhe chamar de Catherine?

Meio sem dar-se conta, acenou que sim. Podia chamá-la de Catherine.

— E em troca você pode me chamar de Timothy, ou simplesmente Tim.

— Meu senhor, não é adequado que eu o faça.

— É muito adequado, minha doçura, e gostaria de ouvi-la repetindo meu nome — ele respondeu, com voz sedutora. Desejava mais ainda ouvir os sons que ela emitiria na cama. Tinha certeza que era fogosa, já que parecia uma fúria da natureza durante quase todo o tempo. — Por favor, diga meu nome.

Catherine ainda conseguia pensar. E conseguiu responder:

— Não nos conhecemos o suficiente para isso!

Ele suspirou, e pôs uma mão no peito, num gesto dramático:

— Me parte o coração desse modo, Catherine.

Rapidamente voltou a segurá-la pelos ombros, enquanto falava, olhando-a nos olhos, audaciosamente próximo:

— Mas é fácil resolver esse problema. Falarei de mim: Nasci em Londres, vivi os últimos anos na Índia, sou viúvo, pai de uma linda menina chamada Vitoria. Posso algumas propriedades, das quais muito me orgulho, faço parte da Câmara dos Lordes, apoio algumas causas sociais, valorizo minhas amizades. — Ergueu os olhos, como se tentasse lembrar de mais informações sobre si mesmo, e prosseguiu — Gosto de jogar cartas, aprecio vinho, uísque, esgrima, cavalos, cães. E sou seu admirador.

Catherine sentiu o rosto arder.

Ele continuou a falar, dessa vez num tom de voz mais suave e macio, enquanto seus dedos acariciavam os ombros de Catherine, numa tortura deliciosa:

— Quando estou com uma dama a quem admiro, sou direto e dedicado a agradá-la, mas não sou açucarado. Não faço o gênero romântico e sutil, faço um tipo mais... enérgico.

O sorriso malicioso no rosto de Timothy fez Catherine piscar. O que ele estava dizendo? Ou melhor, o que significava tudo isso?

O conde diminuiu a distância entre eles, trazendo-a para perto. Baixou ainda mais o tom de voz, seus olhos declarando todo seu desejo.

— Não provoco gemidinhos tímidos, Catherine, provoco gritos de prazer, garanto-lhe... Vou mostrar-lhe...

Apoderou-se da boca de Catherine tão rápido e vorazmente que a moça

não conseguiu impedi-lo. Mesmo odiando-o por sua pretensão, viu-se entreabrindo os lábios, permitindo que lhe invadissem com a língua, fazendo as duas dançarem juntas, numa experiência úmida e sensual.

Não era um beijo suave, mas uma explosão absurda de sentidos.

Catherine pegou-se cravando as unhas na nuca de Timothy, enquanto ele a prensava contra a parede, forçando sua masculinidade latente contra ela, inegavelmente excitado.

— Timothy... — gemeu, quase num choro, quando a boca masculina se afastou da sua.

— Bem aqui, querida...

Os beijos desceram pelo pescoço alvo de Catherine, calorosos, doces, brutos, as sensações inebriantes todas ao mesmo tempo. Ela arfou alto, contorcendo-se, e recebeu uma risada baixa, sensual, e muito masculina como retribuição.

— Catherine... que delícia é... — Tim murmurou, mordendo de leve seu ombro, como se fosse um doce raro. Uma das mãos do conde a mantinha cativa pela cintura, enquanto a outra já vasculhava por baixo de suas saias, até alcançá-lhe as partes mais íntimas e sensíveis. Soltou um grunhido de satisfação.

Catherine arregalou os olhos. O que ele estava fazendo? Ou melhor, o que ela estava permitindo que ele lhe fizesse? Era loucura! Deliciosa, obscena loucura!

E estava acontecendo muito rápido. Sentiu-se desfazer quando Timothy encontrou o que procurava lá embaixo, fazendo-a sacudir num forte espasmo pelo simples toque de sua mão, provocando um soluço alto de agonia e ansiedade.

Ele imediatamente voltou a beijá-la na boca, com ainda mais intensidade que antes, para total perdição de Catherine. Depois foi descendo beijos pelo queixo dela, mordiscando, e escorregando pelo maxilar até o pescoço e assim seguindo, passando pela garganta, fazendo-a esquecer de respirar, de tragar saliva, de pensar.

Sentir... E gemer... era só o que fazia...

Em seguida, com os dentes, Tim puxou-lhe uma manga do vestido, expondo parcialmente os seios. Os lábios pairaram sobre o decote, e ele assoprou, suavemente, eriçando os mamilos a ponto de fazê-los incomodar.

Catherine contorceu-se, lançando o peito para frente, deixando o conde satisfeito e mais atrevido. Tim voltou a puxar o tecido, expondo os seios de Cat em toda sua glória.

— Cat... Gatinha...² É espetacular...

A boca de Timothy estava quente ao envolver uma aréola rosada, lambendo e sugando com vontade, enquanto a mão dele acariciava mais e mais embaixo...

Catherine sufocou um grito. Estava prestes a desfalecer de tanto desejo, e tinha certeza que não haviam chegado sequer à metade do caminho.

Ela nem precisava de muito estímulo da parte de Flanagan. De fato, sentira-se derreter desde o momento que pressentira a presença dele no corredor, e piorara ao ouvir-lhe a voz profunda. Era como um inseto capturado numa teia de aranha, sem conseguir sair do lugar, apenas aguardando o desfecho óbvio. E o desfecho era entregar-se a ele, ali mesmo, em pé, na casa de campo de um libertino que mal conhecia. Separou as pernas numa rendição muda quando Tim afundou seus dedos dentro dela, com gentileza e habilidade, de uma maneira que Catherine nunca podia sequer imaginar que traria prazer.

Timothy sentiu o corpo tremer com a reação dela, externa e interna, tão instantânea. Estava mais do que úmida, mais do que preparada para recebê-lo dentro dela. E ele a tomaria agora, com prazer. Estava tão desejoso disso que sequer pensou em carregá-la para um quarto. Aos diabos com o decoro! Estava absolutamente faminto por aquela mulher!

— Ah, meu bem, você me quer e seu corpo demonstra isso escandalosamente... — ele sussurrou, abrindo as calças, enquanto levantava suas saias e a fazia erguer uma perna para enlaçar seu quadril, — você me deseja tanto quanto eu a desejo...

Sim, era verdade, Catherine admitiu a si mesma, queria-o. Queria-o tanto que já não conseguia saber o que era certo e o errado, só o agora contava. Mas uma voz em seu interior começou a gritar que precisava impedi-lo, impedir a si própria de ser feita de rameira por aquele sedutor da cidade. Um fio de consciência elevou-se em Catherine, impelindo-a a defender sua honra:

— Sou virgem!

Um balde de água fria não teria efeito mais imediato em Tim. Soltou-a no mesmo instante.

— Virgem???

Tim estava lívido. Não podia ser! Catherine estava tão receptiva, e ainda sentia o desejo dela em forma inegável nos dedos... Obtivera uma resposta tão veloz aos seus beijos que jamais poderia imaginar que não estivesse diante de uma dama experiente. Repreendeu-se duramente por quase tê-la levado à ruína quando só buscava sexo.

Deus do céu, como podia cometer um erro de julgamento tão imperdoável?

— Sou virgem — ela reafirmou, o queixo tremendo, os olhos desmesuradamente abertos.

Ambos haviam empalidecido.

— Me perdoe — murmurou ele, fechando as calças e apertando-se. — Não... Eu... Isso não voltará a se repetir.

Timothy estava chocado com a situação. De fato ela parecia uma fêmea tão sedutora que não podia imaginar que fosse ainda donzela... Que tolo! Que insensato!

Afastou-se a passos largos, fugindo de Catherine como o diabo fugiria da cruz.

² Aqui Lorde Tim faz uma brincadeira com *cat* que significa **gato** em inglês, para seduzir Catherine.

Capítulo 8

Quando voltou para o velho quarto, depois de uma boa caminhada pelo campo, para esfriar a cabeça e o corpo, Tim pôde ouvir a senhorita Blake abrindo gavetas e arrastando coisas. Ele podia adivinhar o que ela estava fazendo: as malas. Normalmente acharia que deixá-la partir seria o mais sensato, porém precisava levar em conta suas irmãs. As meninas adoravam Catherine, e adoravam Hope e Faith. Iriam ficar muito infelizes se elas partissem de modo assim tão abrupto. Não seria justo. Timothy balançou a cabeça, consternado. Tinha certeza que sua hóspede iria querer partir depois do encontro noturno que tiveram, mas não julgava que ela pretenderia fazer isso antes mesmo da alvorada. Bem, ele não podia permitir isso. Não que ele realmente se importasse. Mas as meninas... Sim, as meninas deviam ser consideradas. Inclusive as pequeninas Hope e Faith... Como dono da casa, e responsável pelo equívoco desastroso da última hora, resolveria a questão imediatamente. Não era porque ele queria que ficassem.

Não.

Não era.

Cathie tomou um susto quando bateram à porta do quarto. Quem poderia estar batendo tão tarde da noite?

Ah, ela imaginava quem.

E não iria abrir.

Não havia rodado a chave na fechadura à toa.

Teve confirmação de quem estava do outro lado quando a voz máscula e cativante se fez soar, sem que a madeira que os separavam pudesse contê-la:

— Senhorita Blake, por favor, preciso falar-lhe.

— Não temos o que falar, conde de Attwood.

— Temos, senhorita. Por favor. Abra para que possamos conversar. Dou-lhe minha palavra que não a atacarei e nem farei nada inadequado.

Claro.

Já havia feito.

Não podia fazer nada a mais de pior, não é?

Na verdade, sim.

— Não vejo necessidade de abrir a porta já que o ouço bastante bem a portas fechadas.

— Sim. A senhorita ouve. E outras pessoas além da senhorita também poderão ouvir.

E ele parecia muito enfático, e um tom acima do necessário, quando completou:

— Poderão ouvir mesmo *tudo* o que tenho a dizer sobre hoje.

Oh, agora ele parecia convincente. Catherine abriu a porta. Postou-se diante do conde, sem permitir-lhe passagem.

— O que quer?

Ela estava tão bonita com aquele semblante impaciente e ruborizado, que Tim perdeu por alguns segundos o fio dos pensamentos e das palavras. Logo ele, que sempre tinha respostas imediatas para tudo, ficara em branco.

Então lembrou-se do que viera fazer. Ou exigir. Ou pedir. O que viera falar.

— Por favor, não vá embora.

— O que?

Não devia ter soado como soou. Como um pedido para que ficasse por causa dele. Pigarreou.

— Senhorita Blake, lamento tremendamente minha atitude mais cedo. Não tornará a acontecer, creia nisso, e não tome a decisão precipitada de partir imediatamente. Não peço que fique em Rose Place por mim, mas pelas garotas. Minhas irmãs, e suas sobrinhas. E mesmo por Vitoria. Veja, elas afeiçoaram-se tanto umas às outras. Eu diria até que há entre elas uma afeição fraterna.

Catherine sabia que nos últimos meses os laços de amizade entre as meninas aprofundara-se de uma forma que fazia com que as quatro parecessem irmãs. E percebera como Vitoria, mesmo tão menor que as outras, e tendo tão poucos dias de convívio com elas, também já se apegara.

E ainda havia o fato de que Rose Place era... era Rose Place! O melhor refúgio que poderia encontrar no momento, o local onde poderiam estar mais protegidas das garras de seu pai e de tudo o que ele representava. E agora com a

presença do conde e os cuidados redobrados dos criados, ainda mais seguro. Se o conde dava sua palavra que não mais dirigiria suas investidas noturnas para ela, deveria acreditar e aceitar. O risco que corria dentro dos corredores da mansão era nada se comparado ao que podia haver lá fora.

— Está bem, milorde. Ficaremos um pouco mais em sua propriedade, se assim quer.

Ela capitulara tão rápido que Tim surpreendeu-se. Pensava que precisaria ser mais enérgico ou mais insistente, no entanto a sensatez dela o livrara deste fardo. Ficou aliviado. Não desejava causar mais tristeza a Emily e a Jane. Sim, havia a possibilidade de Cathie e as sobrinhas ficarem por apenas mais um dia ou dois e irem embora. Não seria bom. Ainda não. Pensando nisso cogitou alguma forma de manter a senhorita e suas sobrinhas mais tempo ainda junto às suas irmãs.

— Consideraria ser a responsável por minhas irmãs, em tempo integral, senhorita Blake?

Catherine franziu as sobrancelhas. *Quêêêêê?*

— Como? Como assim?

— Bem... Eu... Ocorreu-me agora que talvez se interessasse em ficar em Rose Place como instrutora das meninas. Eu pagaria muito bem. Claro, continuaria mantendo-se em seus aposentos, as suas sobrinhas continuariam aqui, e...

Cathie sacudiu as mãos diante do corpo, tentando fazer Tim parar de falar, e de pensar.

— Pare, espere, senhor conde!

Ele calou-se e aguardou.

— Eu sei o que o senhor está fazendo, ou querendo fazer.

Sabe? Como? Nem ele sabia direito o que estava fazendo. Ou querendo fazer, como ela havia dito.

— Sim, eu sei. Está querendo me compensar por sua atitude. *Pagar-me bem!* Talvez acredite realmente que isto pode ser o certo, vindo o senhor de uma das classes mais altas do Reino Unido, mas saiba que tal atitude também pode ser considerada terrivelmente ofensiva!

Oh-oh... Este era um rumo inesperado das negociações...

— Nada disso! — Melhor esclarecer tudo antes que piorasse. — De forma alguma eu pensaria em ofendê-la! Eu realmente...

Ele tornou a calar-se. Não era o melhor dos oradores. Nunca tivera que preocupar-se muito com o que dizer às mulheres porque nunca se incomodara

com o que pensassem a seu respeito. Também, excetuando-se Evangeline, nunca precisara ser convincente com uma mulher decente para que se mantivesse sob o mesmo teto que ele. Quem dera tivesse a retórica de Rob naquele instante. Dizia-se do amigo que recebera o dom divino da palavra. Certo, algumas versões diriam que o dom da palavra havia sido dado a ele pelo próprio diabo. Fosse qual o padrinho, viria a calhar um pouco de eloquência miraculosa agora.

— Já que começou a falar, termine, *Lorde Tim*.

Ooooh, garras de tigresa à mostra! Catherine chamá-lo de *Lorde Tim* era um aviso. Se ele terminasse de falar o que havia pensado, e se estivesse errado, como agora parecia, faria com que ela partisse dali mais ligeira que um raio. E estragaria tudo. Seguiu outro rumo:

— Imaginei que gostasse da ideia de instruir minhas irmãs, aconselhá-las, ajudar a prepará-las para o futuro... Fazer isto como uma amiga que tornou-se para elas tão importante quanto alguém da família... Ou mesmo em memória de Anne. — Anne reviraria os olhos se pudesse ouvi-lo, onde quer que estivesse.

— Oh... — Cathie levou a mão à boca, em desconcerto.

— Mas jamais poderia pedir-lhe tal coisa sem oferecer algo em retribuição, não seria correto, não haveria justiça nisso.

— Compreendo...

E dinheiro era sempre dinheiro, não era? Entendera que a amiga de sua madrastra estava vivendo na mansão havia um bom tempo. Talvez não tivesse aonde ir, ou talvez estivesse em uma situação financeira complicada, mesmo que seus trajes, e os trajes das sobrinhas, não contivessem nenhuma indicação nesse sentido. E elas não citavam outros membros da família, além de uma avó e os pais das crianças, todos falecidos. Se estivessem em apuros financeiros, oferecer um cargo na casa poderia ser-lhe a salvação. Mas dizer isto poderia causar mais constrangimento e irritação.

— Então fica combinado que enquanto estiver aqui farei tudo ao meu alcance para orientar Emily e Jane a serem educadas da melhor forma, mas não posso aceitar pagamento por isso. Nem preciso. Tenho renda suficiente para mim e minhas sobrinhas.

Como o conde de Attwood continuava a encará-la como se esperasse algo mais, ou como se não estivesse devidamente satisfeito com a resposta dela, Cathie juntou as mãos à frente do corpo e tomou mais fôlego antes de finalizar, sabendo o quanto a maioria dos homens julgava as mulheres incapazes de lidar com a gestão de seu capital.

— De fato as meninas também estão protegidas financeiramente, graças

às suas heranças, e que eu, como tutora, administro. E administro bem, creia-me. Não há com que se preocupar quanto às nossas finanças, milorde.

Hum... Timothy assentiu.

— Isso é ótimo.

Fitou-a por alguns segundos antes de retomar a palavra.

— Agradeço-lhe, senhorita Blake. Agora deixarei que se recolha em paz. Boa noite.

— Boa noite, milorde. — Catherine já não estava mais aborrecida. O que não era bom. Fazia com que lembrar-se do erro cometido mais cedo. Do que permitira que o conde fizesse... E como se sentira...

Ela voltou a ruborizar-se.

Timothy acreditava saber a razão daquele rubor. Ele também estava pensando no que haviam feito, e no que poderiam ter feito além, mesmo que não devessem. Com um sorriso tênue afastou-se, agradecendo a qual fosse a deidade que o ajudara a dizer as palavras certas na hora certa, dessa vez.

Capítulo 9

Ao amanhecer, ao invés de dirigir-se para salão, Timothy seguiu até o fim do corredor onde ficavam os dormitórios dos criados, atravessou a passagem que se abria para a área de lavagem e secagem da roupa de cama e de mesa, e foi bater à porta dos aposentos da senhora Harris. A governanta havia ganhado um alojamento especial na casa muito anos antes, quando a mãe de Tim ainda vivia. Funcionava como um pequeno apartamento, independente, acessível por uma escada externa.

— Finalmente! — A senhora sorriu, abrindo a porta, nem um pouco surpresa pelo conde estar ali tão cedo.

— Desculpe não ter vindo tomar o desjejum em sua companhia antes.

— Eu compreendo perfeitamente. — Ela afastou-se, permitindo que Timothy entrasse e fechasse ele mesmo a porta — Precisava recuperar o tempo perdido com vossas irmãs.

— Talvez não o recupere nunca.

Ela deu de ombros.

— Talvez. Mas assim é a vida, lorde Tim. Venha sentar-se.

Tim sentou-se à mesa da bem cuidada saleta da senhora Harris. Ainda recorda-se do cheiro que sentia ali. Uma mistura de madeira, cera e alfazema. Um cheiro de passado, que o fazia, por alguma razão, sentir-se rejuvenescido.

— Não mudou muita coisa. Talvez aquele vaso... — apontou para um ornamento bonito, sobre uma mesinha em estilo grego no canto.

— Sim, é novo. O adquiri ano passado.

Ela colocou sobre a mesa um prato com biscoitos e encheu-lhe uma xícara com líquido fumegante.

Tim aproximou o nariz para sentir o aroma. Café.

— Não esqueci do hábito que adquiri em Londres, por causa das confeitarias Smith.

O conde riu.

— Tristan contagiou a todos com seus cafés.

Ela suspirou sonoramente.

— Até a mim! Mas ainda prefiro chá.

Timothy sorveu a bebida bem devagar, admirando a casa, e observando sua moradora. Sempre que passava dias no campo tirava uma manhã para estar na companhia da velha governanta. Ela sempre o tratara com carinho, mesmo que nunca deixasse de chamá-lo de senhor. Não esperava que ela lhe escrevesse para convocá-lo de volta ao lar, decerto imaginava que esta função não lhe pertencia, e jamais ultrapassaria uma fronteira para qual não fosse destinada, mas sabia que fora ela que instara Catherine Blake a enviar a carta que o traria de volta. E sabia também, que se Cathie não houvesse tomado para si a função de resguardar Emily e Jane, a senhora Harris o faria.

E era a melhor pessoa a quem poderia perguntar sobre o que acontecera a Anne durante sua ausência do país.

— Senhora Harris... A condessa apresentava algum sinal de debilidade antes de sofrer o mal súbito que a matou?

— Na verdade ela vinha reclamando de dores de cabeça... E então... Fui eu quem a encontrou, sabe? Estava desmaiada, na estufa... Chamamos o doutor... Mas nada se pode fazer.

Timothy ficou pensativo. Teria sua madrastra ficado enfraquecida após as tentativas para engravidar? Ou após ter os bebês que o marido tanto desejava? Estaria doente por causa de todas as beberagens e infusões a que fora submetida para aumentar sua fertilidade? Teriam os Flanagan sido os responsáveis por mais esta perda?

Será que estaria ela afundada em preocupações e isto havia enfraquecido seu coração? Talvez se ele estivesse por perto, cumprindo as obrigações de conde, de modo correto...

— Oh, lorde Tim... Não está imaginando que as coisas poderiam ser diferentes para a condessa se estivesse aqui, não é? Saiba que ela sempre dizia que o senhor não deveria fazer uma viagem longa com uma criança pequena. E a adorável lady Vitoria Flanagan chegou ao Reino Unido muito abatida, não foi mesmo?

Shanti devia ter contado que não vieram imediatamente após o desembarque. Sim, Vitoria não fizera uma boa viagem. A senhora Harris estava certa. E Anne, como sempre, também. Timothy havia ficado preocupado, dividido entre proteger a filha e a pressa de atravessar o condado para acudir as irmãs. Sabendo que Emily e Jane estavam aos cuidados de criados de confiança,

acabou optando por priorizar sua herdeira.

— E também não foi culpa das condessinhas.

Tim não pode deixar de sorrir. O pai chamava as filhas de condessinhas. Do mesmo modo que o apelidara de *lorde* Tim, ainda em fraldas. O velho conde não levava a sério títulos como *lorde* ou *milady* para crianças. Fazia troça da pompa dedicada a seres desdentados que sequer podiam conter sua própria urina. Sim, ele dizia isso.

— É preciso aceitar que as pessoas não vivem para sempre. Mesmo que desejemos o contrário.

Sábia mulher.

Centrada, tranquila, conformada. Ele gostaria de ser assim.

Então a conversa fluiu para outros assuntos, e Tim logo viu-se novamente relaxado, apreciando a companhia da governanta, e ouvindo-a tagarelar, sempre educadamente, sobre tudo e todos.

— Ah, a condessa adorava que a casa estivesse cheia. E tinha um carinho todo especial pela senhorita Sacred Heart.

Timothy devia ter perdido algo na conversa.

— Como disse?

— Eu disse que a condessa tinha um carinho especial pela senhorita Sacred Heart.

Ele achava ter ouvido isto mesmo.

— Ah... Mas quem é a senhorita Sacred Heart? Uma nova vizinha?

Foi a senhora Harris que mostrou-se confusa dessa vez.

— Vizinha? Oh, não. A senhorita Catherine. Catherine Sacred Heart.

Tim franziu as sobrancelhas. A senhora Harris era idosa... Talvez estivesse um pouco confusa... Ou exibindo sinais de senilidade e confundindo tudo, pobre mulher. Respondeu-lhe em tom bondoso:

— A senhora quer dizer Catherine Blake.

A governanta arregalou os olhos, em compreensão súbita, e deu uma risada.

— Ah! Claro, claro! Ela é mesmo Blake, mas antes disso é Sacred Heart. O sobrenome do pai, sabe? Já que nunca se casou, é o nome dele que prevalece... Mas de uns tempos para cá a senhorita insiste em não se apresentar mais o usando.

Timothy não precisou vasculhar muito suas memórias atrás daquele nome. Os Sacred Heart tinham alguma fama... Principalmente as mulheres desta

família.

— As pequeninas também são, evidentemente. Mas elas podem se apresentar como Hall e Broadrick, afinal eram os nomes dos pais delas... Deus os tenha em bom lugar... Uma fatalidade terrível, dois casais jovens morrerem tão cedo! Pobres órfãs... Ainda bem que elas têm a tia, imagine ficarem à mercê do Desmond Sacred Heart! Nem quero pensar!

Catherine já não mais se sobressaltava quando lorde Tim surgia e sentava ao lado dela. E ele sempre sentava ao lado dela... O sempre, na verdade, começara há poucos dias, depois daquela noite insana no corredor. Talvez ele pretendesse com isso mostrar que podia ser confiável, que não mais a incomodaria com toques e intimidades indesejadas. Porque de fato ele não mais a tocara, e nem fizera insinuações provocativas. Ele apenas... conversava. Sobre tudo.

E Cathie gostava muito disso, mesmo que seu coração se acelerasse com a chegada do conde, e palpitasse quando os olhos negros a fitavam. Devia ser assim que a esposa dele se sentia...

Agora que conhecia o lorde, a curiosidade acerca dele crescia. Nunca fizera perguntas para a amiga Anne sobre o enteado, muito embora falar sobre Attwood fosse algo que a condessa fazia regularmente, incluindo Vitoria em suas divagações de como seria a netinha que ela ansiava conhecer. A falecida amiga falava da dupla que vivia na Índia como sua família mesmo, o que era um grande sinal de estima.

Anne teria ficado feliz em descobrir que Vitoria era uma criança linda, doce, e saudável, que estava sendo mimada por tias, amigas e criadas. Ela estava, nesse exato momento, brincando com as outras garotas no jardim, dentro do ângulo de visão de Cathie e Timothy.

Se pareceria com a mãe? Levando em consideração que lorde Tim — oh sim, chamava-o de lorde Tim agora, e por que não? — já podiam quase ser apontados como amigos, atreveu-se a perguntar:

— Lady Vitoria Flanagan se parece com sua esposa?

A expressão de lorde Tim não se alterou. Parecia até esperar que esta pergunta fosse feita. Talvez já houvesse respondido a isso outras vezes.

— Não muito. No entanto... Quando ela sorri, muitas vezes posso ver

Evangeline. Mas suponho que sempre verei Evangeline em Vitoria, mesmo que não se pareçam fisicamente. É o legado que minha esposa deixou...

— Deve estar feliz que ela tenha deixado um legado tão especial.

Timothy não sorriu.

— Ela não deveria ter morrido.

Cathie estremeceu, e ergueu as mãos, não desejando que a conversa enveredasse por aquele caminho.

— Oh, não, eu não quis dizer isso.

— Sei que não. O que eu disse não tem a ver com o que você disse. Apenas que Evangeline não devia ter morrido. Estaria viva se não houvesse me conhecido.

— Não acredito nisso, de forma alguma.

Catherine sabia que lady Flanagan morreria após o parto. Sabia também que isto não poderia, nunca, ser culpa do bebê que nascia, e menos ainda do pai da criança.

Lorde Tim voltou seus olhos para ela. Havia angústia neles. E muita dor.

— Não foi culpa sua. — Pôs sua mão sobre a dele.

O conde baixou o olhar para a mão sobre a dele. Virando a palma para cima, fez com que seus dedos se entrelçassem.

Catherine também observou as mãos juntas.

Não era erótico. Não era abusivo. Não era inadequado.

Era quente. Agradável. Reconfortante.

— De jeito nenhum uma fatalidade dessas poderia ser culpa sua, ou de Vitoria. Não pense nisso.

Ela apertou a mão dele, e ele retribuiu o aperto, com um suspiro inaudível.

Timothy voltou a erguer o olhar, mas não na direção de Cathie. Virou-se para frente, e parecia ver longe, muito além dos campos visíveis de Rose Place.

— Nos conhecemos na Índia, eu e Evangeline. Eu precisava mesmo conhecer alguém como ela. Nos tornamos amigos, morávamos próximo um do outro, e... ela era viúva havia algum tempo... eu estava solitário... acabamos nos envolvendo. Quando ela engravidou foi mais do que lógico nos casarmos. Ou assim eu pensava que era.

Cathie concordava. Algumas coisas simplesmente tomavam um rumo que era impossível de ser impedido. Mesmo que não fosse uma lógica muito correta, ainda assim era incontestável.

— Casamos e vivíamos bem. Uma união tranquila, que estava dando certo, principalmente se levarmos em conta onde e como vivíamos, sem a sociedade londrina nos massacrando com normas, convenções e questionamentos. Engraçado... Sempre me julguei um homem da cidade grande, que necessitava de agitação e barulho, mas vivendo distante de Londres descobri que não. E que nem tinha vontade de regressar.

Ela assentiu. Voltar ao caos, às amarras, às obrigações... Quem gostaria?

— Evangeline e eu tínhamos interesses em comum. E muita afinidade em... certos aspectos...

Ele deu um sorriso saudosos, e Catherine sentiu o peito apertar levemente.

— Devia amá-la muito... Lamento sua perda.

Tim balançou a cabeça, devagar.

— Se tudo corresse de forma normal, talvez algum dia viesse a amar minha esposa, mas como expliquei, foi um casamento de conveniência. Sinto a dor da perda da minha melhor amiga, da mulher que esteve comigo e me apoiou quando eu precisei. Parece afrontoso que eu saiba que não é a mesma dor que um viúvo apaixonado sentiria?

Catherine teve um instante de emoções conflitantes: pena, alívio, tristeza.

— Parece-me que o senhor já sentiu e ainda sente o bastante.

— Bem... a senhorita me obrigou a romper meu isolamento.

Ele abriu um sorriso amplo e espontâneo, o mesmo que dera quando Catherine esteve diante dele pela primeira vez. Muito mais sedutor e letal que os meio-sorrisos que ele usara outras vezes para atraí-la.

Era possível perder-se num sorriso daqueles. Perder-se por um homem que admitia falhas e imperfeições, que podia ter o linguajar chulo de um mercador de peixes, e a gentileza de um pai dedicado. Um conde que sabia seduzir com gestos, palavras e atitudes. E que podia fazer esta sedução sem sequer aproximar seus lábios dos dela.

Os dias naquela casa podiam salvá-la de sir Desmond e suas artimanhas mesquinhas, mas a salvariam de apaixonar-se por seu anfitrião?

Capítulo 10

Estavam todos descansando na sala de música, quando um criado surgiu, trazendo correspondência para Cathie.

Ela hesitou em tocar no envelope, e quando decidiu fazê-lo, esticou o braço muito lentamente, como se despendesse enorme esforço pegar a carta.

E seu olhar estava tão perturbado quando segurou o papel no colo, que Timothy imediatamente pediu que as meninas fossem brincar no quarto.

— O que tem aí? — Sentou-se ao lado de Catherine, olhando a missiva.

— Os advogados do meu pai avisam que irão marcar audiência para o pedido de guarda de Hope e Faith.

— Mas a guarda delas não é sua?

— Sim, mas não me veio de modo direto, não me foi dada pelos pais delas. Eles morreram faz muito tempo, quando elas eram muito pequenas. O senhor não sabe... Gertrudes, a mãe de Faith, e Oscar, o pai de Hope, eram primos meus, saíram com seus conjugues e os filhos varões, Trudy tinha três e Oscar, dois, para um cruzeiro... Mas o navio naufragou, e eles não estavam entre os sobreviventes. Meus primos deixaram a guarda das meninas em testamento para nossa tia-avó Margot, porque sabiam que ela detestava meu pai, e que jamais lhes entregaria suas filhas.

Catherine fez uma pausa, respirando fundo.

— Quando minha tia Margot percebeu que não estava muito bem de saúde, providenciou seu testamento, beneficiando a mim, e passando-me a guarda de minhas primas. Eu já havia recebido, anos antes, a herança de outra tia, que acreditava que me deixar amparada financeiramente seria o suficiente para libertar-me das garras de um pai opressor. Adiantou para mim, principalmente porque a fortuna me veio quando já era maior de idade, mas...

— Mas...?

— Meu pai é o patriarca dos Sacred Heart — anunciou ela, pesarosa — e alega que uma moça solteira não pode cuidar de duas crianças, e que ele, um homem bem casado e com experiência em criar filhos, seria o tutor adequado

para duas garotinhas. Eles avisam que o magistrado verá com bons olhos o pedido de um senhor respeitável, que poderá dar um futuro seguro a duas órfãs, e que nenhum juiz sensato concordará que uma moça volúvel e má afamada é boa influência para elas.

— Como...? Do que eles estão falando?

Ela sacudiu a cabeça, negando.

Timothy não se mostrou paciente. E a situação parecia séria demais para se perder tempo com vergonha ou timidez.

— Conte-me logo, Cathie, e conte-me tudo, a não ser que queira arriscar-se a perder mesmo a guarda das meninas. Eu quero ajudar, e não serei eu a julgá-la, mas se não contar-me o quanto antes o que eles têm contra você, uma corte o fará!

— Ah, está bem!

E ela contou.

Cathie havia ficado noiva três vezes, sempre por decisão de seu pai. Da primeira vez o noivo era o herdeiro de um principado latino e havia sido assassinado numa disputa de poder. O segundo noivado foi com um conde escocês, talvez lorde Tim se lembrasse dele...

Timothy recordava-se de Murray. Não era seu amigo, nem frequentavam as mesmas rodas, mas soube que ele havia fugido com uma atriz, e abandonado uma noiva inglesa às vésperas do matrimônio. Comentou-se muito à época. E embora o nobre em questão tivesse agido de modo vergonhoso, havia sido a noiva abandonada a vítima da chacota, escárnio e do desprezo de todos. Virara piada impressa, distribuída, lida e muito divulgada, e a proporção exagerada que a pilhéria tomara devia-se muito ao fato inegável de que muita gente regozijava-se com a humilhação do sempre tão pomposo pai da noiva, Desmond Sacred Heart. Mas, muito provavelmente, Cathie não passara constrangimentos públicos. As meninas Heart não circulavam pela sociedade. Todos sabiam isso. Elas não costumavam sair de casa, a não ser com escolta e cuidados dobrados, e apenas durante o dia, para alguma compra muito especial. Felizmente para ela, nesse caso.

Mas não era para poupar sua prole de constrangimentos que o patriarca da família conduzia com pulso de ferro toda a ala feminina sob seus cuidados, e sim para evitar qualquer risco de mácula a suas valiosas descendentes. Moças ricas e respeitáveis podiam ser seduzidas e raptadas, apenas para depois reaparecerem casadas com belos maridos falidos e desesperados demais para conduzirem uma corte de forma justa e honesta.

Depois do segundo noivado infeliz, Catherine foi dada em compromisso novamente, dessa vez para lorde Prescott.

Ela o conhecera, achara-o agradável, bem-aparentado.

E gostara da ideia de casar-se com ele.

Em mais de uma visita ao lar dos Heart ele havia se mostrado inteligente e sagaz, conseguindo mesmo roubar-lhe dois beijos.

Dessa vez parecia que tudo daria certo, e, portanto, estava feliz. Mas então ouviu uma conversa, e viu-se na eminência de outro desastre...

Prescott tinha uma amante. E pelo que se dizia, era apaixonado por ela.

A mulher parecia não preencher os requisitos exigidos pela família do lorde, mas e se no momento do casamento ele decidisse, como o nobre escocês, que isto não importava?

Ser arrastada a nova vergonha, e pior do que isso, a mais um longo período de clausura, era desesperador. Cada fim de noivado, contando do tempo em que os cochichos se calavam, até o fim de uma nova rodada de negociações, durava aproximadamente dois anos. Cathie não aguentava mais.

Juntando a isso a decepção sofrida, Catherine decidiu que dessa vez seria ela a sair de cena.

Mas não adiantaria simplesmente tentar fugir de casa. Sozinha seria pega, colocada sob rígido castigo, e obrigada a casar-se com Prescott, se ele ainda a quisesse depois da fuga.

Ou, ser passada a novo comprador.

Já não os chamava mais de noivos.

Convenceu um jovem criado dos estábulos a fugir com ela, mediante a apresentação de uma pesada sacola de moedas que juntava desde pequena. O rapaz aceitara o acordo de acompanhá-la apenas para que parecessem um casal.

Fugiram e esconderam-se alguns dias em hospedarias pequenas, fora das estradas. Tempo bastante para fomentar algum falatório, e permitir-lhe a tão desejada liberdade.

Catherine não sabia que a liberdade desejada não viria atrelada à felicidade. E não contava que seu pai fosse tão detestado.

O que deveria ser apenas mais uma fuga de amantes virou um monumental escândalo. Quando finalmente os encontraram, a coisa havia virado uma grande bola de neve. E o rapaz que ajudara na fuga não podia casar-se com Cathie para reparar o estrago feito, pois já era casado! Não terem compartilhado o leito nem mesmo uma vez era de pouca importância diante do que todos imaginavam ter acontecido.

Um médico foi chamado.

Exames foram feitos.

Mais um médico foi convocado, para que não houvesse sombra de dúvida.

A virgindade foi comprovada, atestada, e até formalmente declarada ao noivo pelos doutores.

Nesta parte da narrativa Catherine fitava o chão, como se preferisse esburacá-lo e enterrar-se nele a continuar contando suas desventuras. Mas, corajosamente, prosseguiu.

Prescott cancelou o casamento, mesmo com a legitimação da pureza da noiva.

Catherine foi para a casa de suas tias Margot e Devina enquanto o restante da família punha panos quentes nos acontecimentos, e distribuía dinheiro para que noticiassem *a verdade* sobre o desaparecimento da pobre mocinha Catherine...

Estivera muito doente, pobrezinha... Fora enviada para uma casa de repouso, numa estância mineral. Mas agora estava curada, e os médicos asseguraram, intacta, pura e adequada para o casamento. E tão boa parideira quanto uma Sacred Heart podia ser.

A sociedade ficara confusa, dividida entre a pena pelo sofrimento da jovem, e desconfiada, pelo seu sumiço e a falta de apoio de seu noivo.

Prescott recusava-se a falar qualquer coisa sobre o acontecido. Pudera... Saíra muito chamuscado de toda aquela confusão, Cathie admitia.

Timothy ouvia os relatos com atenção.

Também conhecera o terceiro noivo, mas absteve-se de comentar.

Prescott não valia nada, era inconstante, dissimulado, e desleal. Era preferível virar uma pária social do que casar-se com alguém como ele.

Lembrava-se de ter rido da irritação de Prescott, e de Brighton ter comentado que a noiva rejeitada era uma dama de sorte, afinal.

E recordava-se vagamente do disse-me-disse. Eram tantos e tão comuns os burburinhos entre a elite, que um novo escândalo acabava por ofuscar o anterior. Também não dera muita atenção ao assunto. Estava absorto em viver seus dias e noites entre amigos, mulheres, farras e diversão, que não lhe importava muito as intrigas alheias.

Todo o inferno de Cathie acontecera muito antes do dele próprio.

E ele compreendia muito bem que ela tomasse uma decisão impulsiva, arriscasse tudo, e fugisse para evitar mais sofrimento.

Fizera o mesmo.

— E depois desse escândalo?

Timothy precisara perguntar.

— Então eu tinha passado dos vinte e um anos... O tempo passara... Os comentários haviam diminuído... Eu ainda estava posta de lado, com minhas tias, e comecei a sair sozinha, pelas vizinhanças do campo... Fiz amizades... Fui convidada para conhecer Londres... Tia Devina falecera, deixando-me uma ótima herança, e esperando que eu não me tornasse mais uma noiva Sacred Heart entregue a um homem qualquer que precisasse de herdeiros...

Timothy pôs o cotovelo no descanso do sofá, apoiou o queixo na mão, e ouviu.

— Alguns homens se aproximaram... E não percebi de imediato... Mas lá estava eu no mercado de esposas novamente... Meu pai... ele é um grande jogador. Como deu-se conta que sua influência direta não mais me controlava, usou de outros métodos... E incitou os pretendentes a virem até mim.

— E você...?

— Voltei para casa da tia Margot. O campo era mais seguro. E o resto da história o senhor já sabe.

— E agora, já que não podem mais obrigá-la a casar-se com um homem que possa aumentar os rendimentos da família, pretendem fazer isso com Hope e Faith.

Cathie assentiu lentamente.

— Esta é a razão pela qual veio ficar com Anne?

Novamente Catherine assentiu.

Timothy esfregou a testa.

— Temos um problema, Catherine.

— Não, eu tenho um problema, milorde.

— Catherine... Talvez subestime seu pai, mas eu não.

— O que? Como assim?

— Doce Cathie... Eu queria entender porque o administrador de Rose Place não me convocou imediatamente após a morte de Anne... Pensei que fosse porque roubava... Mas descobri que não. Porém, devia haver alguma razão, tinha que haver. E a razão, agora sei, foi você.

Cathie sacudiu a cabeça, confusa.

— Não estou entendendo...

— Cooper seguia as ordens de alguém para manter-me longe, e este

alguém deve ser vosso pai... Ele já sabia que estava aqui, não?

— Talvez soubesse... Mas... Por que ele faria isso?

— Para que não obtivesse ajuda. Para que fosse mais facilmente manipulada...

Cathie levou as mãos à boca, assustada.

— Oh, Deus! Isso parece, sim, com algo que ele faria!

— E agora que estou aqui... O cenário mudou... Mas isto também pode ser usado a favor dele...

Ela franziu as sobrancelhas.

Lorde Tim prosseguiu:

— Está vivendo sob o mesmo teto que um grande e famoso libertino, Catherine Blake... ou Catherine Sacred Heart. Sem dama de companhia. Sem alguma nobre e respeitável senhora que prove seu decoro.

Catherine começou a sacudir a cabeça em negativa. A cada segundo de compreensão das palavras dele, sua cabeça sacudia com mais vigor.

— Não, não, não!

— Ele vai usar isto contra você, Cathie. Vai dizer que não tem moral para criar duas meninas. E vai tirar Hope e Faith de sua tutela.

Cathie não notou que estava chorando. Continuava a negar com a cabeça. *Não, não, não.*

Timothy envolveu as mãos dela com as dele, falando no mesmo tom apaziguador que usava para acalmar sua filha, e que ultimamente se estendera às irmãs, e também a Hope e Faith:

— Sim, Cathie, ele vai. A não ser que faça a única coisa possível para evitar a perda da guarda de nossas menininhas e de um novo escândalo...

Ela sabia o que ele ia dizer antes mesmo de escutar as palavras.

— Você tem que casar comigo.

Capítulo 11

A ideia de casar-se com lorde Tim era simplesmente absurda. Unir-se a um homem a quem conhecia fazia menos de um mês, após ter fugido do último noivo, e depois de descobrir as alegrias da liberdade, era loucura. E para ele, então, que era viúvo e certamente não tinha pretensão alguma de contrair novas núpcias após ter sofrido tremendamente a perda da esposa? Tal coisa soava, no mínimo, estapafúrdia.

Era ridículo.

Insano.

Risível.

Cathie pensava tudo isso ainda, mesmo com o anel de casamento em seu dedo.

O diamante perfeito, e as pequenas pedrinhas preciosas dando duas voltas em torno dele, era a comprovação mais que palpável de que ela e Timothy Flanagan estavam casados. Ela era uma condessa agora.

Lembrava-se bem do final da conversa, sua resposta, e muito pouco do que veio depois dela. Fechou os olhos, recordando o que o lorde dissera, e como seu discurso a convencera...

— *Se acha que estou lhe pedindo em casamento apenas porque sou bonzinho, lamento dizer-lhe que está enganada. Quero ajudá-la, sim. Mas também sairei ganhando com esta união. Emily e Jane a amam e precisam de você, e Vitoria necessita de uma mãe. É o acordo perfeito. Nos entendemos bem, minhas crianças a adoram, e as suas também gostam de mim. E eu a apoiarei integralmente no caso contra seu pai. O que poderia ser mais simples e perfeito?*

A partir do instante em que dissera *sim* tudo acontecera rápido demais, sem dar-lhe tempo de respirar ou pensar. Uma licença especial foi providenciada, um lindo vestido novo surgiu, enfeitaram a capela, os vizinhos mais próximos foram convocados, e o pároco local os abençoou numa cerimônia simples, seguida de uma agradável recepção com bolo, doces, refrescos e champanhe, no

grande coreto para festas, localizado nos fundos da casa de campo.

Tudo feito com incrível agilidade e eficiência, e parecendo dentro da maior normalidade e respeitabilidade possíveis.

Nos dias seguintes dedicaram-se a passear pela vila, cumprimentando as pessoas conhecidas, fazendo compras no comércio, sorrindo, de braços dados, tendo cinco felizes e saltitantes meninhas sempre em torno deles, e mostrando-se o casal feliz e apaixonado que todos esperavam ver.

Timothy ajudou Catherine a escolher chapéus e luvas para ela, e fitas de cabelo para as meninas. E mostrou-se tão dedicado, gentil e paciente, que até ela acreditou que o conde estava satisfeito com aquele arranjo.

A vendedora chegou a suspirar quando viu o conde amarrar, carinhosamente e com olhar apaixonado, a fita que prendia o novo chapeuzinho boneca embaixo do queixo da esposa. Parecera tentado a beijá-la... Mas estavam em público, e, como um cavalheiro honrado e distinto, não o fez. *Ah, sim, claro...*

E agora preparavam-se para viajar para Londres. Toda a família.

Sua família.

Dois adultos e cinco crianças.

Desde que anunciaram seu compromisso a sobrinha caçula de Cathie fora a que se mostrara mais exultante, imediatamente pedindo para chamar o lorde de tio. Faith acabou por fazer o mesmo. As irmãs de Tim bateram palmas, e gritaram de alegria.

Ela apostava que soltariam fogos de artifício, se pudessem. Felizmente a casa não contava com nenhum destes artefatos guardados para festividades. Vitória, como seria de imaginar, não compreendia a extensão da notícia, e achava engraçado quando as tias ficavam repetindo que ela ia ganhar uma nova mamãe. A pequena nem sabia o significado disso, e toda a animação a fazia rir e bater palmas.

Catherine descobriu-se emocionada diante da alegria e empolgação das meninas.

Para elas tudo era maravilhoso, inclusive a viagem que fariam.

Ninguém precisava saber que tratava-se mais da urgência em conversar com o advogado do conde do que um passeio familiar, ou uma viagem de Lua-de-mel.

Não haveria Lua-de-mel.

Não houvera nem noite de núpcias.

Timothy deixou bem claro que não cobraria de Cathie obrigações

conjugais no quarto. Seria melhor, e mais fácil, se depois de alguns anos decidissem separar-se. Afinal, ela poderia querer um dia livrar-se dele, havia gracejado o lorde. Uma das coisas que poderiam alegar seria a não consumação do matrimônio.

Ele pontuou que dificilmente alguém acreditaria que o casamento não havia sido consumado, sendo ele o marido, principalmente, mas poderiam tentar. E dera de ombros, de modo indiferente.

Deveria sentir-se agradecida, e tranquila, mas o jeito dele falar, a sugestão que fizera sobre eles... Deixou-a ligeiramente... ofendida. Mas a necessidade de manter suas meninas protegidas falava mais alto que a sensação de aborrecimento por ser previamente rejeitada.

E assim, continuou escolhendo as roupas que levaria, e embalando-as, com a ajuda da criada particular que sua nova posição como dona da casa exigia.



Capítulø 12



Dera à Catherine um belo anel, um vestido de noiva digno de uma condessa, uma cerimônia, e uma comemoração agradável. Fizera questão de fazer como convinha a um casamento de verdade, e não permitira que ela retrucasse coisas como *não é necessário*. Sabia que as mulheres gostavam disso, e não importava um nada que tudo fosse apenas fachada.

Estava casado.

Outra vez.

Para um homem que não planejava contrair matrimônio nunca, era realmente um feito incrível. Casara-se duas vezes! Um campeão da porra.

Mas ao menos desta vez seria sábio e não complicaria a vida da esposa, e nem a dele.

Vitoria teria uma mãe.

Emily e Jane teriam uma cunhada muito protetora.

Hope e Faith teriam a tia junto delas.

Ele teria paz.

Tudo estava bem.

E ficaria assim.

Bem.

Sempre e para sempre.

Dissera à Catherine que ela poderia desfazer o casamento no futuro, se

assim quisesse.

Mas ele não faria nada que a impelisse a isto.

Ao contrário, seria um bom marido.

O que significava deixar sua condessa tranquila e saudável. Nada de arriscar-se com sexo, dores, e bebês Flanagan. Não forçaria Cathie a uma gravidez perigosa, e ela deveria ficar aliviada com isto. Já tinha cinco crianças para criar e vigiar.

Ele também não se importaria de não ter mais filhos. Não.

E ele gostava de ser casado, o que sempre o surpreendia ao pensar. Gostara de estar com Evangeline, e gostava mais ainda de estar com Cathie. Gostava demais. Os dias eram ótimos. As noites... Hum... As noites não eram tão *ótimas*.

Havia retornado ao quarto do conde, porque Catherine precisava ocupar o dormitório da condessa, e pareceria muito estranho se não estivessem lado a lado. Se Desmond chegasse ao extremo de questionar a validade daquele casamento, seria bom que os criados da casa atestassem que o casal vivia de modo normal, seguindo as regras da nobreza ao ocuparem aposentos coligados.

O problema dos quartos coligados é que não tinham aquele maravilhoso painel que separava os quartos ocupados anteriormente. Tim não podia mais observar pela fresta o momento de repouso de Cathie. Isto o estava matando.

Era constrangedor seu hábito, ele sabia. Não podia ser normal gostar de ver uma mulher penteando os cabelos, espreguiçando-se, indo dormir.

Como havia garantido a Cat, e a si mesmo, que não estava se casando para deitar-se com ela, e sim para resolverem seus problemas, não ultrapassara a porta que delimitava o espaço de cada um.

Mas seu corpo parecia não estar reagindo muito bem a esta imposição.

Por mais de uma vez tateou a maçaneta, pensando em girá-la. Por mais de uma vez seus dedos fecharam e sua mão ergueu-se planejando fazer toc toc na madeira escura... Por mais de uma vez sua boca entreabriu-se, querendo pedir a sua esposa que o deixasse entrar.

Entrar em seu quarto, entrar embaixo de seus lençóis, entrar nela.

Merda, merda, merda...

Quando chegassem em Londres a primeira coisa que faria depois de enviar um mensageiro ao escritório de Cunningham seria dirigir-se a um bordel bem discreto. Esperava que o de Madame Alexa ainda estivesse ativo. Precisava de sexo urgentemente, antes que fizesse algo desesperado, como seduzir sua esposa.

Levaria Raj para Madame Alexa também. Notara que seu criado estava irritadiço e calado, o que só podia significar que também estava necessitado de uma ou duas mulheres bem-dispostas.

Capítulo 13

Viajaram em duas carruagens. Raj, a senhorita Taylor e as três meninas maiores em uma, Tim, Cathie, Shanti e as duas crianças menores, em outra.

Vitoria não demorou a deixar o colo de sua babá para aboletar-se no de Catherine. E Hope aninhou-se em Timothy. Durante o percurso, as crianças revezaram-se em reclamações, e enjôos. Tiveram fome, sede, e vontade de aliviar-se. Precisaram parar diversas vezes, e foi um refrigério encontrarem uma boa estalagem para passar a noite.

Não tinha sido uma viagem das mais agradáveis, e todos chegaram a Londres exaustos e sem muito humor.

A trupe de adultos carregando crianças no colo subiu as escadas da velha mansão dos Flanagan e tratou de dispersar-se para seus quartos, buscando descanso imediato, enquanto os criados da cidade, já pré-avisados da chegada dos patrões, tratava de lidar com bagagem, providenciava o banho dos adultos, e uma refeição leve para as pequenas.

Timothy retirou casaco e gravata, e em mangas de camisa dirigiu-se a seu local preferido da casa: o sótão.

Apesar da fina camada de poeira, e pequenas teias de aranha juntando-se nas frestas de madeira nos pontos mais altos, ainda estava como o vira da última vez: com uma pequena cama de solteiro num canto, a tela em seu cavalete com a pintura por terminar, e a mesa cheia de tintas que certamente já deveriam ter secado. Foi até a janela projetada em formato de escotilha, e abriu-a por completo. Aproximou a velha banquetta que lhe servira de degrau tantas vezes antes, testou-a para ver se ainda suportaria seu peso, e subindo nela, impulsionou o corpo para atravessar até o outro lado, firmando-se na laje do beiral, que, se tivesse grades, formaria uma sacada com vista espetacular. Daquela altura privilegiada via uma boa parte de Londres. Avistava ruas, o parque, e o Tâmis. Parecia tudo mais bonito visto de cima. E mais limpo.

E sem cheiro.

Não sentira saudade, embora pudesse apontar dois ou três locais que

gostaria de rever.

— Tio Tim?

Timothy voltou-se. Hope estava parada, do outro lado da porta entreaberta, aguardando para saber se poderia ou não entrar.

Escorregando para dentro do sótão outra vez, o conde ergueu a mão.

— Estou aqui, Hope.

Ela entrou com passadas lentas, observando tudo a volta.

— Ainda não lhe serviram a refeição para que possa ir descansar, pequenina?

Ela balançou a cabeça:

— Não estou com fome. E nem consigo dormir.

— Ah... Deve estar agitada pela viagem. — Timothy sorriu. — Isto costuma me acontecer quase sempre. Nunca consigo descansar imediatamente após uma viagem.

— Talvez eu seja parecida com o senhor! E eu nunca fiz uma viagem tão longa antes — ela contou-lhe, um pouco tímida.

Timothy ergueu-a, permitindo que ela visse a extensão de Londres através da janela. Escorando a menina em um braço, e estendendo o que estava livre, apontava os pontos principais da cidade, explicando-lhe curiosidades locais em voz baixa e tranquila, e recontando casos que escutara de seu pai muitos anos atrás.

Hope encostou a cabecinha no ombro do conde, e embora piscasse várias vezes, tentando manter as pálpebras abertas, elas acabaram se fechando, e o sono a tomou por completo.

Em silêncio Timothy deixou o sótão e foi descendo as escadas com sua sobrinha no colo. Estava ficando especialista em carregar crianças. Aprendera a subir e descer degraus com agilidade até mesmo quando carregava Jane, a maior e mais pesada do seu quinteto.

Seu quinteto de fadinhas.

Depois de depositar Hope no leito destinado a ela, no aposento que dividia com Faith, Tim seguiu para o escritório, preparou a mensagem que deveria ser enviada a Gabriel Cunningham, e foi descansar um pouco antes de partir para aventuras noturnas em locais pouco respeitáveis para um pai de família.

Catherine escutava Tim andando no quarto ao lado. Ele estava nervoso. Como tinha certeza disso, não saberia explicar. Mas, desde que se casaram e começaram a ocupar aposentos contíguos, ela passara a prestar muita atenção aos ruídos vindos através da parede que os separava, e a adivinhar o que o marido sentia.

Aproximava-se da porta que ligava os cômodos, e aguçava os ouvidos quando percebia que Timothy havia se recolhido.

Ele nunca dormia imediatamente.

Ficava zanzando de lá para cá... algumas noites suas botas pareciam pisar mais pesado, ainda agitado com os afazeres do dia... Em outras caminhava devagar, parecendo muito cansado. E então ela ouvia o rangido de um móvel que arriava com o peso dele, o que significava que ele sentara.

Quando o silêncio se fazia por completo então podia supor que ele adormecera. Só então ela decidia dormir também, perguntando-se porque ele escolhia ficar sentado até o sono chegar, desconfortável, tantas vezes.

Numa ocasião, em Rose Place, percebera que os passos dele vinham na direção da porta onde ela estava encostada...

Teve um sobressalto.

Seu coração disparou. O que ele faria? Abriria a porta? Chamaria por ela?

Mas não havia mais som algum.

Lorde Tim não se mexia.

E ela soube que ele estava parado diante da porta, como ela.

Olhando a madeira, escutando e pensando... Do mesmo modo que ela.

Naquela vez ele acabara por afastar-se novamente, suas passadas distanciando-se até que Catherine pode ouvir a porta externa abrindo e fechando. Tim havia saído do aposento.

Tal qual agora.

Ao invés de ficar com a esposa, Timothy Flanagan preferia afastar-se.

E como em todas as noites desde que se casara, a condessa Flanagan deitou-se em seu leito frio, sozinha, e entristecida.

Capítulø 14

— Veja só, se não é o marquês de Brighton pajeando seu herdeiro!

Robert, o marquês de Brighton, que estava sentado em seu escritório, com o filho no colo, sorriu e ergueu-se, circundando a pesada escrivaninha de carvalho, e indo em direção a Timothy, não sem antes depositar o rebento no chão.

— E veja só se não é o famoso conde de Attwood de volta ao Reino Unido!

O amigo fez uma medida exagerada:

— Ao seu dispor, senhor marquês! E este é lorde Gideon Barker, eu presumo.

O menino retribuiu a medida.

— Sim, senhor.

Tim ergueu o queixo dele, com suavidade.

— Veja isto... Os olhos verdes de Suzanne, os cabelos negros de Robert... Esse rapazinho irá abalar Londres daqui a alguns anos...

Os dois adultos riram.

— E já é amigo de Sebastian, filho de Tristan... e também será de Nicholas, filho de Jake, assim que ele tiver idade suficiente para participar dos

mesmos folguedos que os mais velhos.

— Não! Todos os herdeiros juntos? Minha filha não porá os pés na rua até que faça trinta anos!

Robert riu mais alto, e puxou a campainha, chamando um criado para levar Gideon para a preceptora.

Assim que o servo deixou o escritório com o pequeno lorde, Robert abraçou Timothy, batendo-lhe nas costas efusivamente.

— Desgraçado pestilento! Senti sua falta!

Timothy também apertou forte o melhor amigo.

— Não mais do que eu senti a sua, cria do diabo!

— Vamos beber!

— Agora mesmo!

Dirigiram-se a uma mesa de canto, onde havia garrafas e copos, e serviram-se.

— Fiquei feliz ao receber a primeira carta que enviou de Rose Place. E muito surpreso com a segunda...

Timothy apenas moveu os lábios, num gesto que minimizava a questão.

Robert olhou nos olhos do amigo:

— No entanto a surpresa maior foi saber que, com menos de um mês de casado, você é dado a frequentar bordéis...

Tim pareceu um pouco surpreso, e levemente desconcertado. Mas logo o aborrecimento tomou conta dele:

— Pensei ter sido discreto.

— E foi. Ninguém está comentando. Tive conhecimento de seu passeio porque tenho olhos em todos os antros noturnos, você sabe.

Tim sabia. Com o trabalho social que o marquês fazia, visando tirar mulheres e crianças de situações de risco, ficar de olho nos bordéis da cidade era primordial.

— Nunca lhe agradei por ter ido até a Índia prestar-me apoio quando Evangeline faleceu.

— Aquilo não foi nada. Agradeça a seu criado por ter me enviado mensagem assim que tudo aconteceu. Pena não ter conseguido chegar mais rápido... Creio que um dia teremos meios de transporte mais velozes do que navios, e a locomoção ganhe ligeireza. Mas está mudando de assunto...

Lorde Tim soltou um pequeno bufo e forçou um sorriso.

— Francamente, Robbie... Desde quando lhe interessa com quem estou

fodendo?

— Desde quando se tornou meu melhor amigo e foi minha consciência por muito tempo. Por mais patife e boca suja que seja, sempre pregou respeito às virgens, boas esposas e viúvas decentes.

— Está surpreso com minha atitude? — Provocou, virando o copo e bebendo tudo numa golada só.

— Sim. E um pouco decepcionado. Supus que esse casamento relâmpago significasse que amava sua esposa.

— É um romântico dos mais ridículos, marquês de Brighton. Só porque casou e é fiel, não quer dizer que todos os maridos do mundo têm que seguir seu exemplo de homem e esposo perfeito! Ahã... Como se alguém pudesse esquecer a raça de libertino que era antes...

Robert ergueu as sobrancelhas:

— Ora... Por que estou sendo golpeado?

Timothy encheu seu copo outra vez.

— Desculpe. Isso foi absolutamente injusto.

— Está tudo bem. Se veio me procurar, talvez queira conversar sobre o que está acontecendo.

— Como assim? — Levou o copo à boca, permitindo que o líquido lhe queimasse a garganta. Quem dera aplacasse também suas angústias.

— Alguma coisa não vai bem entre você e sua esposa, está claro para mim que o conheço há anos. Algo está acontecendo.

— Nada está acontecendo.

— Se prefere não falar, está certo. Falemos do tempo. Está um belo dia, hein? Crê que vai chover? — Robert tomou um gole de seu uísque, calmamente, desviando seu olhar para a janela.

Tim estalou a língua, e prosseguiu:

— Nada acontece mesmo. Nada entre eu e minha esposa acontece.

— Quê? — O marquês estava confuso.

— É virgem — replicou Tim, de forma seca.

— Quer dizer, era — redarguiu o anfitrião, olhando o amigo de soslaio.

— Não. Disse que é. Ainda. — Levantou-se, e caminhou até a janela.

— O que? — Robert olhou ao visconde com expressão surpresa, levantando-se também.

— Que é um casamento de fachada. Que... Eu desejava uma mãe para Vitoria, e uma governanta de confiança para minhas irmãs...

— Não seja parvo! Se quer uma governanta, contrata uma, não se casa com ela!

— Sim, mas não há nenhuma como Catherine, ela é a pessoa ideal, e as meninas a amam, confiam nela e a conhecem desde que nasceram! Cathie ficou todo o tempo com elas enquanto eu estava na Índia, num apoio fenomenal e desinteressado. E veja a situação, já perderam o pai, depois a mãe... Perderiam mais uma referência importante para elas se eu simplesmente a excluísse de suas vidas. E devo dizer, Vitoria precisava de uma figura feminina em casa, e Catherine pode suprir esta necessidade com louvor.

Robert parou diante de Timothy, olhando-o fixamente com seus inquisidores olhos azuis:

— Se fosse uma anciã de 70 anos, adorável e maternal, teria proposto casamento?

Tim engoliu em seco. Não, claro que não.

— Então...? — Robert indagou.

— Não incluímos sexo no acordo.

Robert estava estarrecido.

— Não posso acreditar que o maior cafajeste que Londres já viu teme a noite de núpcias com sua esposinha! Não seja absurdo, Tim! Toma tua condessa, logo! Se outros vem a saber o que guardas em casa... Deus, nem quero pensar!

O marquês deu uma risada.

— Se abrir essa boca para alguém, corto-lhe a língua — retrucou Tim. Mas sabia que o melhor amigo jamais trairia sua confiança. — Não casei com ela de olho em sua virgindade!

— Não?

— Não.

— Verdade que não?

— Já respondi! — disse Flanagan, com dentes cerrados.

Robert franziu as sobrancelhas, intrigado. O conde desvencilhou-se do amigo.

— Ela também precisava de mim.

— Estava endividada, a dama?

Attwood franziu o cenho.

— Ah, não casou-se por dinheiro! Vivia razoavelmente bem, possui uma herança, e a segurança de uma família abastada. — Tim aborreceu-se com a pergunta. — Não é esse tipo de acordo!

— Certo... — O marquês de Brighton tinha um sorriso cínico em seus lábios.

— Ah, pelo amor de Deus, sabe que é uma Sacred Heart... E que é tutora de duas Sacred Heart! O maldito patriarca da família não aceita perder o poder sobre as garotas e queria tirá-las de Cathie! Mas como uma respeitável condessa ninguém poderá lhe tirar a guarda de Hope e Faith.

— Ah, havia me esquecido desse detalhe... Todas as damas com esse sangue são muito disputadas. Não sei como sua esposa não casou antes.

— É uma longa história...

— Temos tempo — Robert acomodou-se melhor na cadeira.

Tim suspirou, desistindo de resistir à insistência do amigo em relação a sua esposa.

— Já foi noiva outras vezes. O primeiro morreu, o segundo cancelou o casamento, para desposar outra. Talvez lembre-se... Virou uma grande piada... Murray e a atriz de má fama...

— Ah, sim... Deus do céu, sim... Terrível...

Robert fez uma careta ao rememorar o acontecido. Falatórios maldosos o irritavam, principalmente tendo sido ele vítima de fofoqueiros toda sua vida.

— Depois disso não tentaram casá-la de novo?

— Ela fugiu do terceiro. Era aquele filho da mãe do Prescott.

Robert pareceu estar puxando da memória.

— Ah, vamos, você se lembra do escândalo na época...

— Sim, recordo-me... — Robert sorriu — Bem feito para ele... E sabia que anda pior? As autoridades o estavam investigando... E eu também. Chegaram aos meus ouvidos algumas histórias sobre ele e meninas de rua...

— O crápula! Ainda bem que Cathie livrou-se dele.

— E após esta fuga...?

— Ela não quis casar-se nunca mais.

Robert deu uma boa risada. Uma jovem que não queria casar-se! Ultimamente vinham surgindo muitas assim, e o marquês admirava sua coragem de lutar contra a vontade de toda uma sociedade conservadora.

— Sua condessa é cada vez mais surpreendente. Como ela efetivamente conseguiu libertar-se de suas *obrigações* de boa filha?

— Uma tia muito rica nomeou-lhe herdeira, e libertou-a da necessidade de obedecer ao pai...

— E algum tempo depois ela decidiu que tudo pelo qual havia lutado,

todas as desavenças familiares que sua rebeldia certamente gerou, além dos mexericos, não tinha a menor importância diante da possibilidade de casar-se com você, o encantador conde de Attwood. — Ironizou Robert.

— Como eu disse antes, ela *precisava* de mim. Tenho certeza que o homem quer atingir a filha usando as crianças. E sabe a fama de Desmond Sacred Heart... É louco por dinheiro... E elas valem uma fortuna, segundo a visão dele.

— Ainda assim a ex-senhorita Sacred Heart estava levando a briga na justiça muito bem, sem sua ajuda.

Timothy riu

— Não. Estava nervosa, e preocupada. E tenho certeza que se eu apenas aventasse a possibilidade de ajudá-la, ainda que provisoriamente, me rechaçaria. É uma orgulhosa. — Deu de ombros, fingindo ignorar a expressão de Robbie.

— E então, tu... — Robert o incitou a falar.

— E então fiz o que precisava ser feito! Propus-lhe que se tornasse minha esposa, de forma que o auxílio seria mútuo! Ela não aceitou de imediato, mas enfim pensou melhor, concordando com a proposta em nome da velha amizade com minha madrasta.

Robert riu abertamente, pondo a mão no estômago.

— Não sei qual dos dois é mais ridículo!

— Quê? — Tim apertou os olhos, aborrecido.

— Não te direi o óbvio, não é nenhum estúpido!

Tim recuou alguns passos, e seu olhar tornou-se furioso:

— Que quer dizer, demônio?

— Gosta dela, Tim. Nunca sequer admitiste que um dia poderia voltar a casar-se, e de repente, volta do campo com uma esposa! Sejamos francos, sabe que há algo a mais aí. Só falta admitir... tu e ela, claro.

— Ela? — Tim assombrou-se.

— O mesmo fundamento que usei para você serve para ela: se o irmão das pobres menininhas órfãs fosse um velho decrepito e fedorento, a senhorita Catherine aceitaria o matrimônio, já que não necessitava dele? E você admitiu que ela não tinha desejo de casar-se... Acha que ela aceitaria o sacrifício de um matrimônio não desejado só por amizade a uma defunta, e a consideração por suas filhas? E ainda ter de receber todo o trabalho atrelado a cuidar de mais três crianças que não são dela? Procurar um bom advogado seria muito mais simples, e você sabe!

O conde parecia sinceramente surpreso, e aceitou que Robert enchesse

seu copo outra vez, quase distraidamente.

— Não, não sei. Pensando bem, o que diz faz sentido... Acredita que ela aceitou porque gosta de mim? De mim, Timothy Flanagan?

— Ah, não vou adular-te, tonto. Quantas mulheres já conquistaste até hoje? E a quantas fizeste tremer só com um olhar? Sabe que tem uma bela estampa, e sempre usou seus dons de sedução com sucesso estrondoso entre as damas.

— Sim, mas... uma mocinha... Que foi criada com todo o recato e proteção...

— E não são todas assim?

— Sim. É... Robbie... — Tim resfolegou — A única vez em que me envolvi com uma mocinha foi desastroso.

Robert aquiesceu. Seu tom de voz suavizou para com o amigo.

— Sei. Mas... Tim, você sabia desde o início que Luciane era comprometida...

— Naquele momento isto não me importou. Achava que estava apaixonado. Depois, vi que não.

Timothy expeliu o ar com brusquidão:

— De todo modo, não sei lidar com uma donzelinha pura...

— Sempre fizeste tremer as donzelinhas puras! Adoras provocá-las! — Sorriu Robbie.

— Mas é sempre brincadeira, nunca a sério! E... não é só isto.

— Eu sabia que não. O que acontece, então?

— Não quero arriscar Cathie... Não posso... Não vou engravidá-la.

Timothy largou seu copo ainda cheio. De repente não sentia mais vontade de beber.

Robert sentou-se ao lado dele.

— Tim...

— É sério, Robbie, não vou colocar Cathie em risco... Se fosse outra mulher, experiente, que soubesse se prevenir, se fosse só uma trepada ou duas... Dificilmente eu conseguiria botar alguma semente ali. Escute, todos estes anos que nos conhecemos, todo o tempo em que você levou tendo o cuidado de não engravidar mulher alguma, eu levei tentando o contrário.

Os olhos azuis de Robert arregalaram-se em compreensão.

— Nunca tive cuidado, nunca. E veja, tenho apenas Vitoria. Em toda esta vida desregrada, com todas as prostitutas que dormi, com todas as respeitáveis

mulheres que tomei como amantes, regulares ou meros casos, nenhuma delas bateu à minha porta para cobrar obrigações de pai, e sabe como a maioria dos nobres libertinos tem bastardos por aí! Eu deveria ter uma penca deles... E se não tenho é a confirmação que recebi a infeliz herança dos Flanagan. Não somos bons em procriar... Minha raça tem sangue ruim, mesmo que nunca nenhum de nós tenha admitido abertamente. Um macho não pode aceitar tal coisa, não é? Que é fraco... Incapaz de engravidar a sua mulher. Quantas esposas Flanagan se sentiram culpadas, e puxaram para si a obrigação de conseguir gerar os herdeiros, enchendo-se de ervas e pós milagrosos para engravidar, apenas para fracassar em seus intentos mês a mês? Não vou bancar o idiota e ignorar que esta falha é minha, muito menos empurrar uma gravidez difícil para outra esposa. Já basta Evangeline. Não vou tirar de Vitoria outra mãe. E nem de Hope, Faith, Emily ou Jane. Não farei isto.

Robert sacudiu a cabeça.

— Pode se ouvir, Timothy Flanagan, barão, visconde e conde? Porque não parece ter participado realmente da conversa que tivemos. Quem é Catherine, Tim?

— Minha esposa.

— Resposta errada. Catherine é uma Sacred Heart, a representação máxima da fertilidade e da gravidez bem-sucedida. Como pode esquecer, se diz que esta é a razão para a briga judicial que ela enfrenta, e o motivo para terem se unido contra Desmond e sua corja de asseclas?

Timothy estava muito sério, ouvindo ao outro com atenção.

— Se tem alguma mulher que você pode engravidar sem medo, é ela. Uma Sacred Heart. Sua esposa. Esta não o recusou, e nem está morta. É sua esposa. Sua Catherine. Sua. — Robert completou, com fala mansa.

— Basta.

— Você merece ser feliz. E sua esposa também. Juntos. Não vai encontrar sossego ou consolo em outros braços se gosta da mulher que tem em casa.

— Como você pode saber? E o que lhe faz pensar que gosto de Catherine?

— Eu vejo, mas lorde Tim tornou-se um cético para o que de fato envolve sentimento.

— Ah... Nem me venha com essa conversa!

— Nega que ia às putas e aos contratos porque com isso evitava envolver-se?

— Ora! Você me fala de não querer envolvimento? Você? Trocava tão rápido de amantes quando era solteiro, que jamais precisaria recorrer a qualquer tipo de pacto de fidelidade. Seus jogos e os desafios a que se propunha também não eram limpos, e sabe disso — Tim aproximou-se da porta, pronto para partir, controlando-se para não avançar no marquês. — Ademais, faz séculos que não mantenho mais uma amante através de contrato, e isso graças à sua insistência sobre esse assunto!

— Claro. E foi um celibatário na Índia, após a viuvez, certamente... Não estive fugindo este tempo todo de algum sentimento, ou algum compromisso.

— O que fiz ou não, não lhe diz respeito — grunhiu Tim, voltando ao aposento bruscamente.

— Oh, o nobre que fugiu do país por causa de um coração partido e caiu nos braços da primeira mulher que deu-lhe verdadeira atenção não vai mais às putas! Engana a quem? Foi visto no bordel, e confirmaste. Ficou pior do que antes, já que agora, pelo menos para todos os efeitos, é um homem casado! — A voz de Robert ergueu-se.

— Não fodi as putas! Não fiz nada! Satisfeito agora? — berrou Timothy.
— Não pude fazê-lo! Não traí Catherine!

Um silêncio tenso reinou da sala, porém por poucos minutos.

— Está certo. — Robert deu de ombros, indiferente.

— Que bom que estamos entendidos!

O marquês deu de ombros.

— Como poderia querer as mulheres do bordel tendo um banquete suntuoso em casa, certo? Uma virgem... — Robert ignorou a expressão irritada do amigo e continuou com sua provocação. — Não há nada mais intenso do que saber que ganhou a honra de ser o primeiro, de poder ensinar as artes do amor a uma donzela ansiosa para conhecê-las... E, é claro, sem falar no prazer do próprio ato... o corpo de uma cortesã, que já recebeu dentro de si diversos homens... francamente, não se compara a sensação de penetrar algo que nunca foi usado... Como a bela Catherine... Suponho que é bela... É?

Tim soltou um rosnado ameaçador:

— Robert, cuidado.

— Ah, te incomoda ao falar essas coisas? — perguntou o marquês, cínico.

Não que o conde de Attwood não tivesse gasto uma boa parte de seus pensamentos sobre esses assuntos carnavais. Já levava horas de seu tempo imaginando como seria fazer amor com Catherine, em sua nudez, na forma que

ela gritaria quando ele a possuísse a primeira vez, como gemeria em seus braços diante de seus carinhos, e como ele também enlouqueceria de prazer...

— Sabe ser o mais detestável dos homens quando quer — resmungou para o melhor amigo, que o havia feito repensar tudo aquilo em fração de segundos.

— É, sei mesmo, principalmente quando estou diante dos tolos. Sou tentado a passar dos limites em meus comentários. Sinceramente, Tim, diga-me até quando manterá isso? Catherine é jovem, esperta, e por sua singularidade, desejável... Se não cuidar bem do que é seu, sabe que mais cedo ou mais tarde, alguém achará que pode fazer isso por você...

O conde estava de braços cruzados, encarando ao marquês com olhos fixos. Sua expressão havia mudado, como se uma nova percepção o atingisse.

— Não.

— Não o que, Tim?

— Não permitirei. Não haverá outro para Catherine. Nada de outros noivos. Nunca mais. Eu sou e, sempre serei, o único, e o definitivo.

— Pretende dizer isto a ela?

Timothy pareceu ficar em dúvida por um momento. Ele queria. Mas... Ela também iria querer? E se Robert estivesse equivocado, lhe dando ideias e sugestões equivocadas?

— Se não conversar com ela, jamais saberá o que ela quer de verdade.

— Robert adivinhou-lhe os pensamentos. Podia ler Timothy muito bem, o conhecia melhor que a um irmão, esta era a verdade.

— Está certo. Mas agora não quero mais pensar nisso. Distraia-me com outros assuntos, novidades... Fale-me sobre sua família... seus filhos... e seus sobrinhos.

— Claro! Eu...

Timothy o interrompeu:

— Pensando melhor, não me fale nada agora. Voltaremos a conversar amanhã, sim? Venha me visitar, ver como Vitoria cresceu, conhecer minhas outras menininhas, e Cath... Isto é, minha esposa... Eu... Agora tenho que ir.

Lorde Tim deixou a casa do marquês de Brighton apressadamente, e o amigo apenas sorriu.

Capítulo 15

Catherine estava bordando, na pequena saleta cor-de-rosa que pertencia à condessa anterior, não Anne, mas a mãe de Tim. Era um cômodo tão pequenino, feminino e bem decorado, com poltronas floridas e aconchegantes. E cheirava levemente a essência de baunilha... Cathie havia se apaixonado por aquele pedacinho da casa, principalmente pela luz solar que incidia pela janela, caindo em fachoas douradas e avolumando-se por toda a extensão do aposento, fazendo o piso brilhar, e parecendo redimensionar toda a área, como se uma mágica fizesse o espaço aumentar e depois diminuir conforme o entardecer caía. Ficar ali era reconfortante. Precisava desta sensação. Tentava afastar da mente a tristeza que sentia e a oprimia.

Não ouvira o marido voltar para a casa noite passada.

O que podia significar que ele não voltara.

Que o estava perdendo antes mesmo de tê-lo.

Repetia a si mesma que nem o queria, que o casamento era de conveniência, nada mais que um unir forças. Ele dissera. Ela concordara. Sabia que não era sério, nem verdadeiro, e muito provavelmente, nem duradouro. Que levaria apenas o tempo das meninas atingirem dezoito anos... Ou... Menos, se ela decidisse mudar-se para outro país com as sobrinhas. Mas não podia fazer isto com Vitoria, Emily ou Jane. As amava também. Era sua família. *Todas elas.*

E pegara-se fazendo uma coisa...

Era seu pequeno segredo.

Envergonhou-se quando notou o que fazia. Mas não parou. Apenas olhou para os lados, resabiada que alguém escutasse e a censurasse.

Repetia para Vitoria, imitando o que vira as crianças falarem algumas vezes para a pequenina:

Mamãe.

Diga mamãe.

Talvez Vitoria fosse a única que podia chamá-la assim, do modo que a coisa ia caminhando...

Que ironia! Após três noivados, o quarto resultara num casamento sem consumação! Logo com ela, amaldiçoada com o peso de ser uma Sacred Heart. Uma mulher advinda de uma raça que engravidava com tanta facilidade que era preciso ser vigiada com cuidado extremo, pois o folclore a sua volta acusava gestações quase mágicas, envolvendo apenas toques de mãos, abraços, e encontro de lábios.

Se fosse assim estaria grávida de lorde Tim havia muito. Deitara-se sobre ele no chão, o beijara, e mais de uma vez ele a apertara contra si, sem falar em umas coisinhas a mais, num corredor sombrio, após a meia noite.

Tudo antes da santidade do casamento.

Seu esposo devia levar muito a sério um acordo, ou ser muito avesso a compromisso, já que a tentara várias vezes *antes* do matrimônio, e nenhuma *após*.

Precisava mesmo ser assim?

E se...

Se não se tratasse apenas de um acordo? Se não fosse de mentira?

E se o casamento fosse real?

Timothy entrou na sala num supetão, mudando o clima do ambiente como uma tempestade desabando num dia quente de verão. Ou como o Sol abrindo-se por trás das nuvens e surgindo glorioso após um dia especialmente cinza.

Uma mistura estranha e caótica de ação e vigor invadindo a feminilidade recatada em que Catherine se escondia.

Ela ergueu-se imediatamente, largando o bordado, há algum tempo esquecido em seu colo.

Tim parou logo após atravessar a porta, parecendo haver esquecido o que iria dizer.

Observou a esposa um instante, antes de cumprimentá-la:

— Lady Flanagan.

Catherine, a lady Flanagan, ainda não estava totalmente habituada a seu novo nome... E quando o ouvia, muitas vezes tinha a impressão de que falavam a outra pessoa.

Mas não agora. Não quando ouvia da boca de seu marido.

Seu marido.

Ela riu.

— *Lorde Tim.*

O conde moveu um pouco a cabeça para o lado, sem estar certo de entender porque ela ria. Mas acabou por rir também.

— Precisamos conversar.

— Temos que conversar.

Falaram ao mesmo tempo. E riram outra vez.

— Sobre nós.

— Sobre nosso casamento.

E novamente.

Timothy aproximou-se mais, e pegou as mãos da esposa.

— Sim, precisamos.

Cathie chegou ainda mais perto, e seus polegares deslizaram com muita suavidade sobre a pele quente e morena das mãos do marido.

Lorde Tim parecia prender a respiração, com olhos fixos nas mãos de ambos. Era tão belo quando se tocavam. E tão certo...

— Tim... — Cathie falou primeiro, e abriu a boca para dizer-lhe que deveriam repensar o acordo feito.

Mas então Emily entrou, um pequeno furacão, semelhante ao irmão, alterando mais uma vez o ambiente.

— Caaaathie!! — Ela esticava um dedinho, em prantos, mostrando um machucado com pequenas gotinhas de sangue — Machuquei meu dedinho!

Sem pestanejar Tim soltou as mãos de Catherine, e ambos inclinaram-se em direção à menina.

— Oh, pobrezinha!

Catherine pegou um lenço limpo de sua cestinha de bordados, limpou e beijou a ponta do dedo.

— Pronto, agora você vai melhorar!

Emily abraçou Cathie aonde alcançava, encostando a cabeça em sua barriga.

— A mamãe também fazia isso!

— Eu sei, minha querida.

— Você nunca vai embora, não é, Cathie?

Cathie encontrou o olhar de Tim.

— Não, nunca.

— Eu te amo — Emily balbuciou, com o rosto ainda enfiado entre os tecidos da saia de Catherine.

— Eu também te amo.

Ela baixou o olhar para Emily, mas depois os reergueu para Timothy, que sem deixar de encará-la por nenhum segundo, soltou o peso do corpo numa das poltronas floridinhas da condessa.

Emily largou Cathie e correu para o colo de Tim.

E o trio continuou assim, num silêncio contemplativo, até que Jane bateu na porta e entrou. E após certificar-se que a irmã estava bem, sentou-se junto a Cathie, pedindo-lhe que fizesse uma trança.

— Claro, meu bem.

Não demorou para que as crianças iniciassem sua agradável tagarelice, com os olhares de Tim e Cathie todo tempo se encontrando, guardando a certeza de que, mesmo sem palavras, já estavam se entendendo.



Capítulo 16



Timothy gostaria de ter ficado em casa. E conseguido, o mais breve possível, levar sua esposa ao quarto. O dele, ou o dela, tanto fazia. Contanto que houvesse um leito disponível, estava bom para ele.

No entanto estava sentado diante de Gabriel Cunningham, ouvindo como estavam em posição favorável em relação a Desmond Sacred Heart.

O conde de Attwood quase esquecera que havia pedido para ser recebido pelo advogado. Mas então olhara o relógio de bolso e lembrara-se de seu compromisso. Deixando as meninas aos cuidados de Cathie, pegou chapéu e capa e partiu rapidamente para o escritório localizado na parte mais movimentada de Londres.

Como detestava todo aquele tumulto e aglomerado de pessoas nas ruas!

Foi um alívio entrar no prédio que Cunningham & Cunningham funcionava. Observando a placa antiga perguntou-se quem teria tomado o lugar de Jake Rae na sociedade, já que o antigo companheiro de farras não podia mais exercer a função de advogado ao lado do pai. Mas esqueceu-se da questão por completo quando o velho Gabe o puxou para um abraço, como se reencontrasse um sobrinho estimado.

E após avisar que Sacred Heart receberia muito brevemente um aviso de que deveria encerrar sua tentativa de adquirir a tutela das senhoritas Broadrick e Hall, e lamentar o falecimento de Anne Flanagan, direcionou a conversa para outro assunto.

— Então, lorde Tim... Uma esposa Sacred Heart! Vosso pai deve estar

saltitando lá do céu por este desejo enfim realizado!

Algo no olhar de Tim deve ter demonstrado sua confusão, e Gabriel sorriu.

— Oh, então não sabe? O conde queria muito uni-lo a uma Sacred Heart. Por duas vezes tentou uma noiva desta família para você. Não lady Catherine, mas duas primas dela... Não me recordo os nomes das garotas... Mas acho que isto não importa. Quando sua Catherine foi apresentada para... Ahn... Para se tornar disponível a algum acordo matrimonial, seu pai estava recém-casado com a condessa Anne, e não entrou no páreo. E depois acabou deixando este assunto de lado... Creio que os amigos, e a nova condessa também, o dissuadiram de fazer aliança com Desmond.

Timothy estava perplexo.

— Eu não sabia.

— Por bastante tempo seu pai esteve obcecado em arranjar-lhe um casamento com alguma das Sacred Heart. Não era segredo. Tantos nobres queriam, e querem, conseguir uma união como essa... Você sabe... Para garantir a perpetuidade de seu nome, renovar o sangue, por assim dizer...

Tim balançou a cabeça. Aquela revelação era perturbadora. Saber que seu pai desejava que ele se casasse com uma das Sacred... E ele havia realizado aquele sonho sem saber... Parecia estranho... Mas talvez fosse um sinal... De que podia dar certo, que seria abençoado... Que estava escrito em algum lugar que devia acontecer. Nunca se mostrara um tipo de homem religioso, ou motivado pela fé... Nem achava que havia motivos para ser. Antes.

Mas agora... Havia esperança, e esperança real, não algo baseado no “se”. Robert estava certo. Catherine era sua esposa, vinha de uma lendária família de boas parideiras, e mostrara-se receptiva. E mais, gostava de crianças! Das crianças dela, e das crianças dele. Poderiam ter mais. Formariam uma família grande, imensa! Mas além de tudo Tim e Cathie gerariam uma descendência que não mais precisaria se preocupar com falta de fecundidade. Certamente não explanaria seus pensamentos em voz alta para Gabe, ou para quem quer que fosse. Soaria estranho, um pouco egoísta, ou... Sonhador.

Lorde Tim, um sonhador! Ou melhor, *Lorde Tim, um patriarca sonhador!* Sim, senhor, o falecido conde Henry ficaria mesmo orgulhoso.

Soltou uma gargalhada, e Gabriel franziu as sobrancelhas, sem entender.

Capítulo 17

Tim seguiu Cathie após o jantar. Bateu na porta do quarto dela, e foi recebido sem nenhuma expressão surpresa ou apreensiva.

Bom.

— Está feliz com sua nova família, Cathie?

A pergunta, sim, pareceu surpreendê-la.

— Claro!

— Gostou desta casa? — Timothy caminhou pelo quarto, observando os móveis antigos, como se os visse pela primeira vez — Eu a usava antes de seguir para a Índia. Meu pai e Anne não gostavam muito de Londres, e raramente vinham até a cidade. Penso que nos últimos anos este quarto foi usado pela condessa raríssimas vezes. Gostaria de mudar algo no mobiliário? Ou as cortinas? Talvez as cores das paredes? E estender a mudança para outros cômodos?

— Oh, eu gosto da casa, sim... E não cheguei a pensar em mudar algo... Não houve tempo para... pensar.

Timothy parou diante dela, tão próximo que a fez balançar pela perda súbita de espaço.

— Desde que nos conhecemos, e tendo tantas crianças em volta, o que menos conseguimos fazer é pensar, não é?

Cathie deu uma risada. Era verdade. Assentiu.

— Talvez seja melhor não pensar demais mesmo. No entanto é impossível não pensar sobre nossa união. Está satisfeita com nosso casamento, Catherine? Com o acordo que eu propus?

— Sim. Não.

A sombra de um sorriso surgiu nos lábios de Tim. As mãos dele deslizaram pelos braços de Catherine, até pararem nos pulsos, onde se fecharam. Se para mantê-la junto a ele, ou para sentir-lhe a pulsação, não tinha certeza.

— Eu também sinto-me assim. Subestimei a mim mesmo.

— Subestimou?

— Achei que poderia manter um casamento que é verdadeiro apenas no papel. Pensei que poderia me contentar com isto. Mas como poderia, Cathie? Quando a vejo todo o tempo, mesmo quando não estamos no mesmo recinto? Quando a ouço aqui — ele soltou uma das mãos para tocar o ouvido, e depois o coração, — e aqui?

Catherine sentiu o corpo ficar leve como papel. E seus lábios tremeram. Tim voltou a pegar no pulso dela, e com suavidade puxou-a para que o envolvesse pela cintura. Cathie encostou seu corpo ao dele. Ergueu a cabeça, entontecida pela respiração acelerada, pelo som de marteladas subindo do peito, tão eufóricas e descompassadas que deviam estar sendo escutadas por toda a Londres.

— Como manter uma união que é só aparência quando respira o mesmo ar que eu, Catherine? Como poderia não desejar tocá-la quando estamos sob o mesmo céu?

Inclinando-se para que pudesse sussurrar, lorde Tim perguntou:

— Como eu poderia não a querer diante da simples constatação de que você existe?

Ela ofegou.

— Quero fazer amor com você, Cathie. Esta noite. Todas as noites.

Os olhos de Catherine se apertaram em espreita:

— Disse que não fazia amor, fazia sexo.

— Fazia sexo quando não era com você — respondeu suavemente.

Catherine piscou.

— Tim...

Timothy acariciou a face da esposa, com tanta delicadeza que a fez estremecer.

— Com você é fazer amor, Catherine. Amor. Ah, minha gatinha, não vai chorar...

As lágrimas brilharam aumentando a intensidade da íris violeta.

— Não. Eu... Estou feliz. Mas... será que é tão simples assim?

— É tão simples assim. Somos casados! E já passamos mais tempo juntos do que muitos casais que temos conhecimento e que se unem por ordem de seus familiares.

Oh, isto ela sabia muito bem. Vira tantas vezes acontecer que não deveria questionar a lógica de dormir ou não com um marido que não tivera muito tempo para cortejá-la. Convivera com o conde de Attwood mais tempo que a maioria

das noivas inglesas levava para conhecer seus futuros esposos.

— Sim, é verdade.

— Quer tornar nosso casamento completo?

— Sim.

— Você me quer? — ele sussurrou, encarando-a intensamente.

— Quero-o, Tim.

— É? — Ele sorriu, afastando o corpo, com expressão risonha.

— É! — Cathie deu alguns passos até ele.

— Lembra como foi gostoso o que fizemos no corredor de Rose Place? Claro, antes que você me impedisse de prosseguir na sedução. — Ele riu. — E antes de eu sair correndo de cena.

Catherine também riu, enxugando as lágrimas que deslizaram teimosamente.

— Como poderia esquecer? Me viraste do avesso!

— Farei mais hoje. — Roçou com as pontas dos dedos as faces dela, de modo gentil, aonde havia sinais do choro emocionado. Sentiu-a oscilar ao seu toque, e sorriu, travesso.

Ela arregalou os olhos. Poderia sentir mais prazer do que naquele dia?

— Quer me fazer desmaiar?

— Talvez. — Semicerrou os olhos.

— Meu Deus.

— Antes de mais nada, relaxe. Está em sua casa, então pode gritar, Cat. — Esfregou docemente as palmas de suas mãos nas dela.

— Gritar? Não vou gritar.

Timothy riu baixinho.

— Vamos ver.

— E você, vai gritar? — Desafiou.

— Provavelmente. Não sou tímido. — As mãos subiram lentamente pelos braços de Catherine.

— Isso sei — respondeu, sentindo-se já descompassada.

Tim novamente riu, naquele tom baixo e perturbador, causando desconcertantes cócegas no estômago de Cathie.

Ele continuou passeando as mãos pelos braços de Catherine calmamente, até alcançar os ombros. Seus dedos se engancharam nas bordas laterais do decote arredondado, na direção das mangas do vestido, e Timothy forçou o tecido um pouco para baixo, só para perceber, com uma ponta de frustração, que

não conseguia fazê-lo escorregar pelo corpo da esposa.

— Gosta dessa roupa? — perguntou Tim, quase sussurrante.

— Gosto — ela respondeu, com um franzir de sobrancelhas, sem entender exatamente o porquê da pergunta.

— Certo — ele retrucou, fazendo-a voltar-se de costas para ele, num gesto rápido. Beijou a nuca exposta de Catherine com calculada languidez, enquanto começava a abrir os inúmeros botões do vestido de musselina. Bem devagar.

O calor começou a tomar conta de Catherine, e ela percebeu gotas de suor descendo entre os seios, e provavelmente também em suas costas.

— Ai, isso é um novo tipo de tortura?

— Sim. Você preferiu deixar esse vestido entre nós, então temos que abrir esses milhões de botõezinhos malditos que tem.

Catherine batia o pé, impaciente.

—E você está fazendo isso tão devagar, que será Natal quando terminar!

Tim deu mais uma de suas risadas sensuais.

— Qual seria a alternativa? — Impacientava-se.

— Rasgá-lo — respondeu de pronto.

— Então faça.

Não aguardou segunda ordem. Com um puxão brusco rompeu o tecido, abrindo-o no meio quase de ponta a ponta, sem dar importância aos botões delicados que rolavam pelo chão aos montes.

Catherine estremeceu, a violência e pressa do gesto excitando-a de um modo inesperado. O coração acelerou ainda mais do que ela julgaria possível.

Tim deu mais um rasgão no vestido, abrindo-o por completo em dois.

Um simples sacolejar de braços de Catherine fez o que antes era uma bela vestimenta caísse pesadamente no chão, em trapos.

Timothy circulou bem lentamente em torno de Catherine, observando-a cuidadosamente. Ela vestia uma camisa fina, e ele pôde perceber, através da transparência da peça, que usava apenas mais uma peça íntima e pequena envolvendo os quadris largos, e cobrindo seu sexo. O visconde respirou fundo e passou vagarosamente a língua sobre o lábio inferior, com os olhos vidrados sobre sua esposa.

— Minha condessa... é muito bonita mesmo... E eu a desejo loucamente...

— Meu conde... — Foi somente o que Catherine conseguiu murmurar,

pois no instante seguinte Tim a havia tomado em seus braços e capturado sua boca num beijo urgente e apaixonado. No próximo segundo, a camisa transparente era lançada longe.

E então foi a vez de despir a última peça que cobria Cathie. E agora estava nua para o marido, excetuando-se pelas meias e sapatilhas.

Era muito, muito sensual vê-la assim. Só faltava um detalhe para completar o quadro que enchia sua mente de pensamentos lascivos e torturantes, noite após noite.

— Solta os cabelos para mim?

O pedido foi feito em um murmúrio. Desde que haviam se casado Catherine passara a usar os cabelos presos num coque. Timothy sentia os dedos coçarem de vontade de puxar os grampos que prendiam os fios claros e brilhantes. Gostava de sua Cat à vontade, com seu ar brejeiro e de pouca mansidão, e aquele jeito meio brusco e selvagem que ela certamente não sabia que tinha, e que sempre avivava mais o lado rebelde dele. Guardavam semelhanças, se alguém pudesse observá-los mais atentamente, em seus temperamentos explosivos, como gatilhos prontos a disparar mediante o toque certo.

Cathie ergueu os braços devagar, soltando as presilhas que mantinham as madeixas presas, tudo sem tirar os olhos de Tim. Era interessante perceber como podia encantar seu marido. Ele acompanhava cada movimento sem piscar.

O cabelo liberto desceu, cobrindo ombros, seios e parte das costas.

Timothy esticou a mão, tocando as pontas encaracoladas, roçando os mamilos ocultos por eles, e fazendo o corpo feminino tremer de antecipação. Os dedos subiram, contornando a nuca feminina e atraindo-a para si.

Enquanto as bocas se encontravam em beijos impetuosos a mão livre de Tim passeava pelo corpo da esposa, dos seios grandes ao ventre liso, sentindo-lhe o umbigo e seguindo mais abaixo, até os cachinhos acastanhados. Quando chegou até o sexo de Cathie, sentiu-a retesar-se.

Tim parou, e afastou-se apenas um passo, encarando fixamente Catherine.

Deliberadamente lento ele tirou a gravata, e depois o casaco.

Agachou-se e retirou os calçados.

E as meias.

E levou as mãos aos botões do colete, abrindo-os sem pressa.

Permitiu que a peça escorregasse de seu ombros e caísse no piso.

E então seus dedos pararam sobre os botões da camisa branca.

— Vai me ajudar a tirar esta?

Era Cathie que tinha os olhos vidrados agora. Pestanejou para sair do torpor que se encontrava, e foi até o conde, balançando a cabeça afirmativamente.

Com veemência.

Catherine abriu os botões da camisa de Tim, sentindo-o observá-la.

O peitoral largo surgiu após a roupa ser afastada. Havia um pouco de cabelo no peito dele, e mais um tanto rodeando o estômago plano.

Era a vez de tirar as calças. Segurando as mãos dela, unidas às dele, lorde Tim fez que tocassem o cós, puxando a roupa para baixo, deslizando pelas pernas por completo.

Sobrara a roupa de baixo, os calções brancos e justos, que seguiam até os joelhos. E eles também foram retirados.

A ereção de Tim apontava direto para Cathie.

Ela não havia tentado esconder sua própria nudez, nem afastara o olhar quando o vira nu, mas havia se retesado antes... Timothy não podia esquecer que tratava com uma virgem, mesmo ela não sendo uma debutante ingênua, e por mais que seus instintos o fizessem desejar possuí-la sem demora.

— Sabe o que vamos fazer, Cathie? Entende mesmo o que é fazer amor?

Ela assentiu.

As garotas Sacred Heart podiam não ter autorização sequer para colocarem seus narizes no portão da rua sem seus guardiões, mas aprendiam cedo sobre gravidez, anatomia masculina, e principalmente sobre como a forma em que seus maridos colocariam suas sementes dentro delas poderia ser variada, e que elas jamais deveriam reclamar das escolhas feitas por eles. Elas deveriam ser tranquilas e dóceis, para que não incorressem na ira de seus respectivos esposos, e nem arriscar que se tornassem agressivos e violentos.

A mãe de Cathie nunca se mostrara uma mãe gentil ou carinhosa, mas não desejava que a filha fosse brutalizada, e lhe explicara todo o processo de reprodução humano. Algumas primas não tinham ido ao marido tão preparadas, e tiveram noites de núpcias assustadoras.

Era óbvio que toda a parte teórica aprendida caíra por terra ao ver-se na iminência de colocar em prática seus conhecimentos. Que pareciam ridículos e miseráveis perto do conhecimento que seu *Lorde Tim* possuía.

Um sorriso iluminou o rosto do conde:

— Que bom.

Timothy voltou a puxar Cathie para seus braços, fazendo-a abrir

ligeiramente as pernas para que uma das coxas dele a roçasse. Os pelos masculinos em contato direto com sua carne a atordoaram, fazendo-a soltar um gemido alto. Se o simples contato já a desestabilizava, talvez Tim estivesse correto em dizer que ela gritaria.

Mantendo-a junto dele enquanto sua boca a devassava com um beijo ardente, deslizou os dedos pela maciez de Catherine, demorando-se nos seios volumosos, Tateando e fazendo-a experimentar sensações de ânsia, confusão, e calor, enquanto descia, e finalmente tocava-lhe a parte mais íntima.

Desabaram na cama, emparelhados, sem soltar-se um do outro. Os movimentos dos dedos de Tim aumentavam, num vai e vem que fazia Cathie gemer num crescente, enquanto entrava em ebulição. E o ponto alto de fervura foi quando ele inclinou-se, e sem que Catherine esperasse, lhe tomou um dos seios na boca.

O grito dela acompanhou o movimento de seu quadril. O rastro de fogo que boca, língua e dentes do marido deixavam por onde passavam tirou por completo a razão de Catherine. Não podia suportar tanta tensão, nem ficar parada, e a loucura avolumava-se cada vez mais.

O clímax de Cathie foi barulhento como Tim previra, mas ele queria mais. Não deu tempo para que se recuperasse. Rolando sobre ela procurou espaço entre suas pernas, e deixou que seu membro tomasse o lugar onde antes estavam seus dedos.

Ergueu o tronco, apoiando-se nos braços, para fitar Catherine enquanto a penetrava devagar, mas forte, sem titubear. Se ela sinalizasse dor, ele então pararia.

E os olhos violeta, atentos aos seus, o encantaram mais do que nunca. Sem medo, sem pânico, sem dúvidas.

As mãos procuraram as de Cathie, como gostava de fazer sempre que tinha oportunidade. Entrelaçando seus dedos aos dela, forçou sua passagem até o fim, derrubando a resistência encontrada.

Sem causar dor.

Cathie não esperava que Tim, com toda sua aparente rudeza, pudesse ser tão cuidadoso a ponto de não fazê-la sentir a temida dor que sua mãe avisara que sentiria na primeira vez com o marido.

Sentia apenas ardor no momento da ruptura de sua virgindade, e a sensação do volume aumentando dentro de si. Com mais vigor, e mais rapidez.

E continuava...

Com mais vigor.

E mais rapidez.

Mais forte.

Mais rápido.

Mais.

Mais.

Mais.

Mais.

Ela explodiu num grito insano, e Tim gemeu apenas uma palavra, num tom tão absurdamente sexy, que se Cathie já não estivesse no ápice de seu prazer, agora o alcançaria.

Pois o que Tim gemeu foi apenas *Cathie!*

Nunca uma mulher o havia beijado como Cathie fizera. E Tim havia beijado muitas mulheres ao longo de sua vida.

Ele queria mais beijos assim. Ele queria tudo.

Acordara já procurando Catherine ao seu lado, como se temesse haver sonhado apenas. Mas ela estava ali, meio enroscada entre lençóis, com os cabelos espalhados sobre o travesseiro e o braço dele. Timothy baixou o rosto até o pescoço feminino, deslizando levemente até o ouvido, e aguçando seu desejo por toda a extensão perfumada. Ela cheirava a sabonete, e sexo. Ele também devia cheirar a sexo, o quarto todo parecia emanar o mesmo aroma.

Os cílios claros bateram devagar, demonstrando que despertava. Sorriu docemente para o conde.

Algo pareceu sacudi-lo por dentro quando sua atenção parou na boca rosada, no sinalzinho sedutor. Era uma sensação estranha que vinha do estômago, subindo, ganhando espaço, palpitando o coração e embolando na garganta.

Sua luxúria provocava coisas assim, agora?

Aos diabos com estas sensações loucas! Precisava mais de Cathie. E precisava já.

— Sente-se bem?

Catherine fez que sim, mas Tim percebeu nela certa cautela. *Pequena devassa*, sorriu para si mesmo. Sentia sim um desconforto, mas não admitiria, pois em seus olhos estava claro que a curiosidade superava qualquer dor. Talvez

em outra situação a poupasse, mas nesse momento estava tão ávido por possuí-la mais uma vez que resolveu fingir que lhe acreditava. Agora já não havia a barreira virginal atrapalhando-os, poderiam dar maior vazão a paixão que os acometia. E ele a pouparia de certa forma: não lhe deitaria o peso, e controlaria o máximo possível as mãos para não marcar-lhe a pele macia com sua ansiedade.

Uma coisa Tim desejara desde que Catherine caíra-lhe em cima, no dia que se conheceram, num encontro inusitado e inesquecível. E agora, teria. Agarrou Catherine pelos quadris, rolou para o lado num gesto rápido, pondo-se embaixo da esposa.

— Cavalga-me.

— Timothy...

— Faz, Catherine.

— Não conseguirei... sabe que você é... você é — Ruborizou, balançando a cabeça, — grande, e desse modo que quer... não creio que será possível...

Tim sentiu-se ainda mais excitado. Catherine o enlouquecia quando ficava tímida. Queria entrar nela com urgência.

Enrolando o punho nos cabelos fartos e claros, puxou-a, fazendo-a inclinar-se sobre ele, até que pudesse beijá-la. Com a outra mão acariciou-lhe um seio provocativamente, enquanto mexia os quadris e excitava ambos ainda mais. Soltando as madeixas seguiu alisando-lhe as costas, deslizando nas curvas sinuosas do traseiro empinado, circundando-lhe o ventre, e enfim chegando a sua virilha.

Sem abandonar-lhe a boca.

Tocou-a no ponto mais íntimo, e ambos se contorceram de prazer. Estava tão, tão pronta!

— Conseguirá, meu amor, me inundará com o ardor que brota entre suas pernas!

Catherine tremia de excitação e temor.

— Confie em mim — disse ele, prendendo-a firmemente pela cintura com as mãos grandes e fortes, de modo a não fugir de seu movimento.

Então ele ergueu o quadril, sem piedade, numa estocada que a penetrou por completo e fez os dois soltarem em uníssono um gemido gutural. Quando ela jogou os cabelos pra trás pela primeira vez, o queixo erguido para o alto, os olhos fechados, Timothy achou que ia explodir dentro dela ali mesmo. Mas conseguiu, não sabia como, controlar-se.

— Cavalga-me agora.

A voz de Tim soou autoritária, e Cathie começou a mexer-se, fazendo-lhe

a vontade, arqueando o corpo para trás, oferecendo-lhe os seios, que ele imediatamente alcançou com as mãos, puxando-os e apertando-os, como se seus movimentos ali marcassem o compasso dos movimentos dela.

Os gemidos altos cortavam o silêncio da noite.

— É deliciosa, esposinha... tão... apertada... — retrucou, com voz ofegante.

— Timothy! — ela gritou, enquanto ele se movia com força dentro dela, torturando-a com sua virilidade, indo e vindo cada vez mais velozmente. — Você...é...malvado!!!

— Eu... sei... Minha... Minha... Condessa... — Ele conseguiu sorrir, e ela o acompanhou no sorriso.

Quando os limites do prazer chegaram ao máximo tolerável por um macho e sua fêmea, juntos alcançaram as nuvens, e desfizeram-se em gritos e fluídos, estendendo-se lado a lado depois, exaustos e ofegantes, com suas peles brilhando de suor.

Capítulo 18

Os dias passavam rápido, permeados de visitas a parques, museus, e lojas. Convites para eventos surgiam regularmente, os amigos de Tim estavam ansiosos para revê-lo e colocarem-no novamente ativo na sociedade. Mas o conde deixava suas manhãs para a Câmara dos Lordes, as tardes para suas crianças, e as noites para sua esposa. A última parte era a melhor de todas, se fosse mensurar.

Aceitavam alguns convites para jantares e saraus, mas regressavam cedo, e corriam a trancar-se no quarto da condessa. O cômodo ao lado, onde o conde deveria dormir, tornava-se cada dia mais obsoleto.

— Sua cama é mais macia que a minha. — Attwood sempre repetia para Catherine.

Ela ria, satisfeita, enlaçando-o com pernas e braços. E adormeciam assim.

Antes que a segunda semana em Londres findasse receberam convite para um baile promovido por Miles Bethlem. O tenente-coronel e sua esposa Georgiana eram bons amigos de lorde Tim, e ele aceitou com prazer.

Miles e Georgiana os receberam efusivamente, e rapidamente os Attwood se integraram ao grupo de convivas que chegara um pouco antes. Timothy conhecia praticamente todos que estavam lá, e tinha laços de amizade com a maioria.

Como haviam comparecido a jantares nas residências de Brighton e de Smith, e um casal de anfitriões também convidou o outro, Catherine já conhecia Suzanne e Juliet, a marquesa de Brighton e a senhora Smith, respectivamente. Quando as damas se afastaram para conversar e apresentar a nova condessa para outras amigas, Tim foi rapidamente cercado pelos velhos companheiros. Jake, Tristan, Robert, Matthew Fallentin e lorde Grayson Shakman contavam novidades em tom de piada para o velho companheiro, colocando-o a par de todas as situações divertidas e controversas que não cabiam nas cartas que trocaram ao longo dos anos em que o conde estivera longe.

Até que Christian chegou.

Christian era irmão de Jake, ambos filhos de Gabriel Cunningham, e grande amigo de Miles Bethlem, com quem havia servido como soldado, até ganhar a posição de major. Era de se esperar que fosse convidado para uma festa oferecida pelo antigo tenente.

Tim e Christian frequentavam os mesmos círculos, e isto acabou os tornando amigos de farras e jogos. Mas Chris decidiu ingressar no exército de Sua Majestade. Antes que ele partisse com seu pelotão, Gabriel, seu pai, providenciou o noivado do filho com Luciane Hogarth, filha de um membro da nobreza inglesa. O astuto advogado achava que assim impediria seu caçula de arriscar-se em guerras e batalhas. Não adiantou. Christian partiu, colocando-se alguns anos a serviço da Coroa. Quando regressou, devido a um ferimento acontecido num confronto enquanto as forças inglesas davam apoio às tropas do general Saldanha — contra Dom Miguel, na retomada de Pedro de Alcântara pelo trono da filha Maria da Glória, em Portugal — e condecorado como herói, foi reclamar sua noiva. Aconteceu que Tim também estava interessado na moça. A briga entre eles foi inevitável, e a última vez que deparara-se com Christian foi para trocarem murros e insultos.

Já era tarde ao dar-se conta que Luciane gostava realmente do noivo.

Por causa de uma mulher que não o amava, havia estragado uma boa amizade. Naquele tempo ficou aborrecido e constrangido demais com a situação para encarar seu erro. Porém, vários anos haviam se passado. Mediante tudo o que acontecera a Tim, parecia-lhe que haviam sido décadas! Não tinha o que dizer a Christian para consertar o que estava feito, e não esperava também que o outro, vencedor no embate, ainda guardasse-lhe rancor. Fez o que um homem adulto poderia fazer em seu lugar. Cumprimentou Christian Cunningham, agora coronel, como se nada de estranho houvesse acontecido entre eles.

— Boa noite, coronel. Como tem passado?

— Muito bem, conde de Attwood. E o senhor?

— Estou bem, obrigado. Mas, por favor, voltemos ao uso do *Lorde Tim*, e nada de milorde, conde ou senhor. Prefiro assim entre os amigos.

Christian assentiu, e um leve sorriso suavizou sua fronte.

— Sendo assim, insisto no uso de Christian, e não coronel.

Os companheiros à volta pareceram respirar aliviados, e a conversa prosseguiu, ainda mais animada. Os libertinos — ou ex-libertinos — mais famosos de Londres estavam reunidos novamente.

— Mas então lorde Tim agora tem uma casa cheia de senhorinhas! Como

se sente quanto a isso? — Tristan provocou.

Timothy sorriu:

— Meu caro amigo, meu sonho sempre foi ter a casa apinhada de damas. Estou realizado!

As risadas foram estrondosas.

Enquanto conversavam uma dama esplendorosa em seu traje vermelho aproximou-se deles. Jake estendeu a mão, que ela pegou, sorrindo.

— Podem soltar o ar dos pulmões, e tenham a decência de fechar suas bocas, senhores. Lorde Tim, esta é minha esposa, a duquesa de Tyrone, Amber Cunningham.

Os homens, pegos observando a esposa do amigo, soltaram risadinhas constrangidas, e cumprimentaram a duquesa. Ela também riu, balançando os cachos negros que emolduravam a face de uma beleza que poderia competir com a das musas dos renascentistas italianos. Botticelli a aplaudiria.

— Relaxem, senhores. Jake só está caçoando de vocês. Como vai, senhor conde? Meu esposo contou-me que precisa dos serviços de uma escola para meninas.

A duquesa fundara uma escola para meninas, a Instituição Alessa Stewart — raridade no país — e em moldes incomuns para seu tempo: não havia castigos físicos para quem apresentava dificuldade com o aprendizado, e o ensino não aplicava-se apenas a regras de etiqueta, a alfabetização básica ou ao essencial estabelecido para atrair e entreter um marido. As crianças realmente recebiam lições sobre matemática, geografia, literatura, história, artes e até astronomia. Timothy soubera do projeto em cartas enviadas por Jake e Tristan, e ouvira falar sobre o estabelecimento já no navio em que viajara para regressar ao lar. Lá mesmo tomara a decisão de matricular suas irmãzinhas na moderna Instituição Stewart. E, é claro, a esta altura também incluía Faith e Hope em seus planos.

— Vou bem, obrigado, duquesa, e espero que a senhora também. E sim, seu esposo falou certo: tenho tantas crianças em casa que já cogitei eu mesmo fundar uma escola!

Ela voltou a rir, acompanhada pelo esposo e os amigos em torno.

— Oh, por favor, conde de Attwood, combinemos assim: suas crianças vão para minha escola, e o senhor não me ameaça com uma concorrência de peso!

— Estamos acertados, madame!

— Venha com sua esposa conhecer a escola, mostrarei as dependências onde suas meninas estudarão e poderemos fazer os acertos finais para as

inscrições delas.

— Certo. Minha esposa ficou empolgada com a possibilidade de darmos às meninas uma educação diferenciada e de qualidade. Ela ficará feliz em conhecer sua instituição.

Amber sorriu, satisfeita.

— Vejo que sua esposa é muito sábia! Já gosto dela e a considero minha amiga.

— Tenho certeza que se darão muito bem. Ela está... — Timothy girou o corpo, buscando ver onde encontrava-se Catherine. Estava entre as novas amigas... e havia dois cavalheiros entre elas. Seu olhar estreitou-se imediatamente.

Jake seguiu o olhar, identificou a expressão do amigo, e apressou-se a dizer quem eram os homens junto às damas.

— Aqueles são o capitão Alexander Fiennes, irmão de Juliet, e o visconde de Preciozi, tio de Amber.

Tim apertou os maxilares, ainda observando o outro grupo, sem voltar-se para Jake. *Ora, ora, se Londres não continuava sendo um ímã poderoso para safados! Caíam meia dúzia de libertinos nas malhas do casamento e erguiam-se mais uma dúzia deles para tomar-lhes o lugar! Lugarzinho infernal...*

— Oh... e o sheik Khaled! — Amber comentou, quando um homem trajado com roupas incomuns caminhou diretamente até o grupo em que Catherine estava.

— Ah, claro! — Jake resmungou.

Lorde Tim franziu as sobrancelhas.

— Um sheik, aqui? O que andou acontecendo enquanto eu estava fora?

Os amigos riram. Matthew respondeu:

— Ah, algumas coisas bem interessantes andaram acontecendo... Mas culpe Jake e Amber pelo ingresso deste novo trio em nossos salões.

O casal trocou sorrisos entre si, sem se abalar com a provocação.

— Talvez eles devam ser avisados que não é de bom tom conversar com as damas casadas quando os maridos delas não estão perto.

— Mas... Esta regra não existe. — Amber parecia confusa.

— Se não há esta regra, deveria haver.

Robert deixou escapar uma risada alta. Tim voltou-se, de cara feia. O marquês fez um movimento displicente com um dos ombros:

— Eles não sabem que todas *ali* são casadas.

— O que? Eles pensam que Cathie...? Oh, *merda*... — Tim fez menção de afastar-se, mas lembrou-se de Amber ao seu lado — Ah... perdoe-me o palavreado, duquesa. Eu vou até minha esposa...

— Não precisa desculpar-se. Por favor, conde de Attwood, fique com seus amigos, e tranquilize-se, eu resolvo isto.

Amber afastou-se rapidamente, indo até o outro grupo.

— Observe, Tim. — Jake pediu.

Amber chegou até onde estavam as amigas e os três cavalheiros, fez um pequeno movimento com a cabeça, pareceu dizer apenas uma palavra... e os três homens afastaram-se imediatamente.

Tristan gargalhou, batendo palmas.

— Ela nasceu para colocar mal comportados na linha!

Os outros concordaram, e o acompanharam nos aplausos e risos.

Jake inclinou-se levemente, agradecendo tal qual um artista faria.

— Minha esposa, senhores.

Timothy balançou a cabeça, enfim rindo também. Era bom estar entre amigos outra vez.

Grayson Shakman balançou a cabeça:

— Pensei que nunca veria chegar o dia em que o lorde Tim se prontificaria a fazer uma demonstração pública de ciúme...

— Ah, cale a boca, Shakman! — Tim deu um empurrão no amigo, e as gargalhadas aumentaram, bem como a sequência de piadas e provocações sobre o mais recente libertino casado.

Capítulo 19

Tim sabia que não deveria ter aceitado o pedido de sir Rodwell, na saída da festa de Miles. Levar o cavalheiro em sua carruagem e deixá-lo em casa porque uma das rodas do veículo dele se quebrara estava lhe custando muito mais do que a paciência. Não pensara que alguns minutos de viagem com o ancião pudessem se tornar um problema, mas descobriu que sim quando Rodwell decidiu fazer especulações sobre o passado. De Luciane. E Timothy. Com Catherine sentada bem ao seu lado.

O que passava pela cabeça de certos idosos? Quem lhes disse que graças à sua idade avançada estavam autorizados a falar o que bem entendessem? E que poderiam ser inconvenientes e grosseiros? Certamente Timothy não era nenhum grande exemplo de cortesia e bons modos, mas até ele sabia quais assuntos não deveriam ser abordados diante de uma recém-casada. Os relacionamentos passados de seu marido, por exemplo. Ou os *quase-relacionamentos* passados.

Timothy poderia ter ficado muito interessado em Luciane no passado, e desejado mesmo pedi-la em casamento, mas jamais confirmaria tal coisa. Até porque hoje em dia podia ver claramente o absurdo da situação.

— Nunca existiu nada além de amizade entre mim e a senhora Cunningham.

O velho descarado sorriu e piscou um olho.

— Oh, sim, sim, meu caro, estou apenas recordando-me de alguns comentários, ouvidos aqui e ali, feitos na época em que eram solteiros. E eram muito amigos... Sempre estavam próximos um do outro...

Não diziam que a memória ficava ruim com a idade? Porque a dos fofoqueiros nunca ficava ruim? Tim ajeitou-se melhor em seu assento, rezando para o cocheiro ir mais rápido.

— Uma amizade sem intimidade alguma.

— Oh, oh... Não é o que recordo... A jovem estava sempre rindo na sua presença. Mas... qual moça não estava sempre rindo na sua presença, não é mesmo? Sempre foi um jovem muito divertido, isso sim! Elas o adoravam!

Sir Rodwell podia enfiar seu chapéu na boca e calar-se.

Agora.

De esguelha observou Catherine. A expressão na face dela era indecifrável.

— Será que amanhã vai chover? — Tim virou na direção da janela, olhando a rua lá fora.

— Não precisa mudar de assunto, meu rapaz! Vamos, todo homem tem boas histórias para contar sobre seu passado!

Talvez ele fizesse sir Rodwell engolir o próprio chapéu.

— E a sua predileção por loiras continua, não é? Mas devo dizer, sua condessa é muito mais bonita do que Luciane Cunningham, ou qualquer outra do seu antigo círculo.... de... hum... amigas.

Putá que pariu! Não, nada de chapéu... Ia enfiar a bengala de sir Rodwell na garganta dele! Estava decidindo se pela goela, ou apenas forçando-a em volta do pescoço do homem.

Sabia que Catherine era ligeira, mas a rapidez com que ela galgou os degraus da entrada de sua casa em Mayfair o surpreendera. Haviam deixado sir Rodwell na porta da casa dele e seguiram o curto restante do percurso em silêncio. Timothy ainda estava pensando no que dizer quando o cocheiro parou e abriu a porta para que saíssem da carruagem.

Ela deixou o coche como um raio.

Tim seguiu-a, entregando casaco, cartola e bengala para o mordomo. Raj aguardava perto da escada, e recebeu a capa que Catherine praticamente jogou sobre ele, sem parar de andar. O criado voltou um olhar assustado e interrogativo para lorde Tim.

— O que o senhor fez, sahib?

— Nada, não fiz nada! — Timothy respondeu, enquanto ia atrás de Cathie. O que ela deveria estar pensando sobre ele? Estavam indo tão bem juntos... Será que ela o rechaçaria hoje? Não esta noite, por favor... estava tão gloriosa em seu vestido novo... Durante toda a festa Tim fez planos para carregá-la até o leito, despi-la com calma, e fazerem amor de modo intenso...

Ela o chutaria do seu leito?

Ela o expulsaria do quarto desta noite em diante?

O pensamento o deixou aterrorizado.

Cathie entrou em sua saleta particular, procurando inalar o ar com calma, enquanto dizia a si mesma que não havia razão para ficar tão irritada. Ela sabia que Tim era um libertino, não sabia? Aceitara casar-se com ele mesmo assim, porque era o único no momento que poderia lhe ajudar. Envolver-se com ele foi um risco que quisera correr. E pronto. O homem tinha um passado. E quem não tinha? Era só isso.

Só isso.

Pena que não estava adiantando ser coerente e lógica. Seu peito apertava, a cabeça doía, os olhos ardiam, e a língua coçava. Queria gritar, quebrar alguma coisa.

Olhava fixamente um grande jarro decorativo sobre a mesinha ao lado da sua poltrona favorita. Estava muito bonito, ali, arrumadinho com flores coloridas, alegrando o ambiente... E parecia valioso.

Respirou fundo.

E outra vez.

Ficar sozinha alguns instantes era o caminho mais fácil para acalmar-se. Mas quando ouviu a porta abrir-se atrás dela, soube que não seria assim tão simples. E ouviu-se perguntando, sem voltar-se:

— Evangeline também era loira? Também se parecia com Luciane?

— Não. — Tim parou de chofre, confuso. Como assim? — O que? Do que fala?

Cathie pegou o grande vaso cheio de flores.

Tim se abaixou imediatamente.

Sentiu o vento passando sobre sua cabeça, e os respingos da água que acompanharam o movimento das flores voando longe, mas nenhum som de louça espatifando-se. Ergueu-se, batendo as mãos na roupa que recebera pétalas e talos de planta. Olhou em volta, e deparou-se com o vaso nas mãos de Catherine.

Ela deu de ombros.

— Não queria quebrá-lo.

— Também não quero que o quebre, muito menos na minha cabeça.

Cathie girou, descrevendo um meio arco com o vaso virado como se fosse um canhão, o bocal na direção de Tim.

Ele abaixou-se outra vez, enquanto cambaleava para trás.

— Porra, Cat!

— Não fale palavrão! Esqueceu das crianças?

— Perdoe-me.

Ela zuniu o vaso outra vez.

— Merda!

— Eu vou te acertar para valer, se continuar com esta boca suja dentro de casa!

— Eu paro!!! —Timothy se abaixou e afastou-se. —Mas você vai colocar esta porcaria de vaso na mesa!

Catherine fez uma careta.

— Jura que vai parar de falar palavrão dentro de casa?

Tim trincou os dentes, mas assentiu:

— Juro! Você é uma mulher manipuladora, sabia?

— Aprendi com o melhor.

Ela colocou o vaso sobre a mesa. Em um segundo Timothy já estava ao seu lado, agarrando-a pela cintura e puxando-a contra o peito.

—Agora sim podemos falar.

— Ora, seu filho de uma...

— Nã, nã, nã, proibido palavrões dentro de casa! Regra sua, lembra?

Cat respirou fundo. Não se surpreendeu quando ele a comprimiu com seu corpo másculo contra uma das paredes. O maxilar dele, quadrado e tão atraente, estava subitamente tenso.

— Evangeline não era loira. E nunca sequer beijei Luciane, ela foi um equívoco. Pensei que gostava dela, depois percebi que não. E não escolhi você porque também é loira.

— Claro. Este foi apenas um agrado extra.

— Cathie...

— Não quero fazer papel de idiota, Tim. Se tem algo mais a contar sobre suas aventuras, fale agora! Você já sabe tudo sobre mim, não será pego de surpresa se alguém comentar sobre meus noivados anteriores e os burburinhos em torno deles... Coloque-me no mesmo pé de igualdade!

— Sir Rodwell não me via há cinco anos, Catherine! O que ele disse dentro do coche são tagarelices de um velho fofoqueiro! Minha vida de solteiro não era tão diferente a de qualquer outro homem!

Cathie tentou desvencilhar-se dele, mas Tim deslizou suas mãos até os pulsos dela, e juntou-os, encostando-os no próprio peito.

— Que merda, Timothy! Pensa que nestas semanas que temos comparecido a jantares e festas eu não tive conhecimento de quem você é? E de quem são seus melhores amigos?

— De quem eu era. Agora sou um homem casado.

Ela riu, sem humor.

— Planeja me fazer acreditar que deixou de ser um dos libertinos mais famosos de Londres apenas porque casou-se?

— Não apenas porque casei-me. Mas porque estou muito bem-casado!

Os olhos violeta o encararam.

— É verdade?

— É toda a verdade, Cat, minha gatinha.

Ela suspirou.

Sonoramente.

E adoravelmente.

Tim aproximou-se do ouvido da esposa.

— Sentiu ciúmes?

— Ciúmes? Eu não senti ciúmes, Tim!

Ele a encarou daquele modo peculiar, as brilhantes contas negras fixas em seu rosto.

— Você até falou um palavrão.

— Não, não falei.

Ele riu, e beijou as mãos dela, que ainda estavam aprisionadas pelos pulsos.

— Negue o quanto quiser, mas eu ouvi. E eu tive ciúmes de você. Está linda neste vestido. E os homens estavam loucos à sua volta. Quase tanto quanto eu.

Cathie sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Tolo.

— Sim, sou. E sabe do que mais? Aguardei a noite inteira o momento de finalmente tê-la só para mim... E o momento chegou. Vou tomá-la aqui mesmo, esposinha.

Catherine arregalou os olhos.

— Aqui? Não.

— Aqui. Sim.

— Só se eu quiser!

— Vou fazer com que queira.

Inclinando o rosto, beijou-a.

E o fez com tanta perícia e paixão que Cathie esqueceu-se porque estava irritada antes, porque não queria conversar, e porque não deveriam fazer amor numa sala, ao invés de na intimidade privada de seu quarto.

Saias foram erguidas, calças foram abertas... Pernas enlaçaram-se em volta de uma cintura delgada e firme.

E um movimento fez com que lorde Tim preenchesse Catherine, profundamente.

Só percebeu o que fazia, e onde fazia, quando os tum, tum, tum da porta em que se apoiavam ficaram mais altos, acompanhando o compasso das investidas de Tim...

Arremetida

Tum

Arremetida

Tuum

Arremetida

TUUUM

— Estamos fazendo muito barulho, Tim!

Os olhos pesados dele encararam-na, sem compreendê-la totalmente. Então se abriram de todo.

— Ah! Sim, está certa.

Segurando-a firme, sem deixar que seus corpos desgrudassem, e ainda bem fincado dentro de Cathie, caminhou até uma poltrona, apoiou a esposa na base do encosto, e continuou o que estava fazendo.

Não importava que os gemidos e gritinhos de Cathie soassem bem mais altos que o bate-bate na madeira da porta, dessa vez não pararam até que o ápice chegou, e só então se deram por satisfeitos.

E depois de conferir as crianças em seus quartos, conde e condessa seguiram para o aposento que compartilhavam, onde adormeceram enrodilhados, e apaziguados.

Capítulo 20

A festa a céu aberto promovida por Seeley e Alelia Bennett, realizada em pleno Green Park, estava se mostrando um evento de grandes proporções, original como a maioria das celebrações organizadas pela esfuziante americana Alelia, e seu esposo Seeley, um inglês de família distinta, notável membro da Câmara dos Comuns. Muita gente comparecera para a confraternização informal. Crianças corriam de um lado para o outro em franca algazarra, jovens de ambos os sexos tinham oportunidade de conversar sem a supervisão de amas e damas de companhia, e todos podiam desfrutar das mesas fartas que o casal mandara colocar num espaço arborizado fora da alameda mais usada para os passeios a cavalo.

Tim havia ficado satisfeito de proporcionar aquela tarde alegre para suas crianças. Elas sentiam falta das brincadeiras ao ar livre, e mesmo os passeios ocasionais ao Hyde Park não supriam a necessidade inerente de correrem soltas e livres. Com tantas pessoas conhecidas por perto, e uma profusão de babás e preceptoras atentas aos pequenos, dificilmente algum acidente aconteceria, e ele pode relaxar com Cathie. Estavam sentados sobre uma toalha colorida, conversando tranquilamente com Jake e Amber. Como a duquesa previra, ela e Catherine se tornaram amigas muito rapidamente.

E Vitoria estava sentadinha diante de Amber, observando, tocando e experimentando vários brinquedos de madeira e pano junto com Nicholas, filho dos Tyrone, mais jovem que a filha do conde.

— Todos os pequeninos desviam seu caminho para cumprimentar você, Amber! — Cathie deu uma risada, depois que um grupo barulhento de meninas se afastou deles.

A duquesa estava retirando outro brinquedo da boca de Nicholas, e sacudiu a mão livre, minimizando a situação.

— Ah, bobagem, nem tanto.

Cathie voltou a rir.

— É, tanto, sim! Não havia levado muito a sério quando Jules e Sue

falaram que as crianças se voltavam em sua direção como abelhas se voltam a uma flor, mas percebo que é verdade!

— Ela tem um dom. — Jake sorriu para os amigos, e logo em seguida, para a esposa. O orgulho estava estampado em seu rosto, bem como o amor que sentia.

— Certamente que tem! — Cathie concordou, enquanto se levantava e depositava um beijo no topo da cabeça de Vitoria. — Vou verificar as meninas, e volto logo.

Acenou para os amigos e o esposo, e afastou-se.

Timothy reprimiu um suspiro. Cathie não o beijara.

Não devia se incomodar com uma tolice dessas, mas algumas vezes pegava-se desejando pequeninas coisas que observava em outros casais. Talvez a convivência demasiada com os velhos companheiros o estivesse afetando de um modo estranho... Tornando-o um pouco invejoso de demonstrações públicas de afeto, por exemplo.

Que paspalhão era...

Estas evidências eram características de um casal apaixonado.

E esta coisa de paixão e amor não fora a razão para sua união. Ajuda mútua sim. Comodismo sim. Atração... sim. Amor... não.

Não.

Não mesmo.

E nem precisava disso.

Já estava muito bom como estava.

Merda. Cathie nem o havia beijado quando se afastara.

Catherine sentira uma repentina vontade de afastar-se de Jake e Amber, e inventara uma desculpa para fugir, após assistir, mais uma vez, a manifestação do amor e da cumplicidade entre eles. Duque e duquesa de Tyrone eram muitíssimo apaixonados. Os olhos de Jake acompanhavam cada movimento da esposa quando ela estava perto. E ela correspondia da mesma forma. Também era natural para eles pequenos toques... Um ajeitar nos cabelos do outro, uma mão que elevava-se ao peito do esposo e mantinha-se ali até que ele respondesse tocando a dela, segurando-a, de modo íntimo e carinhoso...

E Robert e Suzanne eram ainda mais calorosos entre si. O marquês puxava a esposa pela cintura e a abraçava ostensivamente.

Tristan e Juliet conseguiam superar todos. Tristan beijava Jules em público. Na boca.

E nem eram beijos muito curtinhos...

Sem se importar um nada com quem estivesse por perto. Só mantinha comportamento discreto diante de crianças.

Como seria amar tanto alguém de um modo que tornava-se imperativo ostentar este amor e demonstrá-lo de todas as formas que era possível? Íntima, pública, e abertamente?

Catherine crescera num lar sem amor. Os pais não se amavam, e nem pareciam amar aos filhos. O afeto que recebera partira dos criados da casa, das babás, das preceptoras... E um pouquinho também dos três irmãos mais velhos, quando ocasionalmente vinham passar alguns dias com a família, nas férias do Eton, e anos depois, de Cambridge.

Porém mesmo estas pequenas porções de carinho familiar foram-lhe tiradas, já que cada irmão, ao casar-se, partia com a esposa para o mais distante possível de Desmond Sacred Heart. Nenhum deles queria seus filhos, e principalmente suas filhas, ao alcance das garras do patriarca.

A rebeldia dos herdeiros diretos foi mais uma fonte de irritação para o pai, que já perdera poder sobre os sobrinhos uma década antes, quando o irmão de Desmond, tio Salomon, morreu.

Felizmente.

Uma boa parte da família sentira nada mais que alívio quando o velho oportunista falecera subitamente. Depois de perder o parceiro de negociatas, e sem ter com quem mancomunar para oprimir, chantagear, e constranger, muito do prestígio de Desmond caíra.

Tentara apoderar-se de Hope e Faith, mas tia Margot mostrara-se irreduzível. E, logo após, fora a vez de Cathie escapulir dos Heart. Sua mãe nunca a perdoara por sua atitude.

Mas não queria dar espaço em seus pensamentos para seu mesquinho pai, ou a fria mãe.

Mas, se sua atenção estava no amor... Naturalmente que também se concentraria na falta dele...

Enquanto fazia sua caminhada aleatória, afastando-se da festa e dos convidados, buscando uma alameda silenciosa, voltou a ruminar sobre amor, casamentos, e demonstrações apaixonadas...

— Catherine!

Catherine estacou, surpresa ao ver-se diante de Clayton Prescott.

O homem havia encorpado desde que o vira pela última vez, fazia bastante tempo. Continuava ostentando a mesma beleza plácida, porém seus olhos estavam injetados, fazendo com que as íris de um azul claríssimo parecessem translúcidas.

Combinado com a face pálida, causava um efeito inquietante.

A condessa olhou em volta, instintivamente. Precisava mesmo ter adentrado uma área tão isolada do parque?

— Lorde Prescott — Catherine o cumprimentou, — espero que se encontre bem. Com sua licença, preciso encontrar minhas sobrinhas.

Fez menção de seguir seu caminho, mas Prescott moveu-se ao mesmo tempo, pondo-se diante dela outra vez.

— Está ainda mais bonita, Catherine.

Ela não estava gostando do tom íntimo com que Prescott falou seu nome.

— Sou Lady Flanagan agora. Condessa de Attwood.

— Eu sei. Não deveria estar casada com Lorde Tim. Você é minha, Catherine. Eu comprei você. E não foi nada barato.

O coração de Cathie apertou um segundo antes de disparar em alarme.

— Isso faz muito tempo. E o senhor cancelou o casamento.

— Na época você me envergonhou perante toda a sociedade. Embora nunca tenha sido provada a sua fuga na companhia de outro homem, os rumores tiveram grandes proporções. Não esperava que eu fosse ignorar sua afronta, não é mesmo?

As pupilas dele iam aumentando enquanto falava. Cathie deu um passo para trás.

— Se comportou como uma prostituta e queria que eu a aceitasse de volta sem questionar?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não...

— Não tente se defender!

O berro de Clayton Prescott a assustou, fazendo-a perceber que o homem estava alterado além da conta.

— Seu pai nunca me devolveu o dinheiro que paguei. Então continuei tendo direitos sobre você, sobre seu corpo. Eu estava apenas esperando que a situação caísse no esquecimento antes de voltar a procurá-la... Mas lá foi você, outra vez, envolver-se com outro. Uma vez puta, sempre puta!

Catherine não ia calar-se diante daquela ofensa, mesmo partindo de um

ébrio furioso.

— Eu não sou uma puta, mas você é um grande bastardo! — Catherine cuspiu as palavras, dando um pulo para o lado quando uma mão grande resvalou em sua face. As pontas dos dedos dele arderam em sua pele. Se houvesse a acertado para valer, a marca ficaria feia.

— Passional e desbocada, hein? Posso não querê-la como esposa, mas como amante, é outra história. Ainda mais agora que deve ter aprendido uns truquezinhos úteis com seu marido devasso.

— Vá para o inferno!

Catherine afastou-se rapidamente, mas Prescott esticou-se e fechou a mão sobre o braço direito dela, segurando-a para que não corresse.

— Você me deve, Catherine, e vou pegar meu pagamento. Agora, ou depois, não importa, mas vai valer cada moeda. — Prescott sorriu, e a falsa mansidão que demonstrava usualmente deu lugar ao lobo que se escondia por baixo da pele de cordeiro — Aceite, para que seja menos doloroso para você.

Aproximando-se do ouvido dela, completou:

— Eu, sinceramente, não me importo que sinta dor. Acho até que gostarei mais se...

— Largue minha filha agora mesmo, Prescott.

Oh, oh... Hoje era dia dos reencontros...

Cathie aproveitou a distração proporcionada pela chegada de Desmond e chutou a canela de Prescott com toda a força.

Ele a soltou, levando a mão à perna atingida.

— Sua vadiazinha!

Desmond empurrou o lorde, afastando-o de Cathie.

— Basta, Prescott.

— Ela me deve!

— Ela não lhe deve nada. Você não quis casar-se, lembra?

Era perturbador notar como seu pai conseguia manter a calma e a voz tranquila enquanto o outro homem, irado, vociferava. A frieza de Sacred Heart era legendaria, e vê-lo em ação era sempre um exercício de conhecimento para quem gostaria de aprender o modo inglês de tratar aqueles a quem julgavam seus inferiores.

— Só porque ela fugiu com outro! — Justificou-se Prescott.

— Isto não é verdade. E nada do passado importa mais. Ela está casada com um conde. Casada. Pare de fazer papel de tolo, não lhe cai bem. Siga sua

vida, Prescott, Catherine está seguindo a dela.

Prescott desistiu de discutir. E mesmo com o ódio ainda queimando em seu olhar, afastou-se.

Então Desmond girou o corpo para encarar a filha:

— Renovando velhos laços de amizade, hein, Catherine?

— Estou lhe dizendo... Prescott tem alguma ideia esquisita na cabeça! Ontem, depois que havia bebido demais, começou a dizer, para quem quisesse ouvir, que Timothy não tinha direito de ter se casado com a noiva de outro homem! E que a afronta não passaria impune. — Christian havia ficado preocupado com o comportamento do outro homem, na noite anterior, e agora contava o que vira para o marquês e a marquesa de Brighton, próximo à mesa de refrescos.

— O idiota cancelou o casamento com lady Catherine faz anos e agora quer reclamar direitos? — Robert estava perplexo.

— Alguns homens são assim — Luciane, ao lado de Christian, e de mãos dadas com ele, opinou. — Nunca se lembram de sua noiva, até que esbarram nela.

Christian virou-se rapidamente em direção à esposa.

— Mas eu não cancelei nosso noivado! E nem tinha intenção de fazê-lo!

Luciane bufou, olhando para o outro lado. Sua amiga Suzanne, de braços dados com o marido, deu uma risadinha.

— Timothy precisa saber que Prescott está rancoroso, e pode se tornar inconveniente.

— Certo, vamos avisar ao Tim. O vi conversando com Jake tem meia hora.

Tristan e Juliet aproximaram-se, com expressão preocupada.

— Alguém viu Lorde Tim?

— O que houve? — Suzanne alarmou-se — É o Prescott?

— Prescott? Não? — Tristan sacudiu a cabeça — É Desmond! Ele está circulando entre os convidados dos Bennett! Seria bom alertar Timothy e Catherine, e reunir as crianças deles, apenas por prevenção...

Robert coçou a cabeça.

— Já íamos mesmo procurá-lo para falar do Prescott.

— O que tem Prescott? — Indagou Tristan.

— Decidiu bancar o noivo indignado.

— Ah... Mas essa agora...

— Vocês viram o Prescott? Está bêbado! Logo cedo. — Grayson interrompeu a conversa, parecendo indignado. Matthew, que vinha junto com ele, completou:

— E parece estar à caça de confusão.

— Ele está aqui? — Christian surpreendeu-se.

— Sim, está!

— Droga! Tristan, vamos avisar Timothy e Catherine. Matt e Grayson, vocês ficam de olho em Prescott, Chris, você localiza Desmond e o mantém longe das meninas Sacred.

— Nós vamos juntar as meninas! — Avisou Juliet, pegando a mão de Suzanne.

— Eu vou ajudar vocês. — Luciane ofereceu-se imediatamente.

Luciane ainda não havia sido apresentada a Catherine, pois havia chegado a Londres com os filhos apenas uma noite antes. Mas conhecera as crianças dela e de Tim, pois estavam brincando com seus meninos mais cedo. Como já sabia de toda a batalha judicial com a família Heart, não poderia deixar de tomar partido dos Flanagan.

Todos concordaram e espalharam-se para fazer suas buscas.

— Pois é. Veja os amigos que o senhor escolheu para mim, papai. — Catherine enfatizou a última palavra.

O homem deu uma risada.

— E você escolheu coisa muito melhor, não é mesmo? Lorde Tim como marido, e toda a corriola de libertinos como melhores amigos.

— Não os compare. São mais dignos que o Prescott. Ou que o senhor.

O olhar de Desmond ficou ligeiramente oblíquo. Catherine conhecia aquele olhar. E preparou-se. Não para uma agressão física, sir Sacred Heart não agia com brutalidade para com as mulheres, isso não. Não era necessário tendo sua língua ferina, que machucava muito mais que qualquer violência.

— Oh, sim, é um conde, o seu marido. E amigo de duques e marqueses.

Muito digno. Estou orgulhoso de seu feito, e satisfeito por você ter mais de mim do que eu poderia supor. Boa jogada a sua, fez xeque-mate, e ganhou o tabuleiro.

— Não pareço com o senhor, e nem fiz de meu casamento uma jogada.

— Talvez não. Possivelmente a jogada tenha sido minha. Casou-se com o Attwood por minha causa, não foi? Previsível... Coabitando na mesma casa com um tipo como ele.

Catherine sentiu o rubor subir-lhe pelo pescoço, e chegar às suas faces.

Desmond deu alguns passos aleatórios, pensativo. E continuou a falar:

— Ou talvez... Apenas talvez... a jogada tenha sido do conde. Não pode esperar que alguém com a experiência dele em conquistas não saiba manipular e conduzir as coisas a seu contento.

— Ele apenas foi solidário, não usou de manipulação.

Desmond juntou as mãos e bateu as pontas dos dedos na boca, enquanto ria.

— Crê mesmo nisso? Ora, Catherine, não pode reconhecer um sedutor nem mesmo se tropeça nele, não é? Quanta ingenuidade...

Ela gostaria de afastar-se, tapar os ouvidos, dizer algo, mas estava ali, sem ação, e sem palavras.

— Tem mesmo a ilusão de Flanagan casou com você apenas para ajudá-la? E para salvá-la de mim, o vilão malvado? Vou lhe contar um pequeno segredo: não existem homens bonzinhos... E estou pasmo que não tenha percebido, com a vida que tem levado desde que fugiu de casa pela primeira vez.

— Desmond divagava com fala mansa e pausada, captando toda a atenção da filha. — E pensar em nobreza de caráter quando fala de Lorde Tim... Não é possível que não o conheça em nada... Passado? Personalidade? Intenções? Então sou eu, Catherine, quem escolho mal os consortes das minhas Sacred Heart?

Parecia a Catherine que seu coração transformara-se no som das batidas de um tambor, e que aumentava e acelerava em mesma proporção, chegando aos ouvidos, e tentando escapar de seu peito. Disse a si mesma que só ela o poderia ouvir, que precisava acalmar-se... manter a expressão serena, e a respiração regular. Ela sabia que os homens não eram bonzinhos... Ela sabia, e seu pai não precisava dizer-lhe isto. Recordava-se de Tim também garantindo que não era.

— Nenhum homem faz algo sem pensar no que levará em troca. Sempre há um interesse por trás de suas atitudes... Dinheiro, poder, sexo, a salvação de sua família, um filho varão, a garantia de manter um título na sua descendência direta... — Desmond balançou a cabeça, e seus lábios se fecharam, mais ainda

assim havia um sorriso ali.

Catherine pôs a mão sobre o ventre, devagar.

E o pai dela prosseguiu:

— Podem ser todas estas coisas juntas. Ou não, apenas algumas... Um conde é treinado desde o berço para planejar e pensar muito bem antes de fazer qualquer coisa que possa atingir sua família. Não há lances espontâneos, saiba você. Ele será rápido em suas cartadas, e isto pode lhe dar a impressão de que é generoso... Será veloz principalmente se o que está sobre a mesa é algo que poderá beneficiá-lo tanto a curto como a longo prazo. Como uma esposa proveniente de uma lendária família de homem fecundos e de boas parideiras. Como você, Catherine. Você estava na mesa, como sempre esteve. E foi negociada mais uma vez. A diferença é que agora o pagamento não veio para minhas mãos. Pelo menos não ainda.

— Não, está enganado. — Catherine não tinha saliva para tragar. A garganta doeu ao engolir em seco.

— Você é que está iludida se acredita realmente que seu marido não rejubilou-se ao saber que havia uma Sacred Heart em sua casa. Disponível e precisando de ajuda. Deus... ele deve ter achado tudo tão perfeito... E tão, tão fácil!

A risada de Desmond soou mais alta que as anteriores.

— O pai do atual conde de Attwood tentou conseguir uma noiva Sacred Heart para o filho. Duas vezes. Infelizmente para ele recebi ofertas melhores. Oh, sim... Ele propôs para Gertrudes e para outra prima sua... — Ele olhou para o alto, pensativo — Rosamund, se não me engano. Pensei que ele viria atrás de você quando declarei no Boodle que gostaria de garantir um bom marido para minha filhinha... Devia estar entretido demais com a nova esposa para lembrar-se do filho do primeiro casamento, então. Certamente planejava encomendar mais um herdeiro ou dois... A ironia é que vieram meninas. E o atual conde... veja só! Também teve uma menina. Deve ser frustrante ter tão poucas crianças na família... e as que nascem... serem inúteis.

O comentário final fez Catherine reagir.

— Emily e Jane não são inúteis! Nem Vitoria! E elas são muito amadas pelo conde!

— Claro que são, minha querida, claro. Como serão os filhos que você dará a ele. Tenho certeza que virão muitos. Bem como muitos netos. Uma Sacred Heart nunca falha em sua missão. E seus rebentos terão as mesmas qualidades que você. Linhagem forte, de qualidade. É o que todos os nobres querem.

— O senhor julga aos outros como a si mesmo! Nem todos os membros da nobreza transformam sua linhagem e sucessão em motivo para transgredir ou jogar sujo.

Desmond ficou sério.

— Não tenho uma filha estúpida. Isto sei que não. Os nobres não sofrem de falha de caráter ao pensar a quem se destinará seus condados, baronatos ou ducados. Eles são precavidos, e buscam as alianças tanto lucrativas quanto benéficas aos seus. E esta realidade fez dos Sacred Heart mais ricos. Sempre foi assim, muito antes de mim, ou do meu pai, ou do pai do pai dele. Sabe muito bem. Não negue a você mesma a verdade. À sua volta, o tempo todo, os casamentos acontecem por acordos e trocas convenientes. Quer fingir que não foi o que lhe aconteceu? Faça-se de idiota então.

Tristan e Robert foram encontrar Tim e Jake junto a uma mesa com diversas opções de bolos, cobertos de geleia colorida ou açúcar, escolhendo junto com Vitoria o que iriam experimentar. A menina parecia muito empolgada.

— Finalmente o encontrei!

Timothy voltou-se para Robert, sorrindo. Logo percebeu, pela expressão do amigo, que algo não estava bem.

— O que aconteceu?

— Seu sogro está aqui.

— O que? Não quero este homem perto de Hope e Faith. Nem de Cathie.
— O olhar de Tim correu em volta de onde estavam — E nem sei onde elas estão.

— Há mais uma questão. Um convidado bêbado que pode causar constrangimentos para você e Catherine... Clayton Prescott está agindo como se você houvesse lhe tomado a noiva.

Tim virou para Tristan, boquiaberto.

— Está brincando?

— Não brinco quando falo de um cavalheiro que pode trazer problemas a outro por causa de uma mulher.

Timothy levou as mãos às têmporas, assim que uma desagradável dor o atingiu.

— Minhas garotinhas não vão assistir nenhuma cena vexaminosa que

envolva a mim ou a Catherine. Vou levar todas para a casa imediatamente, e lidarei com Prescott em outra ocasião.

— Vá procurá-las, Tim. Vou deixar Vitoria com Amber e me juntarei a você nas buscas pelas outras. — Sem esperar concordância Jake pegou Vitoria no colo, colocou um pedaço de bolo na mãozinha dela e disparou em direção à sua esposa.

Timothy seguiu com Robert e Tristan, procurando Catherine e as crianças.

Capítulo 21

Desmond continuava a destilar seu veneno:

— Sugiro que seja uma esposa generosa, Catherine, para que seu marido não enjoje de você muito rapidamente e volte às suas aventuras escandalosas. É um libertino famoso o seu, e não tenho tanta certeza que se transformará no companheiro exemplar que tanto almejava.

Christian, que ouvira uma parte da conversa entre pai e filha ao aproximar-se, teve ímpetos de pegar o rosto de Desmond e batê-lo com toda força no tronco mais próximo. No entanto, controlou-se. A condessa não gostaria, e nem merecia, uma cena dessas. Interrompeu-os:

— Boa tarde. Milady, seu esposo a procura.

Catherine estava tão atenta a seu pai, que estremeceu, assustada, com a interrupção de Christian Cunningham. Mas seu rosto logo transmitiu o alívio pela chegada de alguém amigo. Meneou a cabeça, agradecida, e deixou rapidamente a clareira, sem conseguir sequer emitir um agradecimento.

— Sir Desmond, como está passando? Não avistei sua esposa, mas espero que encontre-se bem. — Christian pôs-se diante do pai de Catherine, antes que o homem seguisse a filha.

Se Sacred Heart falasse outra injúria para a condessa, o coronel não responderia por seus atos. Seu semblante estava soturno, e esperava que o pai de Catherine o percebesse.

O homem ergueu o olhar para ele, e demonstrou haver entendido a expressão pouco amigável. Mas respondeu com a serenidade de um bom

jogador:

— Olá, coronel Cunningham. Estou bem, obrigado. Minha esposa não veio a Londres, está passando uns dias no campo, com uma amiga. Mas está ótima, realmente. Espero que a sua família também encontre-se com boa saúde.

Christian não respondeu, apenas ficou encarando Desmond. Era mais alto que o outro, e sabia fazer bom uso de sua postura militar para inibir um adversário.

Mas então Timothy chegou até eles.

— Lady Flanagan saiu daqui agora mesmo — avisou-lhe Christian.

— Obrigado, Christian.

Lorde Tim voltou sua atenção para Desmond assim que Christian afastou-se, junto com Robert e Tristan.

— Olá, filho.

Filho? Timothy engoliu a resposta mal educada que subira-lhe a garganta. Estava aprendendo a moderar sua língua, pois Cathie não gostava da quantidade de palavras que dizia. Também era consciente que tinha muitas crianças em casa — e planejava ter mais — logo, precisava dar bom exemplo. Além disso, estava diante do pai de sua esposa. Não podia tratar o homem como um canalha qualquer, podia?

— Sir Desmond.

— Finalmente nos encontramos, Attwood. Esperava que em outras condições, mais adequadas. Aguardei sua vinda à minha casa, ao menos para um comunicado ou a apresentação formal de conde e condessa à sua família... No entanto, isto não aconteceu... Bem... Antigamente um cavalheiro sempre pedia permissão ao pai da noiva antes de dar qualquer passo rumo ao matrimônio.

— Os tempos mudam.

— Sim, e nem sempre para melhor.

— Há controvérsias quanto a isso.

Desmond riu.

— Oh, sim, creio que sim. Vocês, jovens, tem ideias diferentes às de nós, da antiga escola. E o tempo urge com mais frequência para vocês, suponho.

Timothy não era tão jovem, mas possivelmente parecesse ser, em relação ao homem grisalho diante dele, e seus pensamentos retrógrados.

— Talvez.

— Devo alertá-lo que Prescott não aceitou muito bem seu casamento com a minha Catherine. Precisei escorraçá-lo daqui, pois já estava passando dos limites.

— Agradeço sua intervenção. Cuidarei de Prescott pessoalmente. Agora, que tal deixarmos de amenidades? Veio ao evento para abordar Catherine? Pois sugiro que se esta for sua motivação, abandone-a. Se tem algo a dizer, pleitear ou questionar, deve dirigir-se a mim.

— Oh, oh, oh... — Desmond riu. — Assim fica muito melhor. Conversa direta e às claras. Fico feliz que eu possa lidar de homem para homem... Catherine é muito emotiva, como todas as mulheres, e não entende os aspectos práticos da maioria das questões...

Timothy permitiu que seu olhar vagueasse, demonstrando estar perdendo o interesse na conversa com Sacred Heart. O outro apressou-se em prosseguir seu discurso:

— Sei que é um homem muito atarefado, meu filho. Esteve tanto tempo fora, e tem muita bagunça para arrumar. Ademais já tem suas próprias meninas para educar e cuidar: a filha que ainda é muito pequenina, e suas duas irmãs... Agregar mais duas órfãs... oh, não, isto é demais. E estando recém-casado, ainda por cima... Ora, ora, recordo-me das alegrias do começo de um casamento... À noite merece dedicar-se à sua nova esposa... Tantas crianças em casa irão roubar-lhe o precioso tempo livre que poderia dedicar à Catherine e sua futura prole. Já deve ter percebido que excesso de gente em casa demanda muito mais trabalho que um homem que vivia apenas com uma herdeira poderia esperar.

Timothy suspirou.

— É verdade.

— Ah, meu caro, sei que é. Compreendo perfeitamente. Mas saiba que pode contar comigo para ajudá-lo, e para retirar de suas costas o peso excedente das obrigações. Com muito prazer tomarei conta de Hope e Faith, com todo o zelo, para que ambas tenham um futuro maravilhoso, como se espera de todas as mocinhas de boa família. São Sacred Heart e receberão os melhores cuidados, pois contarão com a experiência que eu e minha esposa temos em educar e preparar para o futuro as jovens de boa origem. Catherine não compreendeu as minhas intenções, mas você, lorde Tim...

— Sim.

O olhar de Desmond refletiu sua surpresa, mas ele conseguiu moderar o júbilo que ameaçava explodir em sua voz e em seu olhar. Sorriu:

— Sim? Eu então, imediatamente irei...

Timothy ergueu uma mão.

— Sim, sou um homem muito atarefado, tenho muitas obrigações a cumprir, muito a organizar. Tenho pouco tempo, meu sono não é o mesmo desde

que tantas crianças entraram em minha vida, há muito barulho, mais confusão do que alguém poderia desejar, e sim, admito que mantenho muitas órfãs sob o meu teto, demandando atenção e cuidados.

— Ninguém vai julgá-lo mal por querer livrar-se...

— Eu adoro tudo isso.

— O que? — Desmond estava atônito.

— Eu disse que adoro tudo isso: a confusão, o barulho, a falta de tempo, o pouco dormir e todas as aporrinhações que as minhas pequenas órfãs me trouxeram. Eu tenho crianças demais em casa, mas ninguém vai tirar nenhuma de mim. Nenhuma.

— Penso que...

— Não pense nada. Não ache nada. Afaste-se das garotas que estão sob minha guarda. Elas nem sequer levam o nome Sacred Heart. Os pais delas queriam-nas longe de você, assim como a avó, e a tia, do mesmo modo que Catherine. Mantenha distância também de minha esposa, Desmond. Não cause problemas para mim, ou posso ser levado a querer causar problemas para você.

Timothy inclinou a cabeça para que seus olhos ficassem à mesma altura dos olhos do sogro.

— E creia-me, eu posso caprichar muito nisso. Você não iria querer me desafiar.

Desmond deu dois passos para trás, balançando a cabeça.

— Se quer assim.

— Eu quero assim.

— Pois bem. Depois não venha me pedir para ficar com elas, quando estiver farto de toda balbúrdia que ocasionam.

— Não irei. Agora, suma.

Desmond não esperou por nova ordem, e afastou-se, a passos céleres.

— Muito bem! — Christian reaproximou-se, junto com Robert e Tristan, que sorriam abertamente. — Agora preciso lhe inteirar sobre o que seu sogro disse para sua esposa... A respeito de você.

Timothy estalou a língua. O dia que havia começado glorioso estava se transformando em nebuloso e sombrio...

Jake indicou onde estava Prescott, bebendo sozinho a alguns metros da mesa de coquetéis. Timothy chegou até ele com passadas largas e decididas. Grayson e Matt abriram-lhe passagem. Robert, Tristan e Christian vinham logo atrás.

Sem uma palavra Tim desferiu um soco, potente e certo. Clayton Prescott estendeu uma mão para evitar novo golpe, enquanto a outra, que segurava um copo, abria-se, derramando o conteúdo colorido sobre seu próprio traje. Perdendo o equilíbrio, graças ao murro e ao excesso de álcool que já havia consumido, sacudiu todo o corpo, e caiu, soltando um guincho, e esparramando-se de modo desajeitado no solo.

Os libertinos puseram-se a rir. Menos Tim.

— Se chegar perto da minha condessa mais uma vez, eu o matarei. Eu o matarei, está bem entendido?

Prescott assentiu várias vezes, apavorado demais para responder.

Timothy deu as costas à Prescott e foi procurar Catherine. Estava tenso, irritado e muito apreensivo. Seus amigos o acompanharam à distância.

O conde avistou Catherine rumando na direção em que antes estava a duquesa de Tyrone.

Acelerando o passo, a alcançou.

— Catherine!

Quando ela virou-se, Tim pode ver uma pequena marca vermelha em seu rosto.

— O que foi isso? Foi seu pai o responsável? — Moveu a mão para tocar o rosto da esposa, mas ela desviou-se.

— Não é nada. E ele não me encostou um dedo.

— Catherine, se ele bateu em você eu quero que me diga agora, irei até ele e...

— Eu já disse que não é nada, e que ele não me tocou. Não acredita em mim? — A voz de Catherine soou irritada.

— Claro que acredito.

— Eu também acredito em você, Timothy. Farei uma pergunta e aceitarei a sua resposta. Responderá com sinceridade?

Oh, Deus...

— Sim, Cathie, responderei.

— Você sabia que seu pai desejava que casasse com uma Sacred Heart? Sabia que ele tentou, por duas vezes, noivá-lo com garotas da minha família?

Não era só uma pergunta. Não eram duas perguntas. Era mais.

E ali poderia estar contido o destino, o futuro de Tim, e de toda sua família. A atual, e a que ele desejava ter.

Um silêncio estranho abateu-se sobre eles. Todas as coisas em volta, sons de conversa, gritos de crianças, um relinchar distante de cavalos, e mesmo o barulho do passaredo que se ouvia antes, acima de suas cabeças, pareceu sumir.

— Eu sabia.

Naquele pequeno instante em que ela o encarava, recebendo sua resposta, toda a decepção e tristeza sentida transpareceram em seu olhar.

Então Cathie baixou os olhos.

Ela não queria mais olhar para o conde de Attwood.

Nada poderia ser mais doloroso para ele do que esta percepção.

— Porém só fiquei sabendo depois que estávamos casados. E então eu já estava apaixonado por você.

Catherine ergueu o olhar para ele.

E o som dos pássaros voltou.

— Juro-lhe, Cathie.

— E não pensou em contar-me?

— Sobre meu pai ou sobre eu estar apaixonado?

— Sobre as duas coisas.

— Não achava realmente que seria importante contar sobre velhos anseios de um homem, postos de lado quando me tornei um rapazola. Ele nunca me contou sobre eles, e eu soube através de terceiros.

— Quando soube?

Oh, não, não...

— O que?

Ela repetiu, dando ênfase às palavras:

— Quando soube? Antes ou depois de me levar para a cama?

Timothy sentiu a garganta ficar estranha, e seus olhos foram atingidos por um súbito incômodo, e um embaçamento que lhe atrapalhou a visão. Balançou a cabeça, devagar.

— Não... Por favor, Catherine, não faça isto conosco... Não é assim...

Catherine também tinha seus olhos embaçados... Passou os dedos sobre

eles, e fungou baixinho.

— Responda-me.

As crianças aproximaram-se correndo, seguidas por Juliet, Suzanne, Luciane, Raj e a senhorita Taylor. Amber veio pelo outro lado, de mãos dadas com Vitoria. A aflição das meninas estampou-se em voz e gestos, enquanto elas abraçavam Tim e Cathie, pressentindo que a urgência com que foram retiradas de suas brincadeiras pudesse ser um mau sinal. Vitoria, agitada pela comoção em volta, correu para os braços de Catherine, e foi erguida no colo, escondendo o rosto no pescoço da madrastra.

A interrupção alvoroçada apenas aumentou a tensão entre lorde Tim e Cathie.

E suas meninas perceberam.

— O que está acontecendo? — Jane murmurou.

— Estão brigando? — Os olhos de Faith se arregalaram.

— Tia Cathie! Tia Cathie! Nós não vamos embora de novo, vamos? — Hope agarrou-se às saias de Catherine, sacudindo-lhe a roupa para chamar a atenção.

— Tim, diga que não, diga que não estão brigando e que nossa família não vai acabar! — Faith pôs a chorar, sendo imitada pelas outras.

E Vitoria, assustada com o pranto e os lamentos das outras meninas, começou a chorar também.

Timothy e Cathie murmuravam respostas para acalmá-las, mas não conseguiam se fazer ouvir.

Instalara-se uma babel.

Raj foi o primeiro a tomar uma atitude para diminuir o caos. Para isso falou muito alto, acima de todos:

— Calma, calma, senhoritas, venham com Raj, vamos tomar sorvete e deixar conde e condessa conversarem. Vamos, vamos.

As amigas em volta começaram a ajudar Raj com as crianças, conversando e atraindo-as para tomarem sorvete e outros doces primorosos oferecidos pelos donos da festa. As meninas afastaram-se enxugando as lágrimas, e olhando para trás, com preocupação.

Outros convidados, a alguma distância dos Flanagan, olhavam discretamente, tentando compreender toda a agitação entre crianças e adultos.

A senhorita Taylor incumbiu-se de pegar Vitoria.

Mas a pequenina chorou com mais força, agarrando-se a Cathie em desespero.

— Nãããããooo... Mamãããeeeeee!!

Todos estacaram.

Era a primeira vez que Vitoria falava a palavra *mamãe*.

— Shhhhhh... Calma, meu anjinho... Mamãe está aqui... Calma. — Catherine beijou a testa de Vitoria, reconfortando-a, e fez um sinal com a cabeça para a preceptora — Pode deixar Vitoria comigo, Olivia. Fique de olho nas maiores, sim?

— Sim, senhora.

A senhorita Taylor foi até as outras crianças.

Timothy sabia que mesmo com toda a desordem causada pela chegada e saída das garotas, Catherine ainda aguardava sua resposta.

Os soluços de Vitoria foram diminuindo pouco a pouco, até que ela aquietou-se.

Aproximando-se mais de Cathie, e esfregando com carinho as costas da filha, ainda agarrada àquela que agora era mesmo sua mãe, Timothy voltou a falar, mantendo uma inflexão serena:

— Cathie, recorda-se do dia em que fui procurá-la, para conversar sobre nosso casamento? E então Emily chegou, com o dedinho machucado?

— Sim, recordo-me.

— Naquele momento eu já estava decidido a tornar nossa união completa. E eu não sabia dos desejos de meu pai sobre uma aliança com os Sacred Heart. Eu havia decidido fazer de nosso casamento algo absolutamente real porque eu estava louco por você, Catherine.

A expressão dela, antes tão severa, abrandou-se. E os olhos violeta brilharam mais.

— E ainda estou louco por você, Cathie. E sempre vou estar. Não entendia antes que esta loucura era amor, mas agora sei. Eu a amo.

Aproximando os lábios dos dela, beijou-a com suavidade. Ficou feliz porque a esposa aceitou o beijo, e correspondeu. Envolveu-a em seus braços.

— Fui ver Gabriel Cunningham naquela tarde, deve lembrar-se também. E ele me contou sobre as tentativas de acordo entre meu pai e sir Desmond. Confesso que saber disso deu-me a total certeza de que nosso matrimônio seria pleno e feliz. Estava predestinada a mim, e eu a você, minha gatinha.

— Oh, Tim... Eu deveria estar furiosa com você.

O olhar dele foi tão terno quanto soaram suas palavras:

— Mas não está?

Ela balançou a cabeça:

— E como poderia? Eu também o amo, lorde Tim.

Timothy abriu um grande sorriso.

E tornou a beijar sua esposa.

— Podemos chamar nossas meninas de volta e tranquilizá-las? Você não vai dar nenhum pontapé no meu traseiro? Nenhum chute nas partes baixas?

Catherine deu uma risada.

— Talvez você merecesse algum chute ou pontapé, mas não, não vou.

— Fico muito aliviado.

Com a mão na cintura da esposa, puseram-se a caminhar em busca do restante de sua família.

Não deram mais do que dez passos. Raj vinha correndo na direção deles:

— Não consigo encontrar a senhorita Broadrick! Nós estávamos todos em volta da mesa de doces da senhora Alelia Bennett, mas as pequenas não queriam comer nada, mesmo com a dama insistindo, então a senhorita Taylor falou “vamos tomar sorvete” e eu disse “sim, vamos” e então olhamos em volta e a senhorita Broadrick havia sumido!

— Hope!

O grito de Catherine ecoou no ouvido de Timothy deixando-o ainda mais desorientado. Respirou fundo:

— Raj... Onde estão as outras meninas?

— Estão com a senhorita Taylor e as outras damas. — Raj apontou a direção onde estava o grupo — O senhor Seeley Bennett e os seus amigos espalharam-se pelo parque e estão fazendo buscas. E eu vim avisá-lo, Sahib. Eu não sei como isto aconteceu, meu senhor. Peço seu perdão.

— Cathie, fique com as outras meninas. Eu vou encontrar Hope.

— Tim, estou com medo. Hope é tão pequena... E se algo acontecer eu nunca...

Timothy segurou o rosto da esposa com as duas mãos:

— Não vai acontecer nada ruim com ela, doçura, eu não vou permitir. E mantenha a calma, as garotas precisam que fique tranquila.

Cathie aquiesceu, apertando Vitoria com mais força junto ao seu peito. Assim que a esposa afastou-se, o conde gesticulou para que o criado o

acompanhasse.

— Venha comigo, Raj. Vamos achar Desmond. E quando eu agarrar no pescoço dele, você só interromperá depois que o miserável disser onde está minha sobrinha.

Raj não sabia quem era Desmond, mas concordou efusivamente. Se o tal homem fosse responsável pelo sumiço de uma das meninas sob sua proteção, também gostaria de esganá-lo.

Desmond já estava próximo às carruagens quando seu casaco foi puxado por trás e ele foi virado e sacudido de forma violenta.

Viu-se diante de Timothy Flanagan mais uma vez, porém agora não havia frieza em seu olhar, e sim um ódio quase palpável... Atrás do lorde estava um homem moreno, grandalhão, com trajes incomuns e expressão feroz. E não demorou muito para que outros amigos de lorde Tim se acercassem dele, cada um deles o encarando com graus diferentes de fúria e desprezo.

— O que é...?

Desmond foi impedido de falar quando as mãos do conde de Attwood se juntaram em volta de seu pescoço, sufocando-o.

— O que você fez com a minha sobrinha?

— Acho que se apertar demais, ele não conseguirá responder — Grayson opinou.

Timothy ignorou-o.

— O que você fez com Hope?

Desmond abriu a boca, tentando responder.

— Afrouxe agora, Tim — o marquês de Brighton recomendou.

Desta vez Timothy acatou a sugestão.

Desmond gaguejou as palavras:

— Não fiz nada...

E Timothy voltou a apertar.

— Você raptou Hope?

Desmond conseguiu sacudir um pouco a cabeça, emitindo negativas em forma de balbucios.

— Juro... Que... Não... Eu... Nunca...

Jake olhou para seu irmão, Christian, e balançou a cabeça:

— Acho que ele disse que nunca fez isto. O que acha?

— Acho que ele disse que nunca fez, e nunca fará isso. Estou certo, sir Desmond?

O homem sacudiu a cabeça afirmativamente. Várias vezes. As lágrimas escorriam de seus olhos esbugalhados.

— Prometo-lhe... nunca farei...

Timothy não desviou os olhos de Desmond, mas perguntou aos amigos que haviam se apressado para segui-lo quando o viram a passos acelerados atrás de Desmond Sacred Heart:

— Devo soltá-lo?

— Eu acho que não — Matthew deu de ombros.

— Também não tenho certeza se deve — Tristan replicou.

Miles e Seeley, um pouco mais atrás dos outros homens, abafaram uma risada. Mas resolveram intervir.

— Já chega, Timothy.

— Ele não sabe de nada, senão já teria dito. Não vamos mais perder tempo aqui.

Timothy soltou Desmond, e afastou-se, junto com seus amigos, para recomençar as buscas por Hope.

— Lorde Tim!

Juliet trazia Sebastian, seu filho, pela mão.

— O que houve, Jules? — Tristan correu até a esposa, e agachou-se diante do filho.

— Está tudo bem, Tristan. Mas Sebastian tem algo a contar. Fale o que viu, meu filho.

O menino estava muito sério, e seus grandes olhos de cor cinza, iguais aos do pai, não demonstraram hesitação mesmo diante de todos os adultos que rapidamente o rodearam.

— Eu vi a Hope. Ela passou correndo por mim. Tentei ir atrás dela, mas nunca vi uma garota correr tanto.

Timothy soltou um riso surpreso e aliviado.

— Ah, sim, ela é muito veloz. Qual a direção tomada por Hope, Sebastian?

Sebastian apontou.

E o coração de Timothy acelerou. Se Sebastian estivesse certo, e ele acreditava que o menino estava, Hope correria para fora do parque, e seguiria

pelas ruas da cidade.

Ele sabia para onde ela estava indo, e esperava que chegasse bem.

Hope correria para casa.

Apertou a mão de Sebastian.

— Obrigado, meu rapaz.

Agradeceu Juliet e Tristan, e virou-se para Fallentin.

— Matthew, empresta-me seu cavalo?

— Claro, venha comigo, vou lhe mostrar qual é.

— Raj, leve Catherine e as meninas para casa. Encontraremos-nos lá.

Matthew era solteiro, então não viera de carruagem, como Tim adivinhou. Montando o cavalo emprestado, um Puro Sangue jovem e ágil, o conde saiu em disparada.

Sua casa não era distante. Saltando do cavalo com um pulo, deixou o animal a cargo de um criado e entrou, já vasculhando cada aposento. O mordomo não havia visto Hope. Mas isto não surpreendia Timothy. Alguns adultos simplesmente não reparavam em crianças. E a pequenina poderia ter entrado pelos fundos... Pensando nisso, subiu as escadas para o segundo piso, onde ficavam os quartos da família.

Abriu a porta do quarto que Hope dividia com Faith. Vazio.

Em seguida entrou no de Emily e Jane. Também não havia ninguém.

Nem no quarto de Vitoria.

Escutou um barulho no quarto dos brinquedos, e sorriu. Pôs a mão na maçaneta e empurrou a porta. Deparou-se com Shanti, que assustou-se com a entrada súbita e derrubou bonecas, aros, e blocos de madeira que tinha nos braços. Tim havia esquecido que a babá de Vitoria havia ficado em casa para arrumar brinquedos e roupas, e separar algumas peças para o Natal das crianças menos afortunadas, a pedido do pastor Thompson. O religioso organizava o evento especial com vários meses de antecedência, e Catherine havia se animado com suas ideias, portanto incumbira Shanti de separar o que não fosse muito popular entre as meninas da casa, mas estivesse em bom estado.

— Viu Hope?

— Não, milorde. Aconteceu alguma coisa?

Mas ele já saíra correndo, em direção às escadas do sótão.

Deus, que eu tenha retirado a banquetta de perto da janela, que eu tenha retirado a banquetta de perto da janela...

A porta do sótão estava aberta e ele entrou, aflito.

Hope estava em pé na banquetta que dava acesso à janela de escotilha que Tim usara tantas e vezes ao longo dos anos para ver Londres de cima.

A menina esticava-se para poder ver o que havia lá fora.

Felizmente ela era muito pequena, e mesmo sobre a banquetta não alcançava a janela.

Timothy expeliu o ar dos pulmões tão ruidosamente que Hope voltou-se em sua direção.

O rostinho estava banhado em lágrimas.

— Eu queria olhar pela janela uma última vez. Como quando o senhor me pegou no colo e mostrou tudo aqui de cima... Já que vou embora com tia Cathie... E com Faith... E eu... Não volto mais aqui... Eu... Vou sentir saudades.

Tim deu alguns passos até a sobrinha. Ela falava entre soluços.

— O senhor... Vai me visitar? Pelo menos uma vez?

— Hope... Você não vai a lugar algum sem que toda nossa família vá junto. A não ser, talvez, para a escola. — Timothy sorriu, enquanto abaixava-se para ficar na mesma altura que sua sobrinha. — Mas então Faith, Emily e Jane irão junto com você.

— Eu não vou embora?

— Não.

— Eu não vou embora com tia Cathie e com a Faith? — Hope estava parando de chorar, mas seu rosto ainda mostrava receio.

— Não. Ficaremos todos aqui mais um pouco, e quando Londres estiver muito, muuuuuito chata, voltaremos a Rose Place. O que acha?

Os olhinhos, arregalados, brilharam de alegria e a menina deu um gritinho feliz.

— Acho ótimo!

Então ela pareceu ter lembrado de algo, e suas sobrancelhas juntaram-se. Pôs as mãozinhas em concha e se aproximou do ouvido de Timothy.

— O senhor e a tia Cathie são namorados de novo?

Timothy deu uma risada e abraçou Hope.

— Sim. E eu e a tia Cathie seremos namorados para sempre.

Capítulo 22

— Então meu pai desistiu das ações para tentar retirar Hope e Faith de mim?

Catherine ainda estava sem acreditar. Olhava de Gabriel Cunningham para Timothy, esperando que um deles acabasse por dizer que não, ela não havia compreendido o que falaram, e Desmond Sacred Heart continuaria sendo uma sombra à espreita.

Mas o fato é que ela havia compreendido certo. Desmond Sacred Heart não mais a incomodaria em relação a Hope ou a Faith.

— Ele desistiu, condessa. — Sentado confortavelmente em sua cadeira de couro, atrás da enorme mesa de seu escritório, Gabriel Cunningham estava satisfeito em dar a boa notícia sobre o fim do processo de Sacred Heart contra sua própria filha, pela guarda das sobrinhas Hope e Faith.

— Oh, meu Deus... O senhor é maravilhoso, senhor Cunningham.

O advogado sorriu.

— Agradeço o elogio, mas não creio que o mereça. Já havia dito a vosso pai que não ganharia a ação, e mesmo assim ele não desistira... O que o fez mudar de ideia nesta última semana é um mistério.

Gabriel voltou seu olhar para Timothy, sentado ao lado da esposa, do outro lado da mesa.

O conde balançou a cabeça antes de tecer seu comentário:

— Oh... O que terá sido? De fato, é um mistério...

Catherine continuava intrigada, mas a alegria que sentia superava qualquer outra impressão:

— Bem, o que quer que tenha sido, foi uma benção!

Gabriel demorou seu olhar sobre Tim mais um pouco, depois voltou sua atenção novamente à condessa.

— Sem dúvida, milady. E não creio que sir Desmond volte a incomodá-la sobre esta questão. Contudo, se isto acontecer, estarei à sua disposição para tomar todas as medidas necessárias para impedi-lo de prosseguir com qualquer

tipo de ação que vise separar suas sobrinhas da senhora e do conde.

Catherine levantou-se, e os outros dois homens também se ergueram.

— Agradeço mais uma vez. Tenha um bom dia, senhor Cunningham.

— Bom dia, condessa. — Gabriel cumprimentou a dama com uma mesura, e apertou a mão de Timothy. — Conde.

Assim que deixaram o escritório Cathie deu um beijo demorado em seu esposo.

Quando os lábios se separaram, Tim estava bastante surpreendido.

— Hum... Não que eu não ache isto maravilhoso... Mas... Porque estou sendo beijado tão efusivamente?

— Por ter afastado meu pai de Faith e de Hope.

Tim coçou a cabeça.

— Quem disse que eu fiz isto?

— Ninguém. Mas não é necessário. Não sou estúpida.

Ela deu o braço a Tim e seguiram tranquilamente pela rua, até a carruagem.

— E seu eu supostamente fiz isso? Mereço alguma recompensa?

— Ah, lá vem...

— Vamos, querida... Se eu fui bonzinho, penso que mereço...

— Não vou fazer amor com você na carruagem, Tim. É desconfortável.

— Cathie... Você precisa ser mais colaborativa.

— Não.

— Por favor, Cathie.

— Não. E pare de insistir...

— Você nem tentou...

— Tentamos, sim. E foi um desastre.

— Eu fecharei as janelas da próxima vez.

— Desista.

— Nunca... Nunca, Cat...

— Posso me machucar, e isto pode fazer mal ao bebê.

— Não vai se machucar, e eu não... Espere... Pode repetir o que disse?

Timothy parou de andar, e segurou a mão de Catherine.

— Se eu me machucar, pode fazer mal ao bebê.

Os olhos negros estavam arregalados.

— Disse bebê?

— Disse duas vezes.

— Vamos ter um bebê?

Catherine sorriu.

— Vamos, lorde Tim.

Timothy abraçou a esposa e rodopiou com ela nos braços, para espanto dos passantes na rua. Sem se importar, ambos riam.

Cessando o rodopio, não cessou o abraço. Tim encarou Cathie, inclinando-se e aproximando sua testa até encostar-se na dela.

— Eu a amo muito, Catherine Flanagan!

— E eu o amo muito, Timothy Flanagan.

— Vamos para casa contar as boas novas às nossas garotas?

— Imediatamente!

Voltaram a caminhar de braços dados, sorrindo e fazendo planos que envolviam nomes, apelidos, e decorações de quarto para bebês.

Timothy havia chamado Raj em seu escritório, como tantas vezes fizera em todo o tempo de convivência que tinham. Embora fossem patrão e empregado, a relação de Tim e Raj chegara a um ponto tranquilo de intimidade, e amizade. Jogavam juntos, compartilhavam refeições, e nesse momento, tomavam um chá servido por uma criada londrina.

O conde pôs os cotovelos sobre a mesa, apoiando o queixo nas mãos, e perguntou, de chofre:

— O que está acontecendo entre você e a senhorita Taylor?

Raj se engasgou, soltando a xícara de chá sobre a mesa.

— Quê?

— Está cortejando a preceptora das minhas condessinhas?

— Eu? Não, não!

Timothy manteve o olhar fixo sobre o criado.

— Mas eu queria — admitiu Raj.

— Hum. — Timothy juntou as mãos, batendo os polegares um contra o outro, sem deixar de fitar o companheiro indiano. — Sabe que ela é filha de um escudeiro que morreu empobrecido, por esta razão ela teve que trabalhar. É uma jovem decente, que tem berço.

— Sim, claro, sei disso. Ela é de uma casta superior à minha. — Raj baixou levemente os olhos.

— Aqui na Inglaterra não existem castas, mas sim, existem normas a respeitar... Não pode levar uma moça de família para cama, apenas para divertir-se, tomando dela a única moeda de troca que possui para conseguir um casamento que a tire da penúria, e depois abandoná-la. Sabe o que acontece com uma jovem que é desmoralizada perante a sociedade?

— Sim, eu sei. E eu jamais faria isso

— Acredito. Pois se precisa apenas foder sugiro que procure uma das garotas da senhora Chase, ou tente a sorte com alguma das moças da taberna Uivo do Lobo, quando retornarmos a Rose Place. As taberneiras são mais livres em suas atenções, porém qualquer uma delas é boa o suficiente para manter uma relação a longo prazo com você. Terá o sexo que quer, sabendo compensá-la, de forma a aliviá-lo, e também agradá-la. Claro, não preciso ensinar-lhe nada disso, já que na Índia as coisas não eram assim tão diferentes daqui.

— Eu não... Não quero apenas aliviar-me! Nem manter uma relação... regular. Muito menos desejo outra moça! Eu gosto da senhorita Taylor. Quero me casar com ela! — Raj ergueu-se, voz e corpo.

Lorde Tim esperou longos minutos antes de voltar a falar, apenas observando as emoções passando no rosto de Raj.

— E ela? Também o quer?

Raj voltou a sentar-se, com olhar atormentado.

— Sim. E não se incomoda de que eu não seja inglês. Mas o que tenho a oferecer? Um estrangeiro, tão diferente dela, e de pele... o senhor sabe. Somos diferentes em aparência, em hábitos, em cultura. Eu não tenho nada para a senhorita Olivia Taylor. Nem mesmo bens materiais para apresentar. Um homem precisa demonstrar, pelo menos, que pode manter uma esposa. E os filhos que vierem. Sahib me paga bem, não quero parecer ingrato... Porém uma família merece, e precisa de mais.

Tim ergueu levemente as sobrancelhas, e assentiu, compreensivo.

— Bom. Nesse caso, tenho uma oferta para você. Eu lhe darei o cargo de administrador de Rose Place, e com ele a casa que acompanha a função. Se aceitar a nova função, Raj, terá um salário muito melhor, e uma boa casa para viver com sua esposa e seus filhos.

— Lorde Tim fala a sério?

— Muito sério, mesmo.

Raj emocionou-se. Tim fez uma careta.

— Vamos, homem, não faça esta cara. Apenas diga se quer o cargo.

— Sim, meu senhor, eu quero!

— Ótimo. — Timothy virou-se, pegando algo numa gaveta. — E este é um presente de casamento, meu e de Catherine, para você e sua noiva.

Pôs na mesa um saco de pano.

Raj não precisava abrir para saber que ali havia dinheiro. E pelo volume, havia bastante.

— No próximo ano as minhas condessinhas vão para a escola, e a senhorita Taylor será realocada, mas isto será tratado entre ela e a condessa. Então pode ser uma boa ideia ficarem noivos agora e aguardarem mais um pouco para casarem-se e ter sua lua-de-mel. Sua casa será próxima o bastante de Rose Place, e sua esposa não se sentirá sozinha, quando você vier à mansão cumprir obrigações.

— Meu senhor... Eu... Não tenho palavras para agradecer-lhe.

— Então não fale nada. Raj, também sou-lhe grato pelo anos que esteve comigo na Índia, e por ter vindo para cá comigo e com Vitoria. Considere como uma retribuição. Está bem? Não sou, bonzinho, já sabe.

— Sahib...

— Não sou. Agora, beba seu chá. Depois que você sair daqui, será hora de conversar com o mordomo. Sobre Shanti.

Raj teve um sobressalto.

— Sobre Shanti? Não me diga que ela... E o mordomo? Não...

— Não seja indiscreto, homem. Beba logo o chá, e não nos alonguemos mais. Tenho muito a resolver hoje.

Raj sorriu para o patrão, compassivo, mas Tim fingiu não perceber a expressão do outro, e voltou a beber seu chá.

Eu não sou sentimental, eu não sou bonzinho, eu não sou generoso. Talvez, se eu repetir isto várias vezes para mim mesmo, acabe sendo real, pensou Timothy, tamborilando os dedos na mesa.

Epílogo

— Sente-se, Tim. E acalme-se.

— Vai dar tudo certo, Tim.

Robert e Jake tentavam tranquilizar o amigo.

— Não deu certo da última vez — foi a resposta do conde.

Timothy andava de um lado para o outro quando Tristan chegou para unir-se em vigília na casa do conde de Attwood. A condessa entrara em trabalho de parto, e Raj, como orientado por Robert, mandara avisar cada um dos companheiros do lorde.

— Boa noite. Então, como estamos?

— Catherine está em trabalho de parto. Ainda.

— Ficaré tudo bem, Tim.

Lorde Tim continuou ziguezagueando pela sala, sem olhar para ninguém nem para nada em especial.

Tristan sentou-se entre Christian e Grayson, e ficou calado. Também tivera medo por Juliet quando ela entrara em trabalho de parto, nas duas vezes que parira seus filhos. De esguelha observou os outros homens.

Christian também parecia preocupado, e meio pálido. Devia estar cavando suas lembranças. O primeiro parto de Luciane resultara em gêmeos. Não foi fácil, e demorara toda uma noite.

Grayson, que descobrira-se um homem de fé havia pouco tempo, murmurava orações, com olhar vazio.

O marquês de Brighton estava sentado numa poltrona perto da janela, numa postura aparentemente relaxada. Sua perna direita sacudia sem parar. Não devia ser fácil para Robert estar bancando o valente, e animando o velho amigo. Estivera na casa do marquês, acompanhando Juliet, quando Suzanne dera à luz Gideon. Robbie tivera um ataque de pânico e quisera invadir o quarto onde estava a parturiente. Precisaram segurá-lo naquele dia. Fora necessária a força de três homens.

Jake era o mais calmo do grupo. Exteriormente. Quando Amber entrara

em trabalho de parto, Jake se comportara como um selvagem, ignorando os amigos ou os tratando com uma grosseria atípica. Depois pediu desculpas pelos modos terríveis, claro.

Cada um deles reagia de modos diferentes a tensão.

E ao medo de perder as amadas esposas, aquelas que os redimiram e os salvaram de um futuro solitário e oco.

Tristan, assim como todos os amigos reunidos na casa de Tim, dividindo com ele a tensão da espera, não queria nem mesmo imaginar como seria sua vida sem a mulher que mudara sua vida.

Uma porta se abriu em algum canto da casa e passos rápidos se fizeram ouvir sobre a madeira do assoalho. Timothy parou de andar, e voltou-se para a entrada, em expectativa. Os companheiros levantaram-se.

Amber surgiu. Seu rosto, alegre, já sinalizava boas notícias.

— É um menino! E Catherine está passando muito bem. Agora venha conhecer seu filho, lorde Tim!

Gritaria e assobios tomaram conta do ambiente. Timothy atravessou a sala, recebendo tapinhas nas costas e congratulações, com um sorriso enorme no rosto.

Tim hesitou na porta do quarto. Temia entrar, e deparar-se com o mesmo quadro assustador que vira quando Evangeline tivera Vitoria.

Juliet, que estava no corredor com Luciane, tocou seu braço. Ela reconheceu sua apreensão.

— Entre, lorde Tim.

Como que empurrado por estas palavras, Timothy entrou no quarto.

Catherine estava sentada na cama, ouvindo as recomendações do médico que fizera o parto. Ao seu lado estava Suzanne, escovando-lhe as madeixas douradas.

Sua esposa nunca estivera tão gloriosa quanto neste momento, luminosa e feminina. E saudável.

Tim sentiu as pernas fraquejarem, mas manteve-se firme. Rumou até ela.

Assim que Cathie notou a presença do marido, desviou sua atenção do médico para sorrir e acenar-lhe.

— Venha ver nosso filho.

Shanti, que estava num canto até então, embalando um pacotinho envolto em mantas, aproximou-se.

Estendeu-lhe o menino, que o conde pegou, fascinado.

Em tom muito suave, cantarolou:

— Olá, Colin.

O pequenino moveu os olhos para o pai. Num tom de violeta, um pouco mais escuro que o de Catherine. E cabelos negros, como os seus.

O médico o cumprimentou, e passou-lhe algumas instruções que Tim ouviu sem conseguir prestar realmente muita atenção. Suzanne, Amber e Shanti também o ouviam, o que era ótimo, pois teria que perguntar depois o que havia sido dito. Só queria sentar-se perto de Cathie, com o filho no colo, e se possível, com todas as suas outras crianças em volta.

— As meninas podem visitar Catherine? Tenho certeza que também estão ansiosas para conhecer o mais novo membro da família.

— Sim, podem. Mas não canse demais a senhora, e peça silêncio para que não assustem o recém-nascido. Pode não parecer, mas tem uma voz possante, este pequeno lorde — afirmou o médico, despedindo-se.

Timothy ficou ainda mais orgulhoso.

As mulheres deixaram o aposento junto com o doutor, permitindo que o casal tivesse privacidade com seu rebento.

Inclinou-se, para beijar a testa da esposa. Depois, os lábios. E sentou-se cuidadosamente na poltrona ao lado da cama, com Colin em seus braços.

— Está sentindo-se bem? Quer água? Mais travesseiros? Outro cobertor? — Timothy olhou em volta. — Precisa que abra as janelas? Ou feche as cortinas? Sei que gosta de comer doce quando se sente cansada... Gostaria que lhe pedisse bolo com geleia? E chá?

Timothy fez menção de puxar a campainha próxima ao leito, mas Catherine balançou a cabeça, em negativa.

E riu.

— Estou bem, e agora só necessito de sua presença, Tim.

Timothy relaxou. Estendendo o novo visconde de Alvoy para a esposa, conseguiu sorrir:

— Nós fizemos um lindo garotinho.

— E faremos outros.

— E outras.

— Com certeza.

— Eu já disse que a amo hoje, Cat?

— Ainda não...

— Eu a amo hoje, Cat. E a amo todos os dias. — Vergando-se até onde

estava Catherine, Tim a beijou.

O toc-toc na porta anunciou a chegada de Jane, Emily, Hope, Faith, e Vitoria, com a senhorita Taylor atrás delas.

Silenciosas, como Tim nunca vira, uma a uma as meninas aproximaram-se. O conde fez as apresentações.

— Este é Colin, o visconde de Alvoy. Milorde, estas maiores são suas tias Jane, Hope, Faith e Hope, e a menorzinha, sua irmã, Vitoria.

Exclamações admiradas e amorosas escaparam de suas bocas quando viram o bebezinho. Jane tomou a dianteira:

— Já tenho 11 anos e sou a tia mais velha. Posso segurá-lo?

— Pode. — Autorizou Catherine. E antes que as outras também pedissem para segurar Colin, ela prosseguiu — As outras terão sua vez outro dia, e farão isso sentadinhas na poltrona, ao meu lado.

As outras assentiram, animadas.

— Venha com a mamãe, Vitoria — Catherine chamou a filha, que atendeu-a prontamente, sentando-se muito comportadamente na beira da cama. — Viu seu irmãozinho? Vamos tomar conta dele com muito carinho e cuidado, não vamos?

— Vamo.

— Vamos — Cathie corrigiu-a, com carinho.

— Sim, vamos. — Vitoria afirmou, sacudindo a cabeça com tanta vontade que os pais puseram-se a rir.

Depois que as crianças admiraram e fizeram perguntas sobre Colin, a preceptora as levou para fora. O neném deu sua primeira mamada, sob o olhar enternecido dos pais, e após arrancar algumas risadas por causa de um arroto absurdamente alto, adormeceu.

Tim e Cathie viram-se sozinhos, na mais completa paz. Ele passou da poltrona para a cama, onde sentou-se, esticando um braço para envolver os ombros da esposa.

— Então, quando poderemos voltar a treinar, condessa?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Voltar a treinar?

— Sim. Treinar como fazer bebês.

— Oh, Senhor! Acabamos de ter um bebê, Tim!

— Não estou dizendo para fazermos um logo em seguida! Mas para treinarmos!

— Ah, seu libertino!

— Às suas ordens, madame!

Cathie deu uma risadinha. Recostou a cabeça no ombro do esposo, desfrutando do sossego e da intimidade que tinham.

Timothy pegou a mão da esposa, juntou à sua, e ficou observando-as tão belamente unidas.

— Este silêncio é tão incomum...

— Desfrutemos dele enquanto podemos, conde de Attwood. Colin despertará gritando, acredite-me.

— Oh, eu sei. Recordo-me de Vitoria fazendo isso. Quando vivíamos na Índia era muito comum que ela me despertasse com seus gritos. Eu atravessava a casa correndo... Mas quase sempre chegava depois de Shanti. Após quinze dias numa correria desabalada, mudei para um quarto mais próximo ao dela. Não quis deixar minha filha apenas ao encargo de uma criada. Sem mãe e com um pai indiferente? Não mesmo.

Catherine temeu que o marido ficasse nostálgico. Mas não pode deixar de indagar-lhe:

— Sente falta da Índia, Timothy? De sua antiga casa?

— Não. Eu estou em casa. Eu estou em casa com você, e onde você estiver, Cathie.

Dito isto, beijou-a.

Apaixonada e demoradamente.

Fim

Leia também o conto de Natal da série Libertinos:

Quando lorde Shakman saiu àquela noite fria de Dezembro, à cata de diversão em algum bordel ou casa de jogos londrinos, não poderia supor que teria seu destino selado de modo irrevogável.

Um encontro inesperado muda o caminho do notório libertino,
mostrando-lhe novas perspectivas,
alterando-lhe convicções,
traçando diferentes prioridades,
e abrindo caminho em seu coração para toda a surpresa, ternura e emoção que apenas a descoberta súbita e
incontestável do amor pode conseguir!

O Espírito Natalino pode operar milagres!

Os outros títulos da série são:

Por você

Somente em teus braços

Ao dispor do seu amor

Arrebata-me!

Table of Contents

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Epílogo</u>